Diário de Lisboa

BOM TEMPO

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA 26 DE MAIO DE 1972 — N.º 17753 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

TRINTA MIL MOTORISTAS À ESPERA DE ARRANQUE

«DL» ouviu as duas partes

Trinta mil motoristas têm o futuro pendente da vida do seu sindicato, agora em vias de normalização. Muitos têm andado arredados do trabalho sindical, conduzido há cinco meses por uma comissão administrativa e pela comissão pró-sindicato. Está em curso a revisão do contrato colectivo de trabalho e da carteira profissional. As próximas eleições — espera-se — serão o arranque de uma vida nova. «DL» entrevistou as duas partes e apresenta problemas que interessam a todo o público. (Ler nas páginas interiores)

HOJE 32 PÁGINAS-VISADO PELA CENSURA

A "vítima" de Frazier

O combate Frazier-Stander foi uma verdadeira carnificina: o candidato ao título mundial de «pesados» teve de levar 17 pontos naturais no rosto que ficará para sempre desfigurado, tal a eficácia e potência dos murros de Frazier. Stander, que também apresenta fractura do nariz, confessou: «O sangue cegava-me. Frazier é, incontestàvelmente, o mais forte. Tenho pena de Clay quando ambos voltarem a combater. Cassius Clay não tem qualquer hipótese contra este fenómeno». Na imagem: a mulher de Stander analisa os estragos no rosto do marido e conforta-o com um beijo. Frazier recebeu 6800 contos e Stander cobrou 1400. (Ler nas páginas de Desporto).

M. BAPTISTA A DIRECTORES DE JORNAIS

Lei e Estatuto não impõem exame prévio a todos os textos

Assinalar aos directores dos jornais alguns pontos particularmente relevantes do Estatuto da Imprensa, «adiantando-lhes a nossa interpretação e a orientação que ditada por ela iremos seguir» foi o objectivo do encontro esta manhã convocado para o Palácio Foz pelo secretário de Estado da Informação. «Não deixarei de anotar que nem a Lei nem o Estatuto impõem exame prévio a todos os textos ou imagens de publicações periódicas» — afirmou Moreira Baptista que passou em revista os pontos particularmente relevantes da legislação que entra em vigor no próximo dia 1: classificação da Imprensa, agências noticiosas, competência da S.E.I.T., limites da liberdade de Imprensa, empresas jornalísticas e editoriais, exercício da actividade dos jornalistas e abuso da liberdade de Imprensa. «São, pois os tribunais comuns os órgãos competentes para conhecer dos abusos de Imprensa para ordenar, em consequência, a apreensão de qualquer publicação» — disse o secretário de Estado, que acrescentou: «Exceptuam-se os casos graves e urgentes em que se admite uma apreensão prévia, a qual não poderá, porém, ser efectuada em relação às publicações já submetidas a exame e autorizadas após este a circular.»

E a terminar, o secretário de Estado disse:

«Pode haver causa de pecado ou necessidade de correcção, mas quando tal acontecer e por muito que isso nos penalize constituirão tais factos motivo de reconhecimento aos que — e são quase todos — sempre terão presente os grandes objectivos nacionais e, como tal, permanentemente actuam.

Continua na pág. 2

"CIMEIRA" EM FASE DIFÍCIL

A «cimeira» de Moscovo parece ter entrado na sua fase mais difícil, estando em risco, segundo os observadores, a assinatura dos dois acordos mais importantes: o da limitação das armas estratégicas e o que trata da cooperação comercial e económica. O presidente Nixon e os dirigentes soviéticos aguardavam a chegada dos negociadores das SALT. Só depois desses dois enviados fornecerem garantias de que abriram o caminho para um acordo ao mais alto nível é que Nixon e Brejnev assinarão o pacto histórico. Contudo a questão comercial tem sido objecto de duras negociações.

O «Suplemento Literario» e substituido hoje pelo «Exclusivo», voltando a publicar-se regularmente a partir da proxima sexta-feira

DRAMA SEM FIM

A ferocidade com que se combate no Vietname não abranda. As crianças, que vemos na Telefoto-UPI-Telimprensa-DL num campo de refugiados perto de Da Nang, são as vítimas mais inocentes. Hoje, nos arredores de Hué, os defensores da cidade foram violentamente atacados pela rectaguarda.

DL /VIDA NACIONAL

Comunicações via satélite

-I. T. T. candidata-se

Sete firmas estrangeiras entregaram propostas na Companhia Portuguesa Rádio Marconi, destinadas à construção de três estações terrestres de comunicações por satélites que vão ser instalada, uma na Metrópole, outra em Angola e uma terceira em Moçambique. Três das firmas concorrentes são americanas, duas japonesas, uma francesa e uma italiana. Entre as empresas americanas está a I.T.T. — Space Comunications associada da I.T.T. actualmente em evidência na cena internacional, dado que sobre ela pendem acusações de acordo com as quais teria tentado fomentar um golpe de estado no Chile, para impedir a tomada de posse de Salvador Allende.

A construção das três estações terrestres, que se destinam a facilitar as comunicações com o estrageiro e o Ultramar, foi anunciada pela Marconi em Setembro do ano passado, numa publicação interna da empresa. O empreendimento terá assistência técnica da COMSAT — uma empresa americana da especialidade

Segundo as propostas apresentadas o empreendimento poderá custar entre 7 664 000 dólares e 11 871465 dólares: Page Co- em conta a proposta mais baixa e a mais elevada.

A lista das firmas e o quantitativo das propostas em dólares americanos é como segue: G.T.E. — International System (americana), proposta de 9972200 dólares; I.T.T. — Space Comunications(americana), proposta de 8973606 dólares; Mitsubismi Corporation (japonesa), proposta de 11871456 dólares; Page Comunications Engineers, Ing. (americana), proposta de 1169976 5,10 dólares Nippon Electric Company, Ltd. (japonesa), proposta 9518178 dólares; Conzorzio Per Sistemi Di Telecomunicazioni Via Satelliti (italiana) proposta de 9 300,00 dólares (aproximadamente); Telspace (francesa) proposta de 7664000 dólares.

SUBSÍDIOS A COMPANHIAS DE TEATRO

O «Diário do Governo» publica o aviso de abertura do concurso para a concessão de subsídios a empresas singulares ou colectivas que exploram espectáculos de teatro declamado e, excepcionalmente, comédia musicada e opereta.

Os requerimentos, dirigidos ao presidente do Conselho de Teatro da Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos, devem dar entrada na Repartição de Teatro, Cinema e Etnografia daquela Direcção-Geral até às 17 horas do dia 15 de Junho.

E necessário apresentar nomeadamente, escritura de constituição, quando se trate de sociedade; título de propriedade da casa de espectáculos em que se pretenda fazer a exploração; repertório geral da época; declaração expressa quanto à obrigação de apresentar originais portugueses; relação do elenco artístico.

CÂMARAS MUNICIPAIS

Uma portaria do Ministério do Interior reconduz no seu cargo o presidente da Câmara Municipal de Marvão, João Dinis Carita.

Outra portaria concede exoneração, a seu pedido, ao coronel de Artilharia Eduardo Luís de Sousa Gentil Beça, do cargo de presidente do Município de Miranda do Douro, sendo-lhe conferido louvor pela competência zelo e dedicação com que o exerceu. Para substitui-lo foi nomeado o sr. Anibal dos Santos Ferreira, major do Q. S. G. na situação de reserva.

CURSOS DE PNEUMOLOGIA PARA PÓS-GRADUADOS

Nos dias 29 e 31 realiza-se, sob o tema «Progressos em Pneumologia», o 5.º Curso de Pneumologia para Pós-Graduados, organizado pela Clínica de Doenças Pulmunares da Faculdade de Medicina de Lisboa. No fim do curdo será atribuido aos inscritos que o frequentarem o respectivo certificado.

A secretaria funcionará no Serviço de Doenças Pulmonares — Hospital de Santa Maria — piso 8, onde serão prestados todos os esclarecimentos.

SÁ VIANA REGRESSA

De Bruxelas, onde participou na reunião ministerial da Comissão de Planos de Defesa da NATO, regressou o ministro da Defesa, general Sá Viana Rebelo. Com os seus colegas dos Estados da organização, Sá Viana Rebello preparou na capital belga o próximo encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros que principia em Bonn na próxima semana.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

4.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua dos Arneiros de 11 a 45. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Rua de S. Lázaro de 86 a 176, Cd.ª do Desterro 2 a 10 e 1 a 35, Trav. do Desterro de 1 a 5, Pátio da Bica (todo), Rua do Desterro (toda). (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av. Estados Unidos da América de 95 a 97-E. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Rua de Santa Marta de 69-B a 79 e 82 a 88, Largo de Andaluz de 1 a 3-B e 15 a 30. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Est.ª Paço do Lumiar, L.º da Bomba, Az.ª das Travessas, Az.ª Poço de Baixo, Az.ª do Porto e imediações, Az.ª das Lajes, L.º S. João Baptista ao Lumiar e imediações. (Das 8 às 12).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras: CARNAXIDE:** Estrada para Queluz, Rua 5 de Outubro, Est.ª para a Amadora, Trav. Moreira Reis, Rua Manuel Santos Mónica, Rua Francisco Patacão e imediações. (Das 8 às 14 h.).

2.ª Zona — Queijas (toda). (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **CAXIAS:** Zona definida pela Estrada Marginal nas imediações da Estação dos Caminhos-de-Ferro, pela Estrada da Cartuxa e pelo Lagoal. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **VENDA NOVA:** Rua S. João de Deus, Rua Marquesa de Alorna, Rua Fernão Lopes, Rua Carlos Amaro Matos, Rua Dr. Oliveira Ramos, Rua D. Nuno Álvares Pereira, Rua Gonçalves Crespo, Rua Florbela Espanca, Rua Dr. António Cândido. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — Brandoa e Pontinha (Rua Vítor Carlos). (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — **MURGANHAL** (Estrada para Barcarena e imediações) LAVEIRAS e CAXIAS (Est.ª para o Murganhal, Rua Calvet de Magalhães, Av. Conselheiro Ferreira Lobo, R. da Fonte, Rua de São João de Deus, Rua Padre António de Oliveira, Rua Conselheiro Acácio Gomes, Rua de Goa, Rua de Diu, Rua António Pires, Rua de Damão, Rua António Florêncio dos Santos, Rua Bernardim Ribeiro, Praceta Dr. Oliveira Salazar, Rua Vasco da Gama e imediações) (Das 8 às 14 h.).

7.ª Zona — **Concelho de Cascais: CASCAIS:** Zona vizinha do Mercado de Cascais incluindo a Av. José Frederico Ulrich, Avenida Marginal, Rua Dr. Iracy Doyle e imediações. (Das 8 às 14 h.).

8.ª Zona — **ESTORIL:** (Av. de Biarritz e imediações). (Das 8 às 14 horas).

9.ª Zona — Abóboda, Conceição da Abóboda, Polima e Outeiro de Polima. (Das 8 às 14 horas).

10.ª Zona — Alcoitão. (Das 8 às 14 horas).

11.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Almoçageme (Vila), Penedo, Casas Novas e Ulgueira. (Das 8 às 14 horas).

12.ª Zona — **Concelho de Vila Franca: VILA FRANCA:** Rua Vasco da Gama, Rua do Hospital Civil, Rua António José de Almeida, Rua António Palha, Rua João de Deus, Rua do Alegrete, Rua 1.º de Dezembro, Calçada da Costa Branca e imediações. (Das 8 às 14 horas).

13.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Rede B. T. Carregado — Alenquer. (Das 8 às 14 horas).

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel de Sousa Melro, «Tabacaria Moderna», R.Cândido dos Reis ALHOS VEDROS

Homenagem a dois dirigentes do S. N. dos Construtores Civis

O presidente e o tesoureiro do Sindicato Nacional dos Construtores Civis srs. José do Espírito Santo Silva e João Matos Rei foram, ontem, homenageados pela classe, durante uma cerimónia a que presidiu o dr. Silva Pinto, Secretário de Estado do Trabalho e Previdência. Numerosas personalidades ligadas ao sector económico e industrial da construção civil e mais de uma centena de sócios do Sindicato, estiveram naquele organismo. Usaram da palavra os srs. Arménio Pires Serro, presidente da assembleia geral; Amadeu Gama, membro da Comissão de Colaboração e Cultura cessante; Augusto Laundes presidente da secção do Porto; Almeida Marques secretário da Direcção cessante; Matos Rei e José do Espírito Santo Silva. O dr. Silva Pinto disse a certa altura: «Como Sindicato devem continuar a participar nos trabalhos da vossa corporação, a ser ouvidos pelos departamentos, com intervenção nos aspectos económicos e sociais concernentes ao vosso sector, a pugnar pela maior produtividade da construção civil». Os dois categorizados dirigentes receberam medalhas de ouro de dedicação e de mérito concedidas pela assembleia do sindicato e o dr. Silva Pinto galardoou o sr. José do Espírito Santo Silva e Matos Rei com medalhas de ouro ao Mérito Corporativo e do Trabalho. À noite mais de duas centenas de sócios do sindicato reuniu-se num jantar com os dirigentes . Usaram da palavra os srs. Arménio Pires Serro, eng. Carlos Covreur, eng. Henrique Leitão, João Pimenta (amigo pessoal do presidente do Sindicato) Salvador Martins, dr. Amadeu Bento, dr. Santos Vicente e Amadeu Pinto da Gama. Foi ali recebido um telegrama do director do Planeamento do Ministério das Obras Públicas eng. José Maria Seguro.

M. Baptista a directores de jornais

Continuação da Pág. 1

«Vamos assim, meus senhores, continuar o trabalho com o espírito de bom entendimento entre nós sempre verificado. Bom entendimento, sã camaradagem e gosto de bem servir.

«E doutro modo não poderia suceder entre portugueses responsáveis. Exactamente aqueles que em todas as esquinas do Mundo em cada hora escrevem quanto importa para que o País prossiga na sua senda de progresso ao serviço da Justiça e da Verdade.

«Haverá ainda a recordar — e com que orgulho e satisfação o faço — quantos, em terras de África têm acompanhado o esforço maravilhoso da nossa Juventude na luta que trava para continuar Portugal.

«A esses jornalista — e são felizmente tantos — dirijo as minhas últimas palavras que, necessàriamente, são de agradecimento e louvor pela sua acção.»

REGISTO DA IMPRENSA

O diploma agora aprovado estabelece o regime prático dos livros de registo de empresas jornalísticas, empresas editoriais, publicações periódicas, profissionais da Imprensa periódica, agências noticiosas estrangeiras e profissionais de Imprensa estrangeira.

O «Diário do Governo» publica hoje a portaria da Secretaria de Estado da Informação e Turismo que aprova o Regulamento dos Serviços de Registo da Imprensa, um dos textos que fazem parte da regulamentação por sectores da Lei de Imprensa a entrar em vigor no dia 1 de Junho.

CORPOS GRENTES DO INSTITUTO DE SOLDADURA

Foram eleitos os corpos gerentes do Instituto de Soldadura para o triénio de 1972/74, ficando a presidir aos diversos orgãos: eng. Alcantara Carreira (assembleia geral), prof. Luciano Faria (direcção) e Babcok e Wilcox Portuguesa, S.A.R.L. (Comissão revisora de contas).

Na mesma assembleia geral foi aprovado o relatório e contas de gerência.

Américo Thomaz inaugura Feira do Ribatejo

O Presidente da República, almirante Américo Thomaz, inaugura em Santarém, no próximo dia 4, a IX Feira Nacional de Agricultura e XIX Feira do Ribatejo.

Chegou Serrat

Chegou ontem à noite a Lisboa o cantor, compositor e poeta catalão Juan Manuel Serrat que, logo, à meia noite e um quarto, actuará no Cinema Monumental num dos espectáculos da série «Convívio Musical», que as «Produções Carlos do Carmo» apostaram em tornar bons.

Bem disposto e sorridente, Serrat, manifestou-se encantado com a possibilidade de cantar para os seus «fans» portugueses:

«Não aquelas canções comerciais em que nem acredito. Quero cantar as canções de que gosto».

O programa será gravado para a RTP e a produção é de Carlos do Carmo, José Sampaio, Jorge Costa Pinto e Soares Louro.

Opinião

O LIVRO, O PREÇO E O LOCAL

Abriu mais uma Feira do Livro. O acontecimento abre a porta a mil considerações, que vão desde o habitual paralelo primaveril até à expressão das inquietações dos editores, apertados entre os custos industriais, cada vez mais agravados, e a rarefacção da procura, motivada pelos altos preços de capa e pela concorrência insistente dos diversos meios de comunicação audiovisuais. Além disto, a procura do livro faz-se hoje muito menos para atender a um gosto do que para satisfazer uma necessidade, e esta necessidade tem as suas próprias razões, nem sempre coincidentes com o produto proposto ao mercado...

Passando porém adiante destes aspectos, que exigiriam outro tipo de abordagem e uma autoridade especializada, ficam ainda dois ou três pontos, que nada têm de original, mas que convêm sejam lembrados em todas as circunstâncias. Um deles refere-se à localização. Em cada ano que passa, acentuam-se os inconvenientes da implantação actual. A instabilidade do tempo (na meteorologia da Feira há sempre chuva, frio e trovoadas...), a «légua da Póvoa» em que ela se tornou, trepando Avenida acima como uma longuíssima ténia, a monotonia dos pavilhões, o piso desconfortável — fazem da Feira do Livro uma manifestação que tem tanto de sedutor como de fatigante.

Torna-se indispensável, a nosso ver, uma reflexão sobre o que é o que deveria ser uma manifestação como esta. Logo de entrada se vêem as vantagens de um recinto fechado (e coberto). Não só a circulação se faria em ambiente mais propício à calma que os livros reclamam, aquele jeito carinhoso de folheá-los, a consulta meticulosa dos índices, a leitura atenta de meia página — não só tudo isto, como ainda se tornariam infinitamente mais atraentes aquelas sessões de autógrafos, aquelas conferências perdidas entre a má qualidade da difusão sonora e o rumor enervante da aceleração dos carros que arrancam ali ao lado... Essas sessões seriam verdadeiras ocasiões de convívio entre os escritores e os leitores, essas conferências seriam efectivas situações culturais, que permitiriam o colóquio, o contacto, o diálogo, a vida, enfim. Tal como as coisas se passam, temos um mero calendário preenchido apenas para vista...

Mas o público acorre e compra, responder-nos-ão. Ninguém o contesta. E acorre em maior número em cada ano. Porém, o livro acaba por ficar exterior a quem passa, não estabelece a familiaridade necessária para a convivência de todo o ano. Aliás, ousamos pensar que as vendas poderiam ser ainda maiores, mesmo que as receitas não crescessem na proporção... Os objectivos da Feira do Livro (se não se limitam à mera oportunidade comercial de melhorar um panorama económico eventualmente inquietante) serão tanto mais alcançados quanto maior for o número de obras vendidas (ponhamos de parte, nesta ocasião, aspectos tão importantes como a qualidade do produto...)

Se, como é geralmente sabido, o editor cede ao distribuidor entre 45 e 50 por cento do preço de capa (se é o seu próprio distribuidor, a parte sacrificada não é nunca menor), custa um pouco a compreender que, chegada a ocasião de vender directamente ao público, sem intermediários, o desconto feito não vá além de 20 por cento, com excepção dos chamados «monos» ou «êxitos de prateleira», como se diz na gíria do ofício.

Poderíamos ter falado, realmente, de Primavera, deste paralelo entre as flores do tempo e o desabrochar da cultura, ali na Avenida da Liberdade. Poderíamos, mas não pudemos...

Notícias da Grécia

Em atmosfera tensa, começou em Atenas o processo de duas associações de intelectuais gregos, que o Governo pretende dissolver. Essas associações são acusadas de estarem na origem das manifestações estudantis que prosseguem desde a celebração do quinto aniversário do golpe de estado militar, em 21 de Abril.

As duas associações visadas são a Sociedade de Estudo dos Problemas Gregos, presidida por Pezmazoglou, deportado por decisão administrativa, e o Movimento Grego-Europeu da Juventude, cujo presidente, o advogado Kannellakis, foi preso no princípio de Maio.

A título de observador no processo das duas associações, notava-se a presença de McDermott Niall, secretário-geral da Comissão Internacional dos Juristas.

A estafeta do Épico

O sr. dr. Henrique Martins de Carvalho, que chefia a comissão organizadora dos I Jogos Luso-Brasileiros, por parte de Portugal, informou a Imprensa de que, no âmbito dos referidos jogos, será organizada uma estafeta do Largo do Camões ao Restelo, em homenagem ao Épico, e que o festival de encerramento se realizará no Estádio do Restelo, para ficar enquadrado no local mais próprio.

Homens dos jornais

O sr. dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa, visitou mais uma agremiação, o «Vendedores de Jornais Futebol Clube». Depois de ter afirmado que «talvez não seja inconsciência a alegria dos jovens ardinas de Lisboa», declarou, referindo-se à Imprensa:

«Creio não cometer um erro ao afirmar, que, ao trabalhar dentro da nova Lei da Imprensa, ela o fará com todo o sentido das grandes responsabilidades que lhe cabem e que, assim, na sua esmagadora maioria, saberá servir os interesses do País, porque é justa e ama a verdade. A Imprensa portuguesa saberá acompanhar o gigantesco esforço do Presidente Marcello Caetano, que tão abnegada e inteligentemente tem trabalhado em prol do povo português e da Nação. Marcello Caetano foi também um homem dos jornais, é um homem dos jornais, um distinto jornalista, e um talentoso escritor, que ama os jornais e que tem pelos profissionais da Imprensa a maior admiração. Marcello Caetano é, afinal, um dos vossos, também. E com ele podeis sempre contar.»

A opinião de Camões

Porém já cinco Sóis eram passados/Que dali nos partiramos, cortando/Os mares nunca doutrem navegados,/Pròsperamente os ventos assoprando,/Quando uma noite, estando descuidados/Na cortadora proa vigiando,/Uma nuvem que os ares escurece,/Sobre nossas cabeças aparece.

«OS LUSÍADAS»

Canto 5, Est. 37

CALVET DE MAGALHÃES

PROBLEMAS DA COEDUCAÇÃO

Por despacho, de 17 de Janeiro de 1971, o Ministro da Educação Nacional nomeou uma Comissão Para Estudo da Educação e Sexualidade, composta por individualidades ligadas, especialmente, aos Ministérios da Educação Nacional e das Corporações, Saúde e Previdência Social, e, ainda, por elementos privados ligados ao ensino e às ciências sociais. A referida Comissão preparou uma recomendação sobre coeducação, considerando esta como condição indispensável para uma educação integral na qual, evidentemente, se insere a educação sexual, ainda que esta não seja necessàriamente matéria independente.

No mesmo ano realizou a «Ludus» um colóquio sobre coeducação podendo-se ler, na conclusão 6, o seguinte: «pedagogos, psicólogos, sociólogos, médicos, professores e pais se têm manifestado a favor do sistema coeducativo. Numerosas experiências pedagógicas têm confirmado vantagens por elas defendidas.»

Pode também considerar-se significativo o facto de os mais recentes e importantes textos doutrinários da Igreja Católica, que se ocuparam da educação — Encíclica «Mater et Magistra» e «Pacem in terris» e a Declaração sobre a Educação Cristã, Concílio Vaticano II —, embora insistam na necessidade de um ensino diferenciado segundo os sexos, não estabelecem já expressamente que isso envolva a separação dos sexos. Aliás a Bíblia não ensina que o sexo é pecado e Paulo VI louvou a educação sexual mas pediu aos professores que utilizassem uma linguagem gradual, clara e casta.

Nas conclusões do VI Congresso do Ensino Liceal (1971) pode-se ler (moção apresentada por um grupo de alunos), no n.º1: «Que seja generalizado o ensino misto a todos os liceus do País.»

No corrente ano escolar, o Ministério da Educação Nacional, mandou aplicar a coeducação a todos os graus de ensino. ; (terminar com os recreios separados, zonas proíbidas, etc.) e nomeou uma comissão, presidida pelo respectivo Inspector Superior, para organizar o ensino coeducativo, na instrução primária, a partir do próximo ano escolar. Anteriormente, o prof. Veiga Simão, já tinha autorizado a coeducação em regime de experiência pedagógica (despacho de 25 de Agosto de 1970), ao abrigo dos artigos 1, 2 e 5 do dec. lei 47587 (10.3.1967), em vários estabelecimentos do ensino particular.

Os textos legais impeditivos da coeducação, nos vários graus de ensino, eram os seguintes: ensino primário (dec. 5787-A, 5787-B, de 10 de Maio de 1919, lei n.º 1880, de 8 de Junho 1926): «Cessa por esta lei a coeducação em todos os centros de população aglomerada superior a 5.000 habitantes, desde que neles haja mais de um lugar de professor.» No Ensino Particular: lei 2033, de 27 de Junho 1949, Base VIII: «Não é permitida a coeducação.» Ciclo Preparatório, dec. 47480, de 2 Janeiro 1967, art. 10: «O ensino do ciclo preparatório será ministrado em regime de separação de sexos.» Ensino liceal, dec. 36508, 17 Setembro 1947, indica, taxativamente, quais os liceus de frequência masculina e os de frequência feminina e os mistos. Ensino Técnico, lei 2025, 19 Junho 1947: «Em regulamento serão designados os cursos industriais em que poderá ser autorizada a matrícula de alunos do sexo feminino, devendo evitar-se a coeducação.» e art. 432: «Só excepcionalmente poderão pertencer à mesma turma alunos dos dois sexos.»

Juízos de valor e educação efectiva são postos em jogo. É forçoso verificar que poucos adultos estão prontos a seguir, ajudando-os, a evolução afectiva dos jovens e isto devido a que toda a educação é formada de juízos de valor e que os relativos à vida afectiva são particularmente marcados por estereotipos, preconceitos, inibições, noções invulneráveis. É nisto que importa reflectir.

Conservamo-nos todos sonhadores perante as reacções dos adultos a propósito de questões afectivas, sentimentais ou sexuais. Podemos mesmo duvidar da aptidão real de alguns para corresponder às aspirações e às situações vividas pelos jovens.

Estas preocupações podem-se exemplificar quando se pergunta porque se teme o ensino misto em nome de uma relaxamento eventual dos costumes em vez de se interrogarem sèriamente sobre o que deveria ser a educação em conjunto. Não se deveria desejar que a maior parte dos homens e das mulheres, que vivem à vontade nas suas relações sociais possam abordar, melhor preparados, a vida em comum, submetida hoje à evolução rápida das concepções de imagens e dos papéis masculinos e femininos, evolução que por vezes tudo põe em causa?

Pode-se perguntar, parodiando André Chénier, se não temos medo dos novos pensamentos por excesso do apego aos antigos. Conhecemos toda a derrota de pais agitados pelas aspirações dos filhos sobre o plano de estudos, de valores estéticos e afectivos, verdadeiras revisões, até mesmo negação cruel da sua juventude para com eles.

Sem uma educação tranquila não há educação afectiva e sexual na escola. A esta compete o papel de ver como nos devemos comportar, como reagir às perguntas dos alunos segundo a sua idade, as suas possibilidades afectivas e intelectuais.

É de facto importante que sejam abordadas sãmente noções relativas à vida afectiva e sexual, na escola, no momento e em todas as vezes que elas correspondam a uma necessidade de compreensão e informação.

Se a criança notou um mal-estar no seu meio quando fazia perguntas respeitantes ao seu corpo, à sua vinda ao mundo, não será demasiado encorajador traduzir de novo o seu desejo de conhecer de modo espontâneo. Muito ràpidamente, as noções mais naturais tornam-se noções tabu. Mas se o professor está à vontade para responder a questões respeitantes às transformações do corpo, ao nascimento das crianças, muito naturalmente e sem problemas, instalar-se-á o diálogo e o professor poderá ensinar noções bem naturais e sãs e desenvolver paralelamente uma aptidão para os informar de uma maneira que permitirá a aquisição de conhecimentos correctos.

Partindo de perguntas espontâneas dos alunos pode-se estruturar matéria coerente onde novas perguntas muito sensatas e mais complexas aparecem e onde um ambiente de valor

Continua na pág. 4

DL/ NACIONAL — EDUCAÇÃO/TAUROMAQUIA

PROBLEMAS DA COEDUCAÇÃO

Continuação da pág. 3

ético, de poesia e de rigor científico torna cada aluno feliz por ser informado num clima muito tranquilo, que valoriza a alegria de um ser tornado adulto.

No ensino secundário, poder-se-á ascender à noção muito nobre do equilíbrio entre a expressão dos sentimentos e a escolha responsável da orientação de toda a personalidade. Em turmas numerosas pode-se ir mais longe nas discussões, confrontando diversas opiniões. Podem-se citar exemplos: os jovens perguntam por que é que actualmente se fazem perguntas de sexualidade e por que é que as revistas, outras publicações, anúncios e o cinema falam tanto de problemas sexuais. Este espanto, e até a desaprovação, provocam trocas profundas (imagem que se faz do futuro papel de marido ou de esposa, diferença entre psicologia masculina e feminina como natural ou cultural, igualdade homem-mulher, concepção orgânica da vida caseira, autonomia ou dependência dos esposos, modo de compreender as dificuldades nos comportamentos afectivos, a dinâmica dos sentimentos, a construção viva de um lar, etc.) e levam-nos a pensar, como Piaget, como são estreitas as relações entre a vida sensível e a vida mental.

Sem dúvida que há muitas possibilidades, e simples, de responder às necessidades de segurança, de controlo e de integração, nas trocas entre jovens que se tornam adultos, às necessidades psicológicas intrínsecas que permitem perceberem-se retrospectivamente na sua génese e de se construírem com elementos cada vez mais seguros, em função de escolhas mais esclarecidas e com mais confiança.

Para tanto é necessário um clima educativo, pois sabe-se quanto é agradável à criança — e mais tarde ao adolescente — poder crescer, exprimir-se, agir num clima em que possa viver os seus sentimentos, quer exprimindo-se muito livremente, quer analisando-os conscientemente em nome de valores integrados em toda a sua personalidade.

I Simpósio Nacional de Produção e Vendas

O eng. Rui Sanches, ministro das Obras Públicas e Comunicações, concedeu, na tarde de ontem, audiência a uma representação do Sindicato Nacional dos Empregados Viajantes e de Praça do Distrito do Porto e da Comissão Organizadora do I Simpósio Nacional de Produção, Promoção e Vendas, a realizar em Ofir, no próximo mês de Setembro. A referida representação constituída pelos srs. José Dias da Silva, José Magalhães, Pedro Guimarães e António Carlos Machado Vaz, elucidou o ministro sobre o que será aquele Simpósio, tendo o eng. Rui Sanches acedido a integrar a respectiva Comissão de Honra. O grupo do Sindicato e da Comissão Organizadora permanecerá em Lisboa durante alguns dias, diligenciando a criação de uma delegação, no Sul, da Comissão Executiva do Simpósio. Entretanto, serão efectuadas visitas a Serviços dos diversos Ministérios, no sentido da obtenção de uma estreita interligação dos diferentes sectores governamentais, comprometidos já num apoio ao certame Ofir.

Antes de regressar ao Porto, aquele grupo de individualidades contactará, ainda alguns dos elementos que apresentarão comunicações do I Simpósio Nacional de Produção, Promoção e Vendas.

CALOR NAS BODAS DE MANUEL CONDE

Por "EL T. P."

D. Manuel, porque tem dom de alma, Conde, titular da cavalaria tauromáquica, teve calor na atmosfera e nas bancadas, festejando as suas bodas de prata no toureio.

O 1.º touro, do Conde de Murça, foi bem farpeado por David Ribeiro Teles, ao som da música, bem pegado por Joaquim de Mascarenhas do Grupo de Santarém, e ambos deram volta à arena. Demora na recolha...

O 2.º do Vale do Sado, foi lidado com alegria por José Maldonado Cortes que deu volta com um pegador do Grupo de Montemor. Demora no recolher por culpa do mau jogo...

De Rio Frio foi o touro que coube a Alfredo Conde, que bem farpeou e deu volta com os de Santarém, que tiveram de pegar de cernelha.

O 4.º de Pinto Barreiros, foi para Gustavo Zenkl, que esteve bem, foi aplaudido e deu volta com Paulo Jales, do Grupo de Montemor.

O 5.º, e dizem os espanhois que «no hay quinto malo», foi bem tentado por Andrade Salgueiro, mas o de Coimbra a nada se movia, nem para os pegadores, e houve de ser retirado.

De Francisco Góis foi o mais bravo da noite, e o festejado Manuel Conde, a quem todos os cavaleiros brindaram, saudado pelo público, de pé, e ovacionado pela sua admirável precisão em todas as sortes, de frente e de poder a poder, com farpas grandes e curtas de grande dimensão pela arte de cravar. E bem pegou o valente Cortes.

Pelo alta-voz apareceu Manuel Conde aos ganaderos e colegas que com ele colaboraram a favor da Misericórdia de Sintra, ao público e à crítica, e foi a apoteose! Aos cavaleiros, peões e pegadores, ofereceu medalhas comemorativas e ofereceu ainda uma ceia que começou tão tarde que a ela não pudemos assistir.

A festa do Campo Pequeno teve a presença de José Lupi, que tardará mais de um mês para reaparecer, e Alvaro Domecq que veio de Espanha.

Resta acrescentar que no final do espectáculo foi lidado um touro de Pedrosa, em substituição do de Coimbra, e que Andrade Salgueiro lutou para o fazer meter a cabeça, mas deu a volta com um pegador que bem aguentou o manso.

No dia 1 de Junho próximo teremos no Campo Pequeno, à noite, a Corrida de Gala a favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro, com touros gordos de D. Luis Passanha para o grande Manuel Conde, Mestre Baptista, que ontem não compareceu por via dos cavalos, José Cortes, Zenkl, Frederico da Cunha, Sommer de Andrade e o amador Emidio Pinto, com os grupos de Santarém e de Montemor.

Prova de perícia na Parede

Realiza-se amanhã uma prova de perícia organizada pelo Clube Nacional de Ginástica. A prova disputa-se nos arruamentos do Rádio Clube Português na Parede.

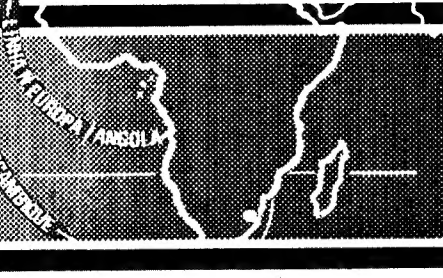
Há quinze taças e três prémios especiais para senhoras.

Há uma diferença entre promessas e realidades...

PEPE DUARTE

CONTINUAMOS NA SENDA DO PROGRESSO

Deadweigt 12 029 Tons.
Velocidade de serviço 22 nós
Capacidade frigorifica 1600 m3



Agora, já pode enviar a sua carga também para Moçambique nos mais rápidos e modernos navios da frota portuguesa.

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

DL /ESPECTÁCULOS

MIGUEL SERRAS PEREIRA: POETA JOVEM POESIA ADULTA.

Conversando é rubrica destinada, ao que parece, a debruçar-se para os assuntos literários da e para a juventude. De maneira que ficámos todos certamente muito de boca aberta quando aí começam os moços muito compenetrados a dissertar sobre Henry Purcell, compositor inglês não sei quantos, do século XVII que e que, principalmente que. Sendo porém certo que «manteve sempre o fundo inglês.» As razões de enciclopédia, aduzidas em favor de Purcell, derivavam do facto de ser ele o autor do indicativo musical de **Conversando.** Motivo frágil.? Bem, para conversar qualquer coisa serve. Já agora podiam ter apresentado uma gravação de Purcell, se possível em metamoforse de Jorge de Sena, mas com o Jorge de Sena ali mesmo em pessoa, a metamorfosear solenemente.

A sessão veio a salvar-se com a leitura de três poemas de Miguel Serras Pereira, feita por Isabel Rocheta e Luís Lucas. Só por isso tudo estaria justificado. Os poemas elaborados a partir de uma experiência, enriqueceram a nossa experiência. Obrigaram-nos a parar em cada palavra e a tomar-lhe o peso e a procurar-lhe as raízes. Raízes que se alimentam do tempo do tempo vivido, como justamente se disse em **Conversando.** De certo num poema como o dedicado a **Abrantes,** a palavra rigorosa e sugestiva, se acotevelava com expressões que podem considerar-se já como que fazendo parte de uma certa maneira de dizer. Miguel Serras Pereira possui no entanto, uma força capaz de rebentar (de vir a rebentar) com todos os espartilhos. Saliente-se já a sua decisão de usar o poema para. Contrsriando, assim, a tendência muito vista entre nós (também, claro) de usar o poema para se explicar para se digerir a si próprio __ e que se poderá confundir com a tentativa de fugir á responsabilidade da hora ou dos minutos, se quisereem.

Que volte em breve mais poesia de Miguel de Serras Pereira, com a sua lição, tão úteis a todos os jovens, de não aldrabar a sua poesia nem albardar a sua voz. Volte em breve este estamos vivos na televisão.

(Miguel Serras Pereira: um nome tão ligado ao **Diário de Lisboa Juvenil.** Nome que não foi citado em **Conversando.** Nem mesmo a título de homenagem póstuma. E vou fechar o parêntesis. Vou fechá-lo como quem virgula uma lágrima, como quem, burocráticamente, domina uma emoção).

A fechar esta crónica a recordação daquela reportagem da «Quinzena Juvenil», rubrica de Julio Isidro, referente ao jornal da Escola Comercial de Veiga Beirão, escola de tantas tradições no ensino Técnico.

A reportagem dava-nos conta da existência do jornal «Tempo Novo», de seu nome, **«feito por alguns alunos e lido por todos».** Seria preferível que fosse feito por todos e lido por alguns. De quualquer modo, a frase traz-nos uma sugestão de obra de alunos para alunos. Que sucede? Sucede que, como nos diz um colaborador, **«os professores continuam a supervisar todo o jornal, a ver todos os artigos, por causa das gralhas de português. Auxiliam-nos na escolha de artigos, dão-nos artigos das suas turmas de português»** etc, etc.

Queixam-se, por outro lado, de que poucos colaboradores têm vindo, aparecer é que não aparecem. Esta indiferença dos alunos dá que pensar. Não estará a raiz da indiferença no próprio facto de a presença dos professores retirar ao jornal a característica de uma obra, possívelmente com muitos defeitos (e até com «gralhas» de português...) mas com a suprema virtude de um sabor a autonomia?

A sugestão fica lançada para ser discutida na Veiga Beirão. E noutras escolas.

MÁRIO CASTRIM

P. S. Não houve emissão de «Sangue na Estrada», talvez porque iria haver com fartura sangue na arena __ donde se prova que o facto de os forcados se benzerem não influi grandemente na qualidade das pegas. O curioso é que a emissão de Filipe Nogueira foi substituido por uns desenhos animados. Muito estranha substituída por uns desenhos mavam-se «O pintainho perdido». Claro, com o trânsito que está até os pintainhos se perdem. __ M.C.

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

Se tem menos de 21 anos, viaje em toda a Europa por 1940$00, com o cartão

Inter-Rail 72

Peça informações nas estações e nas Agências de Viagens.

Caminhos de Ferro Portugueses

CP 11 A 72 Adapt.

BÍBLIA SAGRADA

1200 páginas de texto em óptimo papel

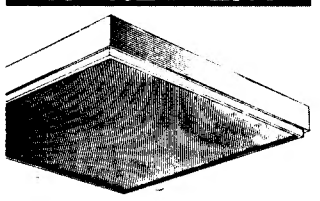
bonita encadernação com letras douradas na capa

PREÇO POPULAR 50$00

Oferecemos uma capa de plástico, em cromo e uma agenda

VISITE O PAVILHÃO N.º 11—FEIRA DO LIVRO 1972

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE



EQUIPAMENTO DOMÉSTICO

E PARA ESCRITÓRIOS

JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA

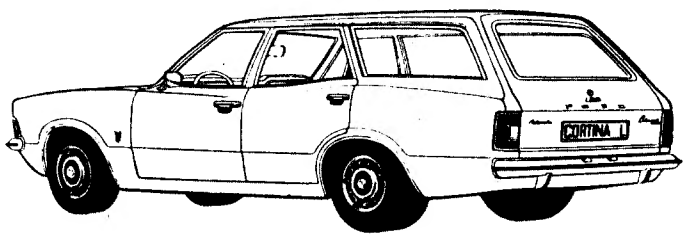
TEL. 654165 * LISBOA

AGORA...

TAMBÉM COM MOTOR

DIESEL

STATION CORTINA



PARA ENTREGA IMEDIATA

ADMIRE-A E COMPRE-A EM

SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA

Rua Alexandre Herculano, 6-A — Rua Gomes Freire, 7-C

pali

HELIFLEX®

REVOLUCIONÁRIO TUBO FLEXÍVEL EM P.V.C. REFORÇADO

UM GRUPO PARA CADA FIM:

LEVE
DURÁVEL
RESISTENTE
PRÁTICO
ECONÓMICO

02 Regas e jardinagem
14 Moto-bombas
20 Sucção pesada
22 Gasolinas e produtos químicos
26 Trasfega de vinhos (atóxico)
34 Protecção de cabos eléctricos
40 Aspiração industrial
42 Condutas de ar condicionado
46 Piscinas (flutuante)
480 Ar comprimido e pulverização

FABRICADO SOB LICENÇA DE A.G. PETZETAKIS A.S. ATENAS

POR: Heliflex Portuguesa, L.da

TUBOS FLEXÍVEIS

ÍLHAVO - AVEIRO - Telef. 24010 - Apart. 130

LISBOA - R. Coronel Bento Roma, 12 D - Tel. 727271

torre 2

Alferragide

VISITE OS 5 ANDARES MODELO

MOURRAY LOUIS: a meio caminho de caminhos alheios

O bailado atacou em duas frentes: no S. Carlos e no Grande Auditório Gulbenkian. Vamos pedir aos nossos leitores mais virados para a boa rotina clássica, ou melhor, para as Companhias tradicionais de bailado (ainda quando tentem experiências modernas), que nos escusem de falar dos quatro espectáculos do Royal Ballet, e que compreendam que a função crítica começa pela própria escolha do objecto criticado. Num momento em que várias instituições ligadas à música e artes correlativas (além do S. Carlos e da Fundação Gulbenkian, que a todas leva a palma, citamos, por exemplo, o Teatro da Trindade e a Câmara Municipal de Lisboa) se preparam para nos submergir numa onda de espectáculos, a responsabilidade do crítico, tal qual a entendemos, há-de exercer-se nesse acto prévio de averiguação da idoneidade do objecto e só depois na valoração estética do mesmo. Trata-se, evidentemente, de um conceito relativo, que varia com as circunstâncias de tempo e de lugar e com o grau de saturação do meio. Pela nossa parte, preferimos, de momento atentar apenas na «Murray Louis Dance Company» e deixar de parte o Royal Ballet.

De resto, há ainda outra razão que nos força a esta opção. No bailado interessa-nos muito mais a proposta estética do espectáculo, considerado no seu conjunto, isto é, na multiplicidade das suas componentes musicais e visuais (onde a dança intervem como um dos elementos fundamentais, mas não como **único** elemento fundamental) do que os passos de dança. Ora, como é norma acontecer nas Companhias que praticam sobretudo o bailado «clássico» tudo, nos espectáculos do Royal Ballet, desde a orquestra no seu fosso, até ao «décor» e às luzes, está orientado no sentido de servir de pretexto para a exibição técnica dos bailarinos (que, aliás, não é de primeira ordem). No caso dum Grupo como o de Murray Louis, o ponto de partida é completamente diferente. Procura-se uma síntese mais profunda entre o som e o movimento, entre o movimento e os efeitos de luzes, enfim, entre a coreografia e o que poderíamos chamar a encenação sonora e visual em que ela se inscreve. Nesta procura da independência essencial de todas as componentes do espectáculo, Murray Louis revela-se continuador de Alwin Nikolais, a cuja Companhia pertenceu e com quem continua a trabalhar. Não se pode dizer, porém que Murray Louis tenha logrado uma assimilação verdadeiramente criadora das concepções de Nikolais, e o número relativamente pequeno dos elementos que constituem o seu grupo — sete, incluindo o director artístico — poderia talvez fornecer matéria para um esforço de recriação fundado na economia de meios. No entanto, justo é salientar que os sete bailarinos desta Companhia preencheram muito mais o palco, deixaram muito meos espaços vazios do que, por exemplo, todo o contingente do Royal Ballet ou...do nosso tão conhecido Grupo Gulbenkian de Bailado.

Quando assistimos à peça inaugural da sua actuação entre nós, intitulada «Personnae» a organicidade da ligação entre a música e os movimentos corporais (tão à maneira do cinema de animação de Mac Laren, por exemplo), o rigor e a cadência rítmicas da sucessão dos acontecimentos luminotécnicos (incluindo a projecção de diapositivos) em estreita ligação com o resto, a atitude **lúdica** e o sentido de humor subjacentes à concepção geral da coreografia (em certos momentos Murray Louis parece querer fazer uma caricatura do «ballet» servindo-se dos próprios meios que lhe são inerentes, assim como um Jerry Lewis, no filme «Jerry e os seis tios», desfaz e refaz formaturas militares), tudo, enfim, sugeria uma promissora introdução a algo de marcadamente original que iria tomar corpo a seguir.

Mas não. Tanto em «Continuum» como em «Proximities» (sobretudo nesta última) o que ressaltou foi o hibridismo estético de Murray Louis, as «saudades» que nos deixou do «Alwin Nikolais Dance Theatre» que também esteve na Fundação Gulbenkain no ano passado. No sentido já não duma pesquisa pessoal mas duma aplicação mais fiel das concepções de Nikolais, a melhor realização da Companhia pareceu-nos ser «Calligrafh for Martyrs», peça em que Murray Louis conseguiu reproduzir o princípio da **variação amplificadora** (chamemos-lhe assim) tão característico da primeira. A música e as luzes eram, aliás, do próprio Nikolais (aqueles dois simples traços vermelhos, que se cruzavam e descruzavam no fundo da cena, bastariam para denunciar a assinatura do mestre) e o todo atingiu uma tal unidade que ficaríamos mais tranquilos se no programa figurasse a indicação de que a coreografia propriamente dita também era da autoria deste. Por último, há que fazer referência à obra que supomos ter sido considerada o prato forte do programa («Hoopla»), visto que era a única a figurar nos dois espectáculos. Foi certamente concebida expressamente para a vinda a Lisboa, pois a banda sonora coube a Banda de Música «Os Canários da Ajuda», uma fonte de inspiração de arte **pop** que os nossos coreógrafos nunca se tinham lembrado de explorar. A partir daí Murray Louis reconstituiu um soberbo espectáculo de circo, onde aqui e ali ainda aparecia à sombra tutelar de Nikolais (caso da «lagarta de três cabeças») mas que continha na verdade o que de mais pessoal e rico de imaginação nos apresentou nesta sua passagem por Lisboa.

Concluamos, assim, que «Hoopla» e «Personnae» nos pareceram os bailados mais próximos duma via de criação original, tendendo a emancipar-se, por um lado, da influência demasiado directa de Nikolais e, por outro, do simplismo dos «clichés» em que também abundam as escolas modernas.

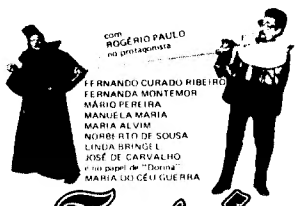
Crítica de

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEATRO INFANTIL
A METRUL apresenta
TEATRO DO ARCO DA VELHA
Era uma vez uma carochinha
Versão em 2 actos de
PINA RODRIGUES
com uma canção de
JOÃO VASCONCELOS e LUÍS HORTA
Sábado, 27 às 15,30 h.
Domingo, 28 às 11 h.
(Maiores de 4 anos)
Bilhetes desde 10$00
Crianças até 10 anos 50% de Desconto

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
DE TERÇA-FEIRA A SÁBADO ÀS 21 HORAS E ÀS 23 horas
DOMINGOS MATINÉES ÀS 16 HORAS — NOITE ÀS 21.45 H.
Segundas-feiras descanso do C.ª Grupo D - M. 18 anos



O Tartufo
DE MOLIÈRE ENCENADO POR MARSILLACH
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
50 % de desconto para estudantes

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria-Papelaria Bento de José Manuel Bento — Praias (Sado)

Jean Seberg

Susan Hampshire

Filmando em Paris

Paris anima-se com dois filmes que aí se estão a realizar, um deles já em adiantada fase de trabalhos, outro em activa preparação. Seus nomes (seus deles, dos filmes): «Le Garde du Corps», que está a ser dirigido por Pascal Squittieri, e «A Leoa Elsa», que tem à frente da equipa de realização Carl Foreman. «A Leoa Elsa» é uma série de aventuras que vai no seu terceiro episódio, que se intitula «Livre Para Sempre». Como aliciantes destas duas «realizações parisienses», a presença de duas grandes estrelas de cinema, uma em cada uma das filmagens. Em «Le Garde du Corps», a presença de Jean Seberg para desempenhar um dos principais papéis. Na outra película (o terceiro episódio da «Leoa Elsa»), a contribuição de Susan Hampshire que, com o resto da equipa, irá para África terminar as filmagens.

DL/ESPECTÁCULOS

"PETRUS CASTRUS" em português sim, mas devagar...

Mesmo sem termos o propósito de passar a escrito a história (?) dos vários agrupamentos «rock» portugueses desejamos dizer, no essencial, o que são e representam no processo irregular da música portuguesa.

Não vamos falar dos grupos revelados em dezenas de festas de finalistas por esse país nem dos tristemente célebres «concursos yé-yé» realizados há meia dúzia de anos no palco do Monumental. Falaremos ainda menos dos discos que gravaram, pois dum modo geral nada vieram acrescentar à penúria da música ligeira confeccionada em Portugal. Recordamo-nos, mesmo assim, dos «Sheiks» que, com alguns discos no activo, (Carlos Mendes e Paulo de Carvalho começaram aí) chegaram mesmo a actuar numa conhecida «boite» parisiense. Depois olhamos à volta e pouco mais nos fica: dos «Ekos», dos «Claves» do «Fluido» conservamos apenas a certeza de nunca terem ultrapassado a timidez dos projectos.

Limitando-se a reproduzir com maior ou menor fidelidade e capacidade (re)creativa os temas que nos chegavam através da rádio e do disco, os agrupamentos nacionais não criaram nunca, por razões diversas, uma personalidade própria, até porque o trabalho de pesquisa não poderia nunca ter a suportá-lo um sistema de profissionalização, que os músicos por princípio não podem aceitar. Não por culpa deles, claro: a responsabilidade encontramo-la nas precárias condições de trabalho com que deparam quantos pretendem fazer da «arte» (usamos o tema no seu sentido mais amplo) um verdadeiro ofício.

Numa segunda abordagem recordamo-nos da «Filarmónica Fraude» que, não obstante a fragilidade do seu trabalho instrumental, veio demonstrar até que ponto era viável (mesmo recomendável) a criação de um reportório próprio assente em palavras portuguesas, coisa que era entendida pelos grupos caseiros como uma verdadeira «heresia». «Epopeia», um álbum gravado há algum tempo já, vem provar exactamente o contrário. Era efectivamente possível ver agrupamentos portugueses utilizando nos seus temas não só palavras portuguesas, mas também uma temática realista que, de algum modo, estivesse ligada ao quotidiano amargo de todos nós. «Epopeia» não teve porém continuidade, pois o agrupamento foi-se debilitando com a deserção de alguns dos seus melhores elementos acabando

CRÍTICA DE JOSE JORGE LETRIA

por transformar-se em «conjunto de boite». Da «Filarmónica», para além de alguns erros que seria agora inútil apontar, ficou-nos pelo menos uma curiosa proposta de «leitura» dos Descobrimentos e da nossa fama de conquistadores.

Dum modo geral, oriundos de meios econòmicamente favorecidos, os elementos dos grupos caseiros, nunca viram na música senão uma forma de preencher ócios e eventualmente de ganhar algum dinheiro em contratos estivais.

«PETRUS CASTRUS»

Composto por cinco elementos «Petrus Castrus», um novo agrupamento português que grava para a Decca, vê agora no mercado o seu segundo disco, no espaço de poucos meses. Trata-se de um 45 r.p.m. com três temas em português. «Tudo isto, tudo mais» que ocupa o lado A foi escrito pelos três irmãos Castro que dão nome ao grupo e, do ponto de vista formal,é a mais aceitável das letras do disco. Funcionando bàsicamente como um jogo verbal a canção pretende, ao que parece, dar através de meia dúzia de conceitos pseudo-filosóficos (**De tudo depende e vivo**» «**Uma existência finita**» «**De tudo quanto consiste**» ou «**Tão sòmente medeia**») uma visão caótica do mundo circundante. Enganam-se, porém, os autores pois, até do ponto de vista formal, «Tudo isto, tudo mais» não passa de uma avalancha de lugares-comuns que, nem sequer no facto de se encontrarem aquém (ou será além?) da realidade, encontram justificação.

No lado B «Familiada» e «Moscas Sol e Gente» que ligam-se através do som instrumental. Se em «Tudo isto, tudo mais» o gozo verbal dos irmãos Castro nos parecia já extremamente vazio e pretensioso em «Familiada» a situação agrava-se: «Mataram-no as duas filhas/por ele não não gostar de ervilhas» que pretende ser até no irracionalismo do discurso o prolongamento de certas experiências tropicalistas, pisa decididamente o risco. Os tropicalistas, pelo menos, sempre têm a abonar o seu irracionalismo o calor dos trópicos.

De «Moscas, Sol e Gente» limitamo-nos a transcrever alguns dos versos mais significativos: «**Borrachos que são umas máquinas/mas que importa, Zé/se tu és um pé**». Para bom entendedor...

No que concerne ao instrumental diremos apenas que nem a rouquidão aproveitável do vocalista nem o fraseado por vezes interessante do piano, ilibam os elementos do grupo de tanta «barbaridade verbal».

Achamos muito bem que se tente cantar em português, como atitude é até bastante saudável, só que, é urgente ter cuidado com o que se canta.

Um operário no cinema francês

CRÍTICA DE LAURO ANTÓNIO

TÍTULO: VIDAS INQUIETAS (Le Temps de Vivre)
REALIZAÇÃO: Bernard Paul, 1969 (França)
INTÉRPRETES: Marina Vlady, Frederic de Pasquale, Cristea Avram, Catherine Allegret, Françoise Godde, etc...
DISTRIBUIÇÃO: Rivus
ESTREIA: Cinema Alvalade (19-5-72)

Le Temps de Vivre foi saudado, aqui há dois anos, em França, como um acontecimento importantíssimo no panorama da cinematografia gaulesa. Tratava-se de um filme cujo ambiente retratado era o do operariado. Coisa rara! Só por isso, só por esta opção da base, o filme mereceu palavras de (justo) aplauso. Bernard Paul, que se estreava na longa metragem, era apontado como exemplo a seguir. exemplo a seguir numa cinematografia inteligente, é certo, muito preocupada (para nossos males) com o «discurso» e o «material fílmico», e tão avessa ao que quer que seja que se relacione com o verdadeiro povo francês. Centos de cineastas falam-nos, anualmente, da frivolidade, do vazio, da incomunicabilidade, da doença de uma classe: a burguesia francesa. Raríssimas vezes nos chegam, afirmando a existência de outras classes. O operariado francês vive ignorado, esquecido ou maltratado. Isto porque para dar tom de **esquerda** a muitos desses filmes intrinsecamente burgueses, alguns actores emprestam o rosto ao operário. Um operário quase sempre decorativo, exótico, tranquilizante.

Le Temps de Vivre vem juntar-se a **O Salto**, de Christian de Chalonges, a **Pierre et Paul**, de René Allio, a **Septs Jours Ailleurs**, de Karmitz (e a mais alguns, poucos). Bernard Paul não será um cineasta brilhante, que se revela num ápice. Mas é um homem honesto, que fala honestamente de problemas que os seus confrades parecem ignorar. Por exemplo: fala de uma sociedade de consumo que obriga o operariado a horas extraordinárias, a fins de semana de trabalho intenso, a dias e dias sem descanço, tudo isto para que a mulher possa levar uma vida decente e para preparar um futuro aos filhos. Lentamente, o operário vai desaparecendo, todavia, da família. Os filhos desenham quem conhecem, quem amam, com quem convivem e, no lugar do pai, surge o vazio. O pai torna-se um estranho, não só para a mulher, também para os filhos. Um estranho para si próprio. É necessário sempre mais dinheiro para poder oferecer à família uma vida decente: é necessário televisão, máquinas de lavar, máquinas de descascar legumes, gira-discos, etc... Um mecanismo dos diabos, uma engrenagem que, para oferecer às pessoas **bem-estar**, lhes retira a vida. Um diálogo do filme é particularmente significativo. A mãe de Marie (Marina Vlady, como sempre notável) pergunta-lhe se ela não é feliz. «**Tens tudo o que te faz falta...**», acrescente. A o que Marie responde: «**Tudo... excepto tempo para viver**».

Para além disto, Bernard Paul, com grande discrição e pudor, consegue uma mescla de cinema directo e de ficção, de reportagem e de **estoria** que nos parece bastante interessante e se os afigura um dos caminhos possíveis para um cinema que se queira autêntico, interveniente e sociològicamente significativo. Sequências filmadas em directo reúnem-se a outras, interpretadas por actores, reconduzindo o cinema francês a um contacto com a realidade que há muito tempo lhe vinha faltando. A lição é extraída um pouco do neo-realismo italiano, mas também do **free cinema** inglês, e de certas experiências francesas, a que Jean Rouch não é de todo alheio.

O aspecto mais discutível de **Vidas Inquietas** é, aliás, o lado ficcionista, o esboçar de uma atracção de Marie por um antigo professor do filho. A obra nunca chega a ser demagógica ou melodramática, mas a figura do professor necessitaria de um tratamento em profundidade que Bernard Paul não lhe dedica, limitando-se a indicar os contornos. Também nos parece relativamente grave a ausência de contactos que se verifica entre o patronato e os operários de que Louis é um exemplo. Em conpensação, o desenraizamento de classe que Louis personifica é particularmente bem dado, demonstrando até que ponto a luta individualista conduz ùnicamente à destruição do próprio indivíduo e nunca a soluções que o resguardem.

Sem ser um filme particularmente brilhante, **Vidas Inquietas** é uma película importante. Uma obra cuja visão se recomenda por constituir uma achega significativa na discussão de problemas que dizem respeito ás grandes maiorias

Que um filme destes não tenha público, enquanto certos malabarismos formais permanecerem, eis algo que não nos espanta. Mesmo nada...

Infantário oferecido à Cruz Vermelha

A direcção da Cruz Vermelha Portuguesa reuniu-se num almoço com os elementos dos órgãos de Informação a fim de prestar esclarecimentos sobre as suas iniciativas, nomeadamente a construção de um infantário oferecido pelo sr. Manuel Leon Kac e destinado aos filhos do pessoal da casa de saúde daquela instituição.

Antes, foi assinado pelo presidente da Cruz Vermelha o termo de aprovação do projecto e maqueta da referida obra. Seguiu-se a inauguração de uma exposição de plantas e da mesma maqueta, e finalmente o lançamento da 1.ª pedra e o início da construção do infantário nos terrenos anexos.

Douglas-Home autor de teatro

No dia quatro de Junho será estreada no «Savoy Theatre», de Londres, a peça de William Douglas-Home «My father knew Lloyd-George». Antes, porém, a obra será representada por sir Ralph Richardson e Peggy Ashcroft no «New Theatre», de Oxford, e no «The Grand Theatre», de leeda.

DL show

Integrado no programa de actividades culturais do Cineclube do Porto será exibido o filme «O Salto» de C. Chalonge. A projecção terá lugar no cinema Batalha no próximo domingo e segunda-feira respectivamente às 10.45 e às 18.20 horas.

★

No Salão de teatro do Palácio Foz realiza-se no próximo dia 6 pelas 18.30 um concerto de guitarra pelo argentino Guilherme Fierens. Do concerto constam cinco peças para alaúde. Nascido em 1941 Fierens tem alcançado nos últimos anos um sucesso considerável na Europa e nos Estados Unidos.

★

Vitória Maria vai ao Rio de Janeiro defender em festival a canção que representa o nosso país no certame.

A DIVISÃO

Muito se falou, já da divisão dos «Bonecreiros». As justificações, feitas à base da «diferença de linguagem», foram muitas e variadas. Uma coisa, porém, não pode deixar passar-se em claro:é que agora, em vez de uma companhia a fazer um teatro vivo, de qualidade e, ao mesmo tempo, popular (no sentido de ser percebido e apreciado por todos, independentemente do seu grau de cultura ou dos seus conhecimentos), são duas. Duas companhias. E isso é de louvar, é de se dizer ainda bem. Eles, os antigos «Bonecreiros» e os que já não o são (os da «Comuna) continuam, segundo afirmaram em público, «amigos como dantes». Nós, os espectadores, os que precisamos desse Teatro que eles já fizeram, desse Teatro que eles se propõem fazer, ficámos com a possibilidade de o ver duplicada. Quanto à divisão, portanto, talvez seja, mesmo, caso para agradecer!

NUNO GOMES DOS SANTOS

«Ressurgir» é o nome da canção que Lenita Gentil cantará nas Olimpíadas da Canção de Atenas. A música da canção é da autoria de Rocha Oliveira.

Terá início em breve o Ciclo de Cinema promovido pela Casa da Imprensa. Em exibição durante esse período estarão obras que apesar da sua representatividade passaram quase despercebidas entre nós.

A RTP vai participar este ano pela primeira vez em dois concursos internacionais de música ligeira: A Gaivota de Ouro de Knoke e a Taça da Europa de Cantores. Na primeira far-se-á representar pelo Duo Ouro Negro, Conjunto Objectivo e Grupo de Coros e Coreografia e na segunda por Paulo de Carvalho Teresa Silva Carvalho e Tònicha.

DL / NACIONAL — HABITAÇÃO

OS CASOS DE DESPEJO NA FUNDAÇÃO SALAZAR

Ordem de despejo até ao fim deste mês foi recebida por oito famílias residentes em casas da Fundação Salazar, no Laranjeiro. A intimação teve origem em atrasos no pagamento da renda fixada pela Fundação: 650 escudos mensais. Das famílias ameaçadas de ficar sem lar, três não pagam as rendas há seis meses; duas, há cinco; outras duas, há quatro, e uma, há três meses.

Terra de ventos frios, o Laranjeiro é habitado, na sua maioria, por gente que deixou para trás as charnecas alentejanas, passou pelas barracas dos bairros marginais e veio, finalmente, em Julho último, fixar-se ali, no agregado populacional da Fundação. São campónios feitos estivadores, vendedores ambulantes, mecânicos de ocasião. Os ordenados baixos, as proles numerosas e o custo de vida a subir de forma imparável aumentam neles a saudade dos horizontes nostálgicos dos seus rincões originais.

Custódio Nogueira, mecânico da Standard Eléctrica, encontra-se ausente, no emprego. Mas tem em casa a mulher (Otília) e onze filhos menores:

— **E outro na barriga! E agora vamos voltar ao mesmo de sempre: uma barraca na Margueira ou em qualquer outro la-**

Otília Nogueira: «Como pagar uma renda de 650 escudos, se o meu Custódio só ganha dois contos e pouco, para esta gente toda?...»

do para onde nos queiram mandar. Mas como podíamos pagar a renda de 650 escudos, se o meu Cústodio só ganha dois contos e pouco por mês, para esta gente toda? E desse dinheiro ainda tem que tirar para os transportes até ao Poço do Bispo, que é onde ele trabalha! Agora até quer deixar a mecânica e ir para as obras a ver se ganha um pouco mais...

Outro bloco residencial, outra família, outro problema de difícil resolução. Adelino Andrade, servente de calafate, sete filhos e a mulher grávida:

— **Estou com baixa desde Março, e não sei por que razão estou desde essa altura sem receber os vencimentos da Caixa da Marinha Mercante, a que pertenço. Quando estou bom ganho dois contos e oitocentos, mas está visto que vou sair, pois não poderei pagar as rendas que devo à Fundação. Vim duma barraca em Linda-a-Velha, e, pelo caminho que as coisas estão a levar, para ali voltarei, se por lá houver alguma vaga. É a vida!**

São apenas dois casos, entre oito quase iguais.

A FUNDAÇÃO ESCLARECE

Quanto à Fundação Salazar que contactámos sobre o assunto, confirmou a realidade oficial das oito ordens de desocupação, prestando-nos por escrito o seguinte esclarecimento:

1. Segundo o regulamento de ocupação das casas da Fundação Salazar, os ocupantes deverão, nos termos do seu parágrafo 1.º, compensar a Fundação pelos benefícios que esta lhe proporciona, por meio do pagamento mensal de quantias fixadas pelo conselho administrativo. Estas mensalidades deverão ser pagas pelos ocupantes das casas até ao dia 10 inclusive do mês a que respeitam. O não cumprimento desta disposição implica sanções disciplinares que podem ir até à ordem de desocupação das casas se até ao fim do mês em causa os ocupantes das mesmas não tiverem contactado os serviços da Fundação, expondo a sua situação, que será devidamente estudada, podendo ser atribuídos subsídios, quando verificada a sua necessidade.

2. Na data de ocupação das casas da Fundação os candidatos a moradores assinam um termo de posse, em duplicado, cujo original é entregue ao morador e o duplicado assinado fica em poder da Fundação. E do seguinte teor o termo de posse: «Declaro que aceito as condições de ocupação da habitação acima referida comprometendo-me a cumprir as normas do respectivo regulamento e a pagar a mensalidade de....Se, por faltar a este compromisso, for intimado a desocupá-la e o não fizer no prazo tanto tanto fixado pelo conselho administrativo da Fundação, autorizo esta a proceder, sem mais formalidades, á sua desocupação».

3. Relativamente aos moradores do conjunto habitacional do Laranjeiro intimados a desocuparem as casas há que destacar o facto de terem ocupado as casas da Fundação de sua livre vontade e de no acto de entrega destas lhes ter sido dado o regulamento, bem como o respectivo termo de posse, que leram e assinaram.

4. Ainda em relação aos moradores mencionados em 3., foram feitas várias diligências junto dos mesmos, no sentido de se analisar a sua situação, não sendo encontradas razões para que fosse feita excepção em relação aos restantes moradores daquele conjunto habitacional.

A nota-se haver quatro famílias nesse conjunto habitacional que, devido ás suas precárias condições económicas recebem subsídios da Fundação, não estando dispensados, porém, de pagar as mensalidades pela ocupação das casas.

Esclarece-se que é princípio desta Fundação não dispensar nenhum dos ocupantes das suas casas de pagar a respectiva mensalidade, muito embora procure compensá-los, por outro lado, com subsídios, sempre que as circunstâncias o justifiquem.

Alem disso, tem-se facilitado o mais possível a liquidação das mensalidades, aceitando-se pagamentos semanais ou moratórias, quando tem sido solicitado.

E assim é que, estando o conjunto habitacional do Laranjeiro ocupado há cerca de um ano por 100 famílias, só agora se decidiu tomar medidas extremas em face duma situação que se estava agravando de mês para mês, ameaçando generalizar-se a todos os ocupantes.»

Adelino Andrade, doente e com sete filhos: «Está visto que vou sair, pois não poderei pagar as rendas que devo»

Uma cama para toda a gente

SEIXAS DO MINHO

D. Maria da Conceição Canas Correia

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Leopoldo Correia de Castro, Murilo Canas Correia e sua mulher, Roberto Canas Correia e sua mulher, Leopoldo Canas Correia, sua mulher e filhos, Anibal Canas Correia, sua mulher e filhos, António Augusto Canas Correia, sua mulher e filhos e mais familia cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar à sua Divina Presença a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, tia e parente e que o seu funeral se realiza dia 28, ás 3 horas, da Igreja de Acantara para o cemitério de Seixas do Minho.

Alfredo Magno e Jaime Gomes, Ld.ª
Avenida Almirante Reisl 129-A
Telef. 51586

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João de Deus — PRAIA DA ROCHA

1ª FEIRA TAURINA
INTEGRADA NAS POPULARES FESTAS DO SENHOR DE MATOSINHOS

SÁBADO 27 DE MAIO ÀS 17 H
CAVALEIROS
Fernando SALGUEIRO
Frederico CUNHA
ESPADAS
José JÚLIO
Ricardo CHIBANGA
GRUPO DE FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
8 TOIROS DOS HERDEIROS DE JOÃO GREGÓRIO 8

DOMINGO 28 DE MAIO ÀS 17 H
CORRIDA DE TOIROS À PORTUGUESA
MANUEL CONDE
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
FERNANDO SALGUEIRO
FORCADOS
AMADORES DO MONTIJO
AMADORES DO RIBATEJO
6 TOIROS DE MANUEL E CARLOS VEIGA 6

VENDA DE BILHETES: Casa Campeão, Porto; Comissão Municipal de Turismo de Matosinhos e nas bilheteiras da Praça de Matosinhos. Grupo A M/6 anos

7ª SEMANA NO estúdio
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
Uma abelha na chuva
UM FILME DE FERNANDO LOPES

GRUPO C-14 ANOS

DL/NACIONAL

Petróleo discutido em Lisboa

As companhias petrolíferas e os governos dos países produtores não estão interessadas em chegar a um resultado demasiado fácil. Estas jogadas são mais tácticas do que estratégicas — disse o dr. Paul Frankel, consultor económico das grandes companhias mundiais, comentando hoje para o «DL» a notícia da suspensão das negociações de Genebra sobre as participações governamentais nos lucros do petróleo.

As companhias petrolíferas não aceitarão a instalação de regimes políticos radicais no Médio Oriente, como sucedeu na Líbia — disse ainda o director da Petroleum Economic, de Londres, contratado pelo I.N.I.I. para reger um curso de 18 horas sobre «A Direcção e os Aspectos Económicos das Indústrias do Petróleo», que reuniu num hotel de Lisboa, representantes da CUF, Soponata, Shell, Sacor, Fina, Sonap, Mobil, Petrosul, Petrangol e BP, além de delegados do Fundo de Fomento Mineiro Ultramarino e o director-geral dos combustíveis. Mas «não se tratou de negócios», segundo disse o orientador do seminário, que se encerrou hoje.

Convidado a dar a sua opinião sobre os problemas das campanhas petrolíferas que actualmente operam no Ultramar, o dr. Frankel não quis prestar declarações: **no comment** sorriu.

Casal de 11 filhos premiado pelo Chefe do Estado

A exemplo de anos anteriores chegou a Lisboa o pescador poveiro José Marques Maio, de 39 anos, residente no bairro dos Pescadores, n.º 43, póvoa de Varzim. Foi recebido, hoje no Palácio de São Bento, pelo Presidente da República, a fim de receber o prémio «D. Manuel Trindade Salgueiro», instituido pela Junta Central da Casa dos Pescadores, em colaboração com a Obra das Mães, no valor de 5000 escudos.

Ao acto, esteve presente o almirante Henrique Tenreiro e comandante Tomaz Cancela, respectivamente presidente e secretário-geral da Junta Central da Casa dos pescadores.

O pescador José Marques Maio é casado com Virginia Rodrigues Maio, de 37 anos e tem onze filhos.

COLÓQUIO NA GULBENKIAN
reforma do ensino superior

Prosseguiu hoje de manhã, numa das salas de Congressos da Fundação Gulbenkian, o Colóquio Internacional sobre a Reforma do Ensino Superior em Portugal, que aquela Fundação promoveu em colaboração com o Instituto International of Education e no qual participam professores e observadores portugueses e estrangeiros.

Presidiu á sessão o professor Kenneth Holand presidente do I. I. E. de Nova Iorque, sendo relator o professor Newton Sucupira, director do Departamento de Assuntos Universitários, do Ministério de Educação e Cultura em Brasília.

Assistiram á sessão de estudo o Ministro da Educação Nacional e oa reitores da Universidade Clássica de Lisboa, da Universidade do Porto e da Universidad de Lourenço Marques, e ainda os vice-reitores da Universidade de Coimbra e da Universidade Técnica de Lisboa.

Durante a tarde de hoje, os participantes do COlóquio visitam a Universidade de Lisboa e a Biblioteca Nacional e á noite assistirão a um jantar em Queluz oferecido pelo Ministro da Educação Nacional, com que se encerra o Colóquio.

Os participantes seguem amanhã para Coimbra onde visitarão a Universidade e onde o reitor lhes oferece um almoço.

Segue-se uma visita a Conimbriga, após a qual os convidados regressam a Lisboa, jantando na Pousada de Obidos.

CRIME NO ALTO-MAR?

Durante a viagem que o navio dinamarquês «Ami Klint», realizou ontem de Leixões para Lisboa, um dos tripulantes, o sr. Johnny Christenssen, de 17 anos, da mesma nacionalidade, desapareceu, presumindo-se, em princípio, que tenha caído ao mar.

No entanto, logo que aquele navio chegou a Lisboa, a Polícia Marítima, informada das circunstâncias algo obscuras que rodearam o desaparecimento do sr. Christenssen, iniciou as investigações, não pondo de parte a hipótese de ter havido crime. Ao certo, sabe-se que o sr. Christenssen não ficou em Leixões, pois vários dos seus colegas afirmam terem-no visto a bordo, pouco depois da saída do porto.

Aguarda-se que a Polícia Marítima encerre as averiguações em curso, para se poderem dar informes mais claros sobre o caso.

ATRAVESSOU O TEJO À PANCADA

Ontem de manhã, num dos barcos que fazem carreira entre as duas margens do Tejo, o «Trás-os-Montes», houve burburinho a bordo.

O sr. Mário do Carmo da Conceição, de 36 anos, serralheiro, residente no Dafundo, na Rua 7 de Junho, 759, entrou a bordo daquele barco, no Barreiro, de regresso a Lisboa, ao que parece muito mal-humorado. Tão mal-humorado, que assim que pôs o pé a bordo, logo lhe ocorreu começar a zangar-se com tudo e com todos, passageiros e tripulantes. Claro que a zanga do sr. Mário do Carmo devia vir de longe. Em determinado momento, começou a proferir frases que as autoridades consideram de incitamento à revolta e de tom subversivo e, ao ser-lhe dada ordem de detenção pelo agente da Polícia Marítima, sr. Domingos Gil Canarias, não a acatou, oferecendo séria resistência.

Quando o navio atracou, no Terreiro do Paço, recusou-se a acompanhar o referido agente à sede daquela Polícia e com tamanha veemência se opôs a isso, que teve de ser dominado com certa severidade e levado à força com a ajuda de outros agentes.

A Polícia Marítima investiga as causas da insólita atitude.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Floriano Andrade, R. Dr. Oliveira Salazar, 30-A — FUZETA

PRÉDIO

BOM LOCAL DE LISBOA com bons transportes para todos os pontos, junto Cidade Universitária, excelente situação, bom volume de construção com cerca de 10 anos, impecável estado, composto de uma boa loja e 3 pisos, habitaç. de 4 ass. por inq. PREÇO 1.300.000$00. RENDE 74.440$00. Magnífica aquisição.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292-1.º — Telefs. 369384 5/6 — 328232/3 — 361756

a Obra imortal de SHAKESPEARE !

o assassínio de JÚLIO CÉSAR

GRUPO A (10 anos)

sofilmes

8 GRANDES ACTORES !

CHARLTON HESTON — MARK ANTONY
JASON ROBARDS — BRUTUS
SIR JOHN GIELGUD — CAESAR
RICHARD JOHNSON — CASSIUS
ROBERT VAUGHN — CASCA
RICHARD CHAMBERLAIN — OCTAVIUS CAESAR
DIANA RIGG — PORTIA
CHRISTOPHER LEE — ARTEMIDORUS

HOJE ESTREIA NO **ALVALADE** 21h.45

motor

MAIS UM NÚMERO A VENDA EM TODO O PAÍS

ARY DOS SANTOS NA FEIRA DO LIVRO

Amanhã, o poeta José Carlos Ary dos Santos estará na Feira do Livro — Stand n.º 44, da Livraria Quadrante — para autografar o seu novo livro «Resumo», das 19.00 às 20.30.

HOJE ESTREIA NO **EDEN** ÀS 21,45

ENCOMENDE JÁ O SEU

BOLO DA MÃE

NUM DOS MODELO Supermercados

E VENHA AO MODELO Supermercado do CAMPO GRANDE NO PRÓXIMO DOMINGO, ONDE QUEREMOS FELICITAR TODAS AS NOSSAS CLIENTES E OFERECER-LHES BRINDES ESPECIAIS DO DIA DA MÃE E DO NOSSO 1.º ANIVERSÁRIO

ELEIÇÃO DA PRINCESA DAS "TEEN AGERS" PORTUGUESA 1972

As finalistas vão hoje à Juno receber lições

Expressiva como poucas, Maria José Varela Silva, concentra-se na resposta a dar a uma pergunta

Envergando o fato oferecido pela Bayer, cujo modelo é igual para todas, e os dois fatos confeccionados ao gosto de cada uma com os tecidos oferecidos pela Bayer e pela Riopele, as «teen-agers» efectuarão três desfiles no dia da eleição. Os dois últimos destinam-se à atribuição dos prémios Bayer e Riopele de Elegância, constituídos por uma valiosa jóia destinada à «teen-ager» finalista que apresentar o melhor vestido com tecido Bayer e Riopele.

Embora, como repetidas vezes temos assinalado, as candidatas ao título de Princesa das Teen-Agers Portuguesa vão aprender a desfilar para que no dia 3 todas possam ter as mesmas possibilidades e possam combater um certo nervosismo e atrapalhação, absolutamente naturais em quem não conhece a técnica de andar numa «passarelle». Hoje à tarde o programa das «teen-agers» será ocupado com uma ida à Juno — Escola de Manequins, que novamente colabora com o «Diário de Lisboa» nesta iniciativa, e onde as finalistas receberão as primeiras lições. Estas, independentemente da sua vantagem para o dia da eleição são de grande utilidade para qualquer jovem porque levam a uma maior elegância na maneira de andar, de vestir e de saber estar em público. Com um pouco de esforço e de exercício as «teen-agers» podem acrescentar um detalhe muito importante à beleza natural: a elegância. As lições na Juno têm portanto, como objectivo proporcionar às candidatas um maior à vontade para enfrentarem o júri. A vencedora a Juno oferecerá no final um curso completo de manequim. Algumas das «teen lagers» dos anos anteriores fizeram mais tarde cursos destes e tornaram-se manequins profissionais trabalhando, nos intervalos da sua vida escolar, em passagens de modelos de alta costura, uma actividade que atrai muitas jovens.

Outra preciosa colaboração vem de um grupo de grandes cabeleireiros — Artur Mendes, Alfredo Centieiro e Nobre — que vão pentear as «teen-agers» tanto para o dia da eleição como para as restantes fases do programa.

A eleição terá lugar, como já foi dito, na Estufa Fria, no decorrer de uma festa oferecida pelo «Diário de Lisboa» e pela Câmara Municipal de Lisboa.

A criança e o trânsito

Pelas 18 horas, realiza-se nas instalações da FOC, Rua de D. Estefânia, 177-A-C, em Lisboa, um colóquio sobre «A criança e o trânsito», orientado pelo dr. Fernando Queirós, assistente de Pedagogia da Faculdade de Letras do Porto.

Cursos de socorrismo

Hoje e amanhã, nas instalações da FNAT, Costa da Caparica, decorrem as provas finais do 9.º Curso de «Primeiros-Socorristas» e do 6.º Curso de «Monitores de Primeiro-Socorristas», organizados pelo Centro de Prevenção e Segurança. Estarão presentes cerca de 65 participantes. À manhã de tarde serão distribuídos os diplomas aos concorrentes aprovados.

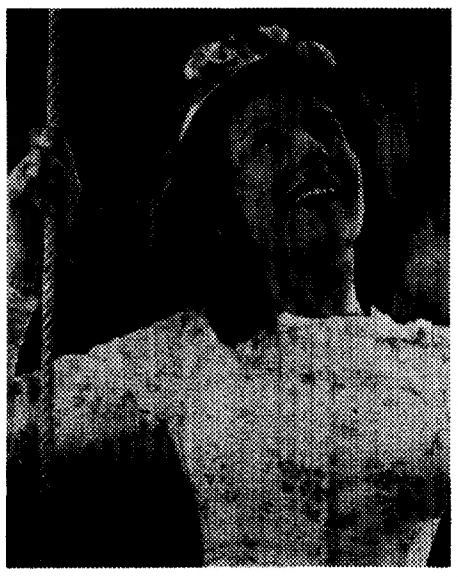
diTEC
DISTRIBUIDORA DE LIVROS TÉCNICOS, LDA.
SALDOS
NA AVENIDA DA IGREJA, LOTE 1278
DURANTE A FEIRA DO LIVRO
PEÇA O NOSSO BOLETIM

FALTAM 6 NOITES
PARA TERMINAR A EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 23 HORAS DE
MOBILIÁRIO ZmarKS
NOVOS MODELOS
24 STANDS
MOVILAR PORTUGUESA
Rua Marquês da Fronteira, 4 (loja)
S. Sebastião — LISBOA

Compram-se prédios
P/ DEMOLIR. Só tratamos c/ o próprio.
Resposta a este jornal ao n.º 566.

PANTENE TAMBÉM VAI SEMPRE À CABEÇA..
PORQUE É A LOÇÃO CAPILAR MAIS VENDIDA NO MUNDO
PANTENE é um produto de qualidade e prestigio, com três acções
ACÇÃO TRATAMENTO — evita a queda do cabelo
ACÇÃO ANTI-CASPA — muito eficaz contra a caspa
ACÇÃO COSMÉTICA — ajuda a pentear, proporcionando saúde e higiene ao seu cabelo
NOVO!! AGORA PANTENE S.A. TEM UM AFTER-SHAVE COMPLETO PARA SI
XYRENE
VITAMINADO
NÃO SÓ REFRESCA COMO CUIDA DA SUA PELE
FRASCO DE 95 c.c. ESC. 49$50

BATALHA
4.ª SEMANA
Animatógrafo apresenta
TODOS OS DIAS ÀS 17 e À MEIA-NOITE e 15
PASSEIO AO CAMPO
(Une Partie de Campagne)
Um filme de Jean Renoir
No mesmo programa o filme
ENCONTRO COM Jean Renoir
entrevista sobre A Regra do Jogo conduzida por JACQUES RIVETTE
Grupo D / 18 anos



DL/NACIONAL

UMA ESTREIA

Da sua longínqua Bragança, envia-me o jovem Fernando Pacheco o pequeno volume de poesia intitulado «Maria Milagre», acabado de sair do prelo e que constitui a sua estreia literária. São vinte e sete poemas de quem prefere «ficar com o rosto desfigurado / e a alma distorcida / a suportar o pêndulo de aço / batendo no (meu) peito as horas do remorso / para toda a vida».

Pese embora a forma incipiente manifesta na maioria dos poemas, que poderiam, com vantagem, ser depurados de modo a despirem uma certa capa de lugares-comuns que, aqui e ali, amiúde os cobre, há em «Maria Milagre» uma evidente preocupação de qualidade que não é de desprezar. Como igualmente é de salientar a boa intenção, nos aspectos de crítica social, destruição de mitos, etc., presente no espírito do autor.

O volumezinho tem excelente apresentação gráfica e belas fotografias de Luís Cangueiro.

Sociologia

Publicações Dom Quixote acabam de publicar, como n.º 25 da sua colecção «Universidade Moderna», o volume «Introdução à Psicologia», de John Cohen. O autor é uma autoridade mundialmente conhecida no mundo da Psicologia, cadeira que rege na Universidade de Manchester. O livro destina-se a estudantes que encetam o estudo da psicologia pela primeira vez.

Casa do Gaiato

A Editorial da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, publicou a segunda edição do volume «Isto é a Casa do Gaiato», do Padre Américo. O livro constitui uma espécie de diário do malogrado sacerdote que criou a benemérita obra, hoje espalhada pelo País. Simultâneamente, é a história dos primeiros tempos da Casa do Gaiato — um livrinho que certo público não deixará de ler com ternura.

Mafalda ataca de novo

Mafalda

A endiabrada Mafalda (por quem tenho, confesso, um grande fraco) está aí de novo: a Dom Quixote acaba de publicar o caderno «Mafalda vai para férias». Estamos pois de parabéns, os apreciadores da célebre banda desenhada de Quino.

ÉS ESTUDANTE?

Vais precisar de uma certidão de nascimento? Pede-a já pois ela não perde a validade e evitas desperdício de tempo.

CORRIDA A FAVOR DA LIGA CONTRA O CANCRO

À semelhança dos anos anteriores, realiza-se na Praça de Touros do Campo Pequeno, no dia 1 de Junho, às 21 e 45, uma corrida de gala à antiga portuguesa, a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro, à qual assistirá o Chefe do Estado.

Participarão na corrida os cavaleiros Manuel Conde, Mestre Baptista, José Maldonado Cortes, Gustavo Zenkl, Frederico Cunha, Sommer d'Andrade, o amador Emídio Pinto, os forcados amadores de Santarém e de Montemor e vários bandarilheiros conhecidos, sendo lidados touros da ganadaria de D. Luís Passanha.

Os bilhetes para este espectáculo, que será abrilhantado pela Banda Artística Lisbonense, estão à venda na sede do Núcleo Regional do Sul da Liga Portuguesa contra o Cancro no Instituto de Oncologia, podendo também ser requisitados pelo telefone 779348.

Mais vale segurar do que lamentar!

Há que dizer-se das coisas o somenos que elas são.
Se for incêndio é um fogo, se for salvado é tição.
Mas quando nos arde a casa com os móveis que lá estão?
Então as coisas são brasa e o incêndio uma lição!
Lembre-se de que TODOS OS RISCOS PODEM SER PREVISTOS

DIRIJA-SE ÀS COMPANHIAS DE SEGUROS.

o seguro protege o futuro

DL/GERAL SOCIOLOGIA

Ora diga-nos...

COSTUMA IR A CONCERTOS?

Há concertos e concertos. Os da Gulbenkian (onde nem toda a gente chega) e os da bandas, nos coretos dos jardins, completamente de borla. Entre os dois extremos, os concertos populares do S. Luís, com lugares a partir de 10$00. Parece que toda a gente podia assistir ao seu concertozito, de vez em quando. Será verdade?

O primeiro entrevistado dá-nos a primeira negativa, de maneira a não deixar ilusões. É Fernando Figueiredo, empregado de hotel.

— **A concertos? Não, senhora, não vou. Só fui uma vez, quando era novo.**

Novo?

— **Pois, novo na idade. Agora já tenho 14 anos, estou na idade em que a gente começa a ser homem. E já trabalho. Não é que não goste de música, mas o tempo não dá. Para ir ao cinema nas folgas e nos domingos ainda se arranja, mas para concertos não.**

O sr. António Jacob, empregado de mesa, não altera o panorama:

— **Não, nunca fui. Não dá jeito. Aprecio música, mas sentado em casa, de preferência na Televisão. Vou a outros espectáculos: cinema, teatro, futebol...**

Maria José Lima Miguel, empregada de escritório e estudante do Instituto Comercial também nunca fui a um concerto...

— **Gostaria imenso de ir, principalmente à ópera, porque aprecio muito, apesar de não entender o que cantam. Mas, sabe: trabalho e estudo, não fica tempo para mais nada. Bem sei que de vez em quando é preciso uma certa evasão, mas, como o meu namorado também estuda, quando arranjamos um momento livre, vamos os dois dar uma volta...**

COSTA DO SOL

Esgotos vão ser escondidos

Está a decorrer o concurso para a construção de novos emissários submarinos dos esgotos da linha do Estoril, que irão desaguar a 600 metros da costa e a grande profundidade. Numa primeira tentativa de saneamento da zona, a Direcção dos Serviços de Salubridade prevê a substituição das condutas do Jamor (Cruz Quebrada), da ribeira da Lage (Oeiras) e da Barcarena (Caxias), cujos despejos serão seguidos de exames bacteriológicos às águas do rio para controle do possível aumento do grau de poluição que o banhista lisboeta é obrigado a suportar.

Além desta solução imediata, encontra-se já aprovado um plano que irá renovar o sistema de esgotos em toda a Costa do Sol. Segundo o eng. Queirós Morais, director dos Serviços de Salubridade, **«o assunto está estudado e as entidades responsáveis sabem o que há a fazer para sanear a Costa do Sol, havendo já um plano geral dos trabalhos a efectuar. Apenas se esperam os planos de execução e estudos mais detalhados, para que se inicie a renovação.»**

Os trabalhos estão orçados em perto de 14.000 contos, tendo o Estado assumido um compromisso de 50 por cento. O restante será coberto pelas câmaras de Sintra, Oeiras e Cascais. Os trabalhos principais serão os da construção de um sistema geral adutor de muito maior capacidade. Esclarece-nos o eng. Queirós:

— **O plano geral desta obra de saneamento, teve em conta o que se passou com as instalações antigas, que foram ràpidamente ultrapassadas pelo crescimento urbanístico, e por isso se deu uma grande margem nos cálculos o que permitirá a utilização do sistema a construir, durante ainda muito tempo.»**

Este sistema geral não será concretizado tão cedo. Os habitantes da Costa do Sol ainda terão que esperar muito.

Para já, vai lançar-se aquela primeira iniciativa, não sem justos motivos de arrelia para os banhistas. E que as obras só devem começar no auge da próxima época balnear...

Irá desaparecer desta vez o flagelo da Costa do Sol, provocado pelos esgotos obscenos que poluem as melhores praias do Tejo?

—

A pestilenta situação tornou-se mais grave nos últimos anos, devido ao enorme surto urbanístico. O afluxo de habitantes, corresponde ao rápido ritmo de construção em zonas que vão de Cascais a Paço d'Arcos, passando por concelhos superlotados, como o de Oeiras, tornou insuficientes num espaço de tempo relativamente curto, as redes de esgotos nessas zonas. Assim, para não sobrecarregar a conduta principal, com términus para lá de Cascais, torna-se necessário, de quando em quando, fazer descargas nas canalizações emissárias situadas perigosamente junto de certas zonas balneares.

O erro de falta de previsão cometido pelos planos das antigas canalizações aliás tal previsão seria, na altura, difícil-obriga a que se tomem medidas imediatas em relação ao problema. E isso vai felizmente acontecer.

LÁPIDA ASSINALA O CENTENÁRIO DE "OS LUSÍADAS"

Começam, como anunciámos, em Junho no País, as celebrações oficiais do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas».

Durante o mês de Junho, devem ficar prontas as primeiras publicações incluídas no plano das comemorações, e a anunciada Exposição Bibliográfica sobre Camões estará patente ao público na Biblioteca Municipal do Porto. Ainda em 8 desse mês, com a presença de membros do Governo, será inaugurado em Lisboa, no Liceu de Camões, um torso do Poeta, da autoria do escultor Fernando Fernandes, antigo aluno daquele Liceu.

No dia 10 a Comissão Executiva das Comemorações, em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa, promove um acto cívico de homenagem ao épico junto da sua estátua, durante o qual será descerrada uma lápida assinalando a celebração do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas». A cerimónia será presidida por um membro do Governo. À noite, o sr. Presidente da República assistirá, na igreja dos Jerónimos a um concerto pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, em que actuará o Corpo Coral do Teatro Nacional de São Carlos. Serão executadas as peças **«Requiem à memória de Camões»** do compositor português Domingues Bontempo e «Hino Triunfal a Camões», da autoria do compositor brasileiro Carlos Gomes. Devem estar presentes nessa solenidade membros do Governo e do corpo diplomático e de outras entidades.

Ainda, sob a presidência do Chefe do Estado e com a presença de membros do Governo diplomatas, e de outras altas autoridades, a Comissão Executiva das Comemorações organiza na noite de 21 de Junho uma sessão solene camoniana, no salão nobre da Câmara Municipal de Lisboa.

MANHÃ NA PRAÇA

Porto mais caro que Lisboa

Queixava-se uma dona de casa ao percorrer pela terceira vez a fila de talhos do mercado da Ribeira, na indecisão entre a carne de vaca por 62$00 e a de porco por 60$00. Mais modestos, os preços de carne com osso — 32$00 e 20$00. A esta hora, os portuenses ainda comem mais caro: carne de vaca a 64$00, 48$00 e 28$00. Em contrapartida, no Porto é possível (?) comer vitela a 80$00, 72$00 e 51$00 e em Lisboa, nem vê-la.

Também no peixe se verificava uma pequena diferença entre os preços praticados nos principais mercados das duas cidades: enquanto na Ribeira a pescada estava a 48$00, a sardinha a 16$00, o goraz a 30$00 e o polvo a 20$00, no Bolhão os preços eram, respectivamente, de 52$00, 19$00, 32$00 e 22$00. O carapau (muito bera) custava 12$00 em Lisboa e outro tanto no Porto. Não tinha, porém, muita venda. Na Ribeira, vimos ainda linguado a 60$00, eirozes a 46$00, peixe espada a 18$00 e 26$00 e pargo a 42$00. Eram as espécies mais abundantes.

Os legumes e hortaliças do Porto também são mais caros do que em Lisboa: ervilhas a 6$00 e 4$00 respectivamente; cebolas a 5$00 e 4$50; batatas a 4$70 e 3$20; cenoura a 5$00 e 4$00; tomate a 22$00 e 16$00 e pepino a 15$00 e 12$00. O feijão verde apresentava uma diferença monstruosa: 17$50 no Porto e 8$00 ou 8$50 em Lisboa.

A fruta andava **ela por ela** nos dois mercados, talvez um pouco mais em conta em Lisboa, que é para compensar o resto. Aqui, a laranja oscilava entre 8$00 e 14$00, a banana ia de 9$00 a 12$00 (referimo-nos a bananas mais ou menos decentes) o pero começava em 9$00 e acbava em 16$00; a maçã reineta não ia por menos de 18$00; a cereja oscilava entre 13$00 e 18$00 e a nêspera estava a 16$00. No Bolhão, a laranja e a banana estavam a 12$00, a maçã a 15$00, o pero a 18$00, a cereja a 12$00 e a nêspera a 15$00.

BOM ESPÓLIO

HOJE, 6.ª FEIRA, ÀS 21 HORAS E AMANHÃ, SÁBADO, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS VENDER-SE-Á RIGOROSAMENTE PELAS MAIORES OFERTAS EM

LEILÃO

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, N.º 124-1.º Dt.º (com elevador junto a S. Sebastião da Pedreira)

Por ordem da testamenteira Sr.ª Condessa de Castelo Branco e por óbito da Ex.ma Senhora D. Agustina Capella de Remus vai a leilão todo o bom recheio da residência acima mencionada e que consta em especial de: **boa mobília de sala de jantar em nogueira** óptima fabricação **estilo Inglês** c/ armário de vidrinhos c/ fundo em damasco de seda, mesa redonda, **bons cadeirões c/ palhinha e bonito sid-board, 2 ricos cadeirões trabalhados c/ talha indiana, peças pouco vulgares, bonito espelho trabalhado cristal de Veneza,** bom candeeiro de 6 luzes em metal estilo holandês, boas carpetes de lã, candeeiros de sala de coluna e de mesa, bons jogos de maples c/ palhinha e de veludo c/ armação em nogueira e almofadas soltas, boas cómodas e 1/2 cómodas Luís XV e D. Maria c/ bom trabalho, **bom móvel de sala c/ portas e gavetas c/ oratório encorporado peça pouco vulgar,** bons maples de orelhas em damasco e de seda, mesas de sala, vitrine polida estilo inglês, placa em madeira c/ imagens sacras, armários c/ alçados em mogno c/ ferragens em bronze, cadeiras e cadeirões c/ embutidos e palhinha, lanternas e candeeiros, mesas de jogo «Envelope», bom móvel c/ T. S. F., 2 boas camas D. Maria p.ª pessoa, construção em mogno c/ colchoarias, cómoda antiga em mogno c/ gavetões, misulas de parede douradas c/ imagens sacras em madeira, castiçais em casquinha, solitários de cristal c/ guarnições de metal, **mobília de escritório Queen-Anne** c/ 5 peças, estantes de parede, candeeiros e relógios de metal e bronze. **Quadros a óleo de: Basaliza** e outros c/ paisagens e flores assinados e datados, aguarelas e gravuras e naturezas mortas. **Pratas com avaliação:** bom faqueiro c/ estojo em pau-santo c/ embutidos c/ 135 peças c/ marcas antigas, salvas, serviços c/ e s/ tabuleiro, serpentinas, castiçais jarro, floreira, centro de mesa, pratos e talheres soltos, serviço de cristal para vinhos, serviços para mesa V. A. c/ ouro, muitos e bonitos bibelots p.ª vitrine, louças diversas, 1 par de grandes e bonitos jarrões de saxuma rico s/ defeito, algumas roupas, muitos pertences de casa de banho e cozinha como: mesas, esquentador moderno «Vaillant» de distribuição 16 l., fogão, balança, frigorífico, bancos, louças, 1 boa cama para doentes, modern. c/ movimentos e muito mais patente aos nossos Ex.mos Clientes aos quais se pede **a boa atenção para este leilão tudo para ser vendido pelas melhores ofertas.**

Av. 5 de Outubro, n.º 15-1.º - Telef. 56 22 68 9 - 71 79 59

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

DL/GERAL — SINDICALISMO

MOTORISTAS E PROBLEMAS DE CLASSE

SINDICATO QUER LUZ VERDE

Eleições à vista no Sindicato dos Motoristas, que não quer fazer marcha atrás. Gerido há cinco meses por uma comissão administrativa, o sindicato circulou aos ziguezagues, como se tivesse um furo num pneu da frente. Mas eles, os motoristas conhecem as leis do «trânsito» e alguns deles, conscientes dos deveres sindicais querem pôr as coisas em ordem. Assim nasceu a comissão pró-Sindicato com a sua lista candidata e um trabalho de base bem estruturado a servir de exemplo de vida associativa. Questões de fundo estão na origem do diferendo com a Comissão administrativa, enquadrada por elementos cuja idoneidade pessoal não está em causa.

ELEIÇÕES

Domingos Antunes Dias, «chauffer» particular e presidente da Comissão Administrativa do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa, fez-nos a história da presente situação.

— A sua origem está na demissão da direcção em exercício, facto que ocorreu em Novembro, a quarenta dias do termo do seu mandato. Essa demissão, por sua vez verificou-se devido a um profundo desacordo entre a massa associativa deste organismo e a direcção que, por demasiado inoperante, não defendeu convenientemente os interesses da classe.

Concretizando:

— O factor preponderante do descontentamento foi a maneira pouco hábil como esses dirigentes conduziram a discussão e negociação do Contrato Colectivo de Trabalho, muito prejudicial para nós. Assim, quase no fim do mandato com uma situação financeira melindrosa, sem possibilidades de satisfazer os seus compromissos, nomeadamente os subsídios a inválidos, reformados, desempregados e presos. Certa de que perderia as eleições (no caso de concorrer) a direcção demitiu-se.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Nomeado pelo Ministério das Corporações, Antunes Dias foi encarregado de escolher os restantes membros da Comissão.

— Quando fui consultado pelo Ministério, pensei longamente. E conhecendo alguns elementos que faziam parte da Comissão Pró-Sindicato, empenhada então num trabalho de reestruturação do organismo, pessoas que tinham dado uma luta constante à direcção demissionária vi neles elementos que poderiam servir os interesses da classe. Comuniquei os seus nomes ao Ministério, que os sancionou.

Como reagiu a Comissão Pró-Sindicato a essa fuga de alguns dos seus elementos?

— A CPS afirma que a CA lhe foi buscar os elementos mais válidos e por essa razão foi-se afastando de nós. Fundamentalmente a CPS não concorda com qualquer comissão administrativa, de maneira que não reconhece na nossa acção qualquer coisa de válido. Ora a nós apenas nos interessa a defesa da classe e achamos preferível que o Sindicato ficasse entregue a elementos da classe do que a elementos estranhos. Nós bem sabemos em que condições são por vezes nomeadas certas comissões administrativas. Aliás as eleições realizar-se-ão em breve e tudo ficará resolvido.

E durante todo este período, de que modo tem participado a classe na vida do Sindicato?

Temos tido inúmeras reuniões com grupos de sócios, para a apresentação de problemas de trabalho e estudar as bases dum contrato colectivo de trabalho dos Sindicatos do Norte, já que o contrato que foi homologado não serviu a gregos nem a troianos.

Domingos Antunes Dias, presidente da Comissão Administrativa

TAXISTAS

A situação dos motoristas de táxi é das mais preocupantes. O sindicato diligencia pela salvaguarda dos interesses desse sector da classe. Disse-nos o presidente da C.A.:

— É perfeitamente inconcebível que seja o próprio Contrato Colectivo a legalizar um horário de 10 horas diárias de trabalho para os taxistas, quando o decreto 409/71 fixa em 8 horas o limite máximo da duração do trabalho. Tentamos apresentar superiormente a questão, mas foi-nos dito que seria necessário aguardar a revisão do contrato dos Sindicatos do Norte.

— Mas qual a diferença em relação ao contrato dos Sindicatos do Norte?

Nesse contrato a situação será regulada de maneira mais justa.

Não se admite que um motorista de táxi seja obrigado pelo seu próprio contrato a 10 horas diárias de serviço. Ou 12, até porque as duas horas de refeição também contam, já que a maioria dos motoristas tem de as aproveitar para realizar a média que o patrão exige. Outro caso é o facto de o referido decreto estipular que o trabalho nocturno deverá ser compensado com 25 por cento e isso não está a verificar-se em relação aos motoristas de praça.

Isso tem originado despedimentos. Numa só empresa, foram despedidos 6 motoristas e os seus lugares foram ocupados por indivíduos não profissionais. Alguns até eram guardas da P.S.P.

A carteira profissional é a única maneira, para já, de defender a situação do motorista. Lutaremos pela criação da carteira profissional para todos os motoristas.

COMISSÃO PRÓ-SINDICATO

Contactamos alguns elementos da Comissão Pró-Sindicato. Eles têm incentivado o trabalho colectivo no Sindicato e as próprias secções de actividade (Transportes Públicos, Táxis, Privados, Carga e Aluguer e de Instrução e Condução que são, na generalidade, compostas por uma maioria de elementos ligados à CPS.

José Eduardo Mata, motorista particular, um dos responsáveis da CPS, elucidou-nos àcerca das divergências com a Comissão Administrativa:

— Nada temos contra o presidente da C.A., pessoalmente. Não é o homem que está em causa. Por isso mesmo, apoiaremos a C.A. em tudo aquilo que ela tiver de útil para a classe, mas criticaremos severamente tudo o que não for prejudicial.

E a confirmar, José Eduardo Mata exemplifica:

— Aliás a C.P.S. elogiou a C.A. numa reunião das secções, pela sua actuação em relação ao Contrato Colectivo de Trabalho. Ela tem estimulado, neste caso concreto, as reuniões com as diversas secções de actividade, para que a tomada de posição do Sindicato seja colectiva ou verdadeiramente representativa de toda a classe. É um processo correcto e por isso mesmo o apoiamos.

Não seria possível uma lista unitária para as eleições?

— A C.P.S. não está interessada numa coligação com elementos que já pertenceram a esta Comissão e que se afastaram dos camaradas com quem tinham trabalhado.

A atitude por eles tomada dividiu a classe. Afastaram-se da C.P.S. sem uma palavra, sem uma justificação. Poderemos aceitar tal atitude?

Será possível o aparecimento de duas listas candidatas?

— Dum ponto de vista democrático, a divisão de opiniões é sempre conveniente. É lógico, portanto, que apareçam uma, duas ou mais listas. Embora no nosso caso isso seja um pouco difícil pois nós, os motoristas, temos sido afastados do sindicato. A consciência sindical dos motoristas, deve ser das mais baixas do nosso país.

O presidente da C.A. afirmou que o Contrato Colectivo em vigor não agradou sequer à entidade patronal. Que pensa disto a comissão Pró-Sindicato?

— De modo nenhum. Se ele é para nós altamente prejudicial, como é que se compreende a afirmação de que os patrões o consideram também prejudicial? É uma contradição que desafia toda e qualquer lógica.

Ainda a propósito de eleições:

— A C.P.S. tem uma prática longa de trabalho no Sindicato. E se vier a perder as eleições continuara, mesmo assim, a participar na vida sindical, lutando pela definição de processos correctos, lutando pelos interesses de todos os motoristas.

O repórter tinha cumprido a sua missão. Ouviu as duas partes e arquivou declarações, por vezes contraditórias, quase sem assinalar a sua presença. O resultado aqui fica, a sugerir a todos os leitores (que não apenas aos motoristas) uma reflexão mais aprofundada.

Elementos da Comissão Pró-Sindicato discutem o Contrato Colectivo de Trabalho.

RESPEITO PELA LEI DE IMPRENSA

Reunida a direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas tornou pública a sua posição sobre a nova regulamentação da Imprensa através do seguinte comunicado:

Reunida para apreciar o Decreto-Lei n.º 150/72, que regulamenta a Lei de Imprensa, a Direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas, considerando as obrigações consignadas no n.º 7.º do artigo 6.º dos Estatutos do organismo e a vontade expressa pelos consórcios nas assembleias gerais que precederam a aprovação daquela lei, deliberou:

— Manifestar ao Governo a sua profunda decepção pelo teor do texto regulamentar da Lei de Imprensa, que aumenta a responsabilidade dos jornalistas sem contrapartida de garantia da liberdade de Imprensa.

— Propor a todos os jornalistas que respeitem rigorosamente — como já era decerto intenção comum — as novas disposições legais, inclusivé para retirar argumentos às restrições do livre exercício do jornalismo, sem prejuízo de continuarem a pugnar pela «independência e liberdade da Imprensa», que deve considerar-se essencial ao prestígio e dignidade da profissão, ao necessário desenvolvimento da Imprensa portuguesa como actividade privada e como função pública e sobretudo á formação de uma opinião pública livre e responsável e ao progresso do País.

— Promover, em data próxima, em Lisboa e Porto, reuniões de jornalistas para estudo dos novos limites impostas ao exercício da profissão.

Acompanhar a Direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas na atitude de que dá conta a sua informação n.º 6/72 nos seguintes termos: «A Direcção tomou conhecimento da regulamentação da Lei da Imprensa pelo Governo, surpreendendo-se por não ter sido formulada qualquer consulta prévia à Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, procedimento pouco consentâneo com os princípios básicos do Estado Corporativo, e que poderia ser tomado como desatenção por toda uma estrutura corporativa».

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

O seu corpo estará preparado para vestir o seu fato de banho ou vestidos próprios para a temporada? Num tempo «record» ele retomará o aspecto juvenil pelo mais moderno processo de emagrecimento: A GINÁSTICA ELECTRÓNICA. Tratamentos ao domicílio pelas nossas «visitadoras de beleza» especializadas. Marcações e inf. EURODINAMICA, LDA. T. 534208

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

«Devemos emprestar-nos aos outros
e darmo-nos apenas a nós próprios»
(Montaigne).

ANNA KARINA
no filme de
JEAN-LUC GODARD

VIVER A SUA VIDA
(VIVRE SA VIE)

Fotografia de RAOUL COUTARD
Música de MICHEL LEGRAND

Prémio Especial do Júri e Prémio da Crítica Italiana no Festival de Veneza

HOJE, ESTREIA às 21.45

LONDRES

GRUPO D [interdito a menores de 18 anos]

DL/ESTRANGEIRO

MUNDO

Burundi: milhares de execuções

PARIS, 26 — (R.) — Um jornalista belga que acaba de regressar do Burundi disse a noite passada numa entrevista que milhares de pessoas foram executadas pelos soldados naquela República africana e que os corpos foram na maior parte dos casos metidos em veículos pertencentes à UNICEF, uma agência das Nações Unidas para auxílio às crianças, que depois os transportaram para longe.

Falando na estação de Rádio Europa Um, o jornalista Fred Gillisen afirmou que camiões carregados de cadáveres foram levados de Bujumbura, a capital do país, para um aeroporto próximo, onde estavam a ser escavadas sepulturas.

«DISCOS VOADORES» CONFERÊNCIA

LONDRES, 26 — (R.)) Delegados de onze países realizam este fim desemana nesta capital uma conferência para se discutir cooperação internacional na pesquisa de objectos voadores não identificados (UFO)

Os objectivos da Contact, que organizá a conferência, incluem o «de agir com a ponte entre pessoas da Terra e quaisquer viajantes futuros de outros mundos».

GATOS SUBSTITUIRAM CRIANÇAS

MIAMI, 26 — (R.) — A Polícia desta cidade encontrou cinco crianças vivendo miseràvelmente numa garagem, enquanto 115 gatos, recolhidos pela mãe, eram, pràticamente os donos da casa.

A mãe, Alice Kussrath, encontra-se internada sob vigilância no Jackson Memoria Hospital, aguardando exame por um psiquiatra.

«Nunca vi ou ouvi nada tão repugnante» — declarou um informador da Polícia ao fornecer detalhes do caso.

EMBOSCADA: 14 MORTOS

BANGKOK, 26 — (F. P.) — Foram mortos 14 soldados tailandeses e mais uns trinta ficaram feridos pela explosão de uma série de minas quando se preparavam para invadir um campo de guerrilheiros na mata de PUA, no norte da Tailândia, ontem segundo informações chegadas a Bangkok.

Foi o incidente mais mortífero assinalado este ano nesta região afastada, situada a 1000 quilómetros a norte da capital, perto da fronteira laociana.

MANIFESTAÇÕES EM CARACAS

Uma criança de 3 anos foi ontem morta por uma bala perdida durante violentas manifestações em Caracas, capital da Venezuela.

Os manifestantes protestavam contra o regresso ao país de dois antigos presidentes: Romulo Betancourt e Marcos Jimenez. Os manifestantes envolveram-se aparentemente em luta com partidários daqueles dois políticos que regressaram do exílio para concorrerem às eleições presidenciais do próximo ano.

"Cimeira" em Moscovo

ATRASO NAS NEGOCIAÇÕES PARA NOVOS ACORDOS

PASSAGEM DE MODELOS EM MOSCOVO — Um manequim soviético desfila, perante a sr.ª Nixon, com um casaco de peles a que foi dado o nome de «Lago dos Cisnes». (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

MOSCOVO, 26 — (R.) — O presidente Nixon e o dirigente do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev, travarão hoje mais conversações para tentar chegar ao seu objectivo de concluirem um pacto sobre limitação de armas nucleares estratégicas.

A esperança de completarem hoje um acordo para reduzir o número de mísseis antibalísticos parecia correr o risco de não se materializar.

Parece, também, que problemas que surgiram complicaram as negociações sobre um acordo de cooperação comercial e económica, provisóriamente marcado para assinatura ontem á noite.

Funcionários americanos afirmaram a noite passada que um acordo sobre armas estratégicas — que se esperava fosse o acordo mais importante da cimeira americano-soviética — podia ser concluído hoje ou poss velmente mais tarde.

AS SALT

O presidente e os dirigentes do Kremlin aguardam a chegada a esta capital de Gerard Smith e de Vladimir Semyonov, os negociadores americano e soviético nas conversações sobre limitação de armas estratégicas (SALT), em Helsínquia.

Apenas quando os dois enviados fornecerem garantias de que abriram o caminho para um acordo ao mais alto nível, darão o presidente Nixon e Brejnev a sua benção ao histórico pacto.

Embora funcionários manifestassem um optimismo cauteloso acerca das SALT, anunciaram regateio muito difícil sobre comércio e forneceram sugestões de que os acordos mais importantes poderiam não ser firmados durante a «cimeira».

Entretanto, soube-se em Helsínquia que a assinatura de um acordo sobre limitação de armas estratégicas entre a URSS e os Estados Unidos parece hoje menos certa, a seguir á comunicação feita a noite passada nesta capital de que os negociadores «estão ainda a trabalhar arduamente para conseguir um tratado».

A televisão soviética acentuou a noite passada essa opinião ao comentar que existiam ainda problemas nas conversações SALT «que requerem muito esforço e muito trabalho e que não podem ser resolvidos numa só sessão».

Contudo, observadores de Helsínquia julgavam que as SALT dispunham já de acordo sobre mísseis defensivos e ofensivos, quase completos há bastante tempo, e que os negociadores estavam agora a dar-lhes os retoques finais para os apresentarem aos dirigentes soviéticos e americanos.

COMÉRCIO

Os problemas de reembolso soviético das dívidas de empréstimos contraídos durante a Segunda Grande Guerra e as condições de créditos americanospara financiar compras soviéticas nos Estados Unidos continuam por solucionar.

Contudo, dado que a expansão das relações comerciais e económicas era outro dos principais objectivos da «cimeira», julgava-se que o mínimo que se poderia conseguir fosse a criação das bases para continuar com negociações sobre esses e outros aspectos do problema.

A noite passada, as duas partes assinaram o quinto acordo da semana, destinado a evitar colisões e outros incidentes no alto mar entre navios de guerra americanos e soviéticos.

PAZ MUNDIAL

Todos os acordos assinados até agora faziam parte de um processo simbolizando as promessas dos dirigentes americanos e soviéticos de acabarem com a sua guerra fria e trabalharem sèriamente juntos pela primeira vez para preservar a paz mundial.

O presidente Nixon e Brejnev tem discutido franca e demoradamente as suas opiniões opostas sobre o Vietname.

Embora nada fosse dito do que tem declarado um ao outro, ambos deixaram que se tornasse conhecido que as suas diferenças não arruinarão um acordo americano-soviético.

Contudo, não se tem registado mais referências incisivas ao Vietname nas informações oficiais e nenhuma foi feita acerca do Médio Oriente, onde se chocam os interesses soviéticos e americanos. Não foram detectados também, indícios de qualquer diligência ás claras ou secreta para tentar resolver as crises nessas zonas.

Tupamaros suíços

ZURIQUE, 26 (R) — A polícia suíça desencadeou uma caçada ao homem em larga escala em Zurique e noutros locais da tradicionalmente pacífica federação suiça, para procurar descobrir jovens suspeitos de envolvimento em preparativos para uma campanha de guerrilhas urbanas contra o Estado no estilo dos tupamaros do Uruguai.

A polícia continua também a procurar artigos roubados, depois da prisão, anteontem anunciada, de sete pessoas de idades compreendidas entre os 17 e os 23 anos, incluindo duas adolescentes, e a apreensão de armas roubadas, automóveis, dinheiro, medicamentos, produtos químicos para o fabrico de explosivos e aparelhos de rádio especiais para intercepção de mensagens da polícia.

O jornal «Neue Zuercher Zeitung» dizia ontem que quando alguns dos suspeitos foram presos em Lucarno, perto da fronteira italiana, um jovem de Zurique, de 17 anos resistiu a tiro à prisão e procurou fugir num carro roubado.

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

Jornais via satélite a partir de 1973

HAMBURGO, 26 (ANI) — Os progressos verdadeiramente revolucionários das comunicações internacionais estão a abrir caminho à imprensa global — declarou Irving Goldstein, gerente da COMSAT na Europa, na segunda reunião do Conselho Internacional de Telecomunicações, que está a debater, em Hamburgo, a redução dos preços das comunicações de Imprensa e o aceleramento do fluxo de notícias.

Um dos processos de transmissão, via satélite, do COMSAT, permite o envio de páginas inteiras e os novos serviços, que vão começar em 1973, com equipamento para a transmissão de fac-símile, tornará, possível a reprodução de uma página inteira em oito minutos.

Combinando este processo com a transmissão para destinos múltiplos, torna-se possível a existência de jornais internacionais, editados simultâneamente em diversos continentes.

Pelo seu lado, Alan Rawcliffe, do «Daily Telegraph» de Londres, recordou que o seu jornal já é transmitido diàriamente para o paquete «Queen Elizabeth», quando este anda em viagem e que se vai estudar a possibilidade de transmitir o jornal, na íntegra, para zonas distantes, nomeadamente a ilha de Santa Helena.

Também no Japão se estão a transmitir, por cópia, informações que equivalem a um jornal. Essas informações são recebidas em ilhas distantes e em navios.

Ian Smith rejeita um convite africano

SALISBURY, 26 (FP) — O primeiro-ministro rodesiano rejeitou o convite que tinha sido dirigido ao seu partido, (Frente Rodesiana), pelo Conselho Nacional Africano (partido africano da oposição hostil ao acordo anglo-rodesiano) para assistir a uma convenção nacional destinada a preparar uma conferência constituinte, na qual participariam os nacionalistas africanos.

Numa entrevista concedida à «Rodhesian Finacial Gazette» o primeiro-ministro explica que duvida que o presidente do Conselho Nacional Africano, mons. Abel Muzorewa tenha podido propor com seriedade a reunião de uma conferência constituinte com a participação de todos os partidos reodesianos, representantes das Nações Unidas, da Organização da Unidade Africana e outros organismos.

«O tempo é demasiado precioso para andar a correr atrás da Lua», acrescentou Ian Smith.

Por outro lado, o primeiro-ministro rodesiano afirmou que não faria mais nenhuma concessão relativa à independência, acrescentando discordar do ponto de vista do ministro dos Negócios Estrangeiros britânico segundo o qual era de temer a explosão de violências, dada a ausência de um acordo de compromisso.

Piratas do ar presos no Malawi

BLANTYRE, 26 (ANI e R.) — Forças de segurança do Malawi entraram no avião das linhas aéreas sul-africanas, desviado para Blantyre, e prenderam os dois piratas do ar.

O avião foi ligeiramente danificado por toiros de pistola-metralhadora e, segundo se julga, um dos assaltantes do aparelho ficou ferido — disse um informador da companhia.

Não foram dados mais pormenores sobre a ocupação do avião onde os assaltantes se encontravam sem viveres e sem água. Os reféns haviam deixado ontem o aparelho, que estava cercado por soldados.

Os piratas do ar, que se julga serem árabes, foram identificados como sendo A. Yaghi e F. Gamil.

Entretanto, notícias sem confirmação oficial de que as autoridades sul-africanas estavam dispostas a permitir que o avião fosse destruído para não cederem às exigências dos raptores, foram desmentidas na Cidade do Cabo, ontem à noite.

Segundo outras informações, os raptores, que pareciam libaneses, exigiam cinco milhões de dólares de resgate e um salvo-conduto para a Somália.

Em Pretória, um chefe da Polícia disse que será pedida a extradição dos dois homens.

COMBATES NAS RUAS DE KONTUM

PLEIKU, 26 (R.) — As tropas norte-vietnamitas apoiadas por tanques desencadearam um assalto em três frentes à cidade de Kontum, travando-se violentos combates nas ruas daquela capital privincial.

Os tanques abriram caminho às forças de infantaria, que conseguiram penetrar nas linhas defensivas em três pontos.

Os norte-vietnamitas perderam já nove tanques, sete dos quais destruídos por mísseis da guarnição e dois atingidos pela aviação. Pelo menos dois tanques foram vistos a percorrer as ruas no sector nordeste de Kontum, mas não se sabe qual o número exacto que conseguiu penetrar na cidade.

Em Saigão o comando sul-vietnamita disse que 148 norte-vietnamitas já tinham sido mortos em combate no interior da cidade, mas as baixas governamentais foram apenas de 13 mortos.

A ofensiva comunista em larga escala já era esperada há várias semanas, desde que a cidade ficou cercada e isolada por estrada das cidades mais próximas.

A luta em Kontum era tão violenta esta manhã que nenhum helicóptero ali conseguia aterrar devido à intensidade do fogo inimigo, pelo que as munições para a guarnição governamental estão a ser largada de pára-quedas.

Nada se sabe quanto ao destino de milhares de civis que aguardavam no aeroporto transporte de helicóptero para Pleiku.

Entretanto, as tropas norte-vietnamitas, apoiadas por tanques, lançaram uma ofensiva atrás das linhas sul-vietnamitas que defendem o acesso a Hué pelo norte, travando-se violentos combates apenas apenas a 30 quilómetros da antiga capital imperial.

Por outro lado, no Camboja, o Comando local anunciou que as forças comunistas dispararam foguetões de grande calibre e granadas de gás durante um ataque à cidade de Svay Rieng, esta manhã, causando a morte de seis civis.

A PAZ SOVIÉTICO-AMERICANA

O acordo russo-americano de limitação de armamentos, cuja assinatura estava prevista para hoje, durante a actual visita do presidente Richard Nixon à U.R.S.S., é o primeiro no género e representa o começo da travagem na corrida aos armamentos entre as duas maiores potências. A sua importância histórica será grandemente ampliada se, com o tempo, se revelar o primeiro passo para o desarmamento pelo qual a Humanidade suspira, especialmente desde que duas guerras mundiais neste século e o aparecimento das armas atómicas em 1945 puseram em evidência o desgaste brutal em vidas humanas e em recursos e o perigo crescente de um suicídio colectivo.

A assinatura do acordo constitui portanto um dos pontos mais altos da viagem de Nixon e é natural que seja aplaudida em todo o mundo, juntando assim o presidente americano mais um gesto espectacular à série iniciada há quase um ano e que antecede a eleição de Novembro, na qual o chefe do executivo deverá apresentar-se para se fazer reeleger.

A sensação de alívio perante o desanuviamento entre os dois gigantes não leva no entanto em conta o facto de que os E.U.A., e a União Soviética estavam a arruinar-se mùtuamente com a escalada de armamentos, cada vez mais caros e complexos, além de que, na verdade, o confronto armado directo se tornara impossível entre eles, na medida que, nem um nem outro teriam possibilidade de sobreviver em condições para beneficiar de uma vitória mais que duvidosa numa guerra atómica. Por outro lado, o desarmamento só terá real viabilidade se a ele aderirem as novas superpotências em ascensão - China, Japão e Europa Ocidental, esta última ainda no processo difícil da unificação.

A paz sovietico-americana que se esboça assenta também noutros acordos e numa aproximação com vista nomeadamente ao alargamento das relações económicas, numa altura em que os russos parecem interessados em entrar na fase da sociedade de consumo, e tudo indica que o presidente dos E.U.A., procura obter da «troika» soviética - Brejnev, Kossyguine e Podgorny - em troca desses acordos, mão livre na Indochina, para tentar salvar o que resta da sua política de «vietnamização», destinada a mascarar o revés americano na guerra que herdou de Lyndon Johnson.

NUNO VIEIRA

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

Os dois grandes estão òbviamente a entender-se. Resta ver até que ponto e à custa de quem.

OS "DUROS" DO KREMLIN PERDEM PIOTR CHELEST

MOSCOVO, 26 — (F.P.) — A «Pravda» de hoje anuncia que o primeiro-secretário do partido ucraniano «foi demitido das suas funções por virtude da sua nomeação para a vice-presidência do conselho da URSS». Acrescenta que Vladimir Chtcherbitski foi eleito primeiro-secretário da organização do partido da Republica Ucrâniana.

No momento em que a URSS procura chegar a um «modus vivendi» com os EUA, o grupo dos «duros» do Kremlin perdeu assim um dos seus chefes de fila, Piotr Chelest, liberto das suas funções de primeiro-secretário do partido comunista da Ucrânia no final de um plenário expeditivo em Kiev.

Partidário de uma intervenção rápida na Checoslováquia em 1968, Chelest pagou, ao que parece, a oposição do seu grupo à visita do presidente Nixon à URSS e a sua própria incapacidade de lutar eficazmente contra o nacionalismo ucraniano.

Filho de camponeses, Chelest nasceu na Ucrânia em 1908. Engenheiro metalúrgico, só depois da segunda guerra mundial começou carreira no Partido Comunista. Em 1961, foi eleito membro da comissão central para o Congresso do PC da URSS. Dois anos depois sucedeu a Nikolai Podgorny, actual chefe do Estado, no cargo de primeiro-secretário do PC ucraniano e tornou-se, pouco depois, membro suplente da mesa política do PC da URSS. Ascende a membro titular em 16 de Novembro de 1964, depois da queda de Kruchtchev. Em Agosto de 1966, tornou-se igualmente eleito membro do presidium do Soviete Supremo (Parlamento) foi colaborador chegado de Leonid Brejnev e é titular da Ordem de Lenine.

Vladimir Chtcherbitski, agora nomeado primeiro-secretário do PC ucraniano, em substituição de Chelest, tem 54 anos.

Filho de operários, tornou-se membro do PC em 1951 e começou a sua carreira política em 1956, data em que foi nomeado primeiro-secretário da comissão regional do PC ucraniano de Dniepropetrovsk. A sua ascenção foi particularmente rápida até 1963, data em que foi nomeado presidente do conselho dos ministros da Ucrânia desde 1961, é membro titular da comissão central do PC soviético e membro suplente do presidium do PC da URSS. Em dezembro de 1963 cedeu o seu lugar de membro suplente a Piotr Chelest. Esta desgraça durou até Maio de 1965, data em que volta a ser escolhido para a cabeça do conselho dos ministros da Ucrânia. Meses depois, retomou as suas funções de membro suplente do presidium. Em Abril de 1971, foi promovido a membro de pleno direito da mesa política.

Desordens na Venezuela após o regresso de dois ex-presidentes

CARACAS, 26 — (F.P. e R.) — Morreu ontem em Caracas uma criança de 3 anos, atingida por uma bala, durante as manifestações registadas naquela cidade contra o regresso ao país dos antigos presidentes Rómulo Betancourt e Marcos Perez Jimenez. Foram igualmente incendiados três carros e saqueado um entreposto.

A polícia tomou posições nos bairros populares do sector ocidental da cidade e passou rusgas aos apartamentos donde lhes eram lançados diversos projecteis. Era num destes apartamentos que se encontrava a criança que foi atingida por uma bala.

Os políticos que regressaram agora à Venezuela anunciaram a intenção de concorrerem às próximas eleições presidenciais.

Jimenez, um homem baixo e anafado que usava vistosas fardas com quepi muito alto, governou o país como ditador de 1953 a 1958, até ser derrubado e preso para o que contribuiu Betancourt, sob a acusação de apropriação indevida de fundos do estado. Libertado mais tarde, partiu para os Estados Unidos e nos últimos quatro anos viveu em exílio voluntário em Madrid, de onde regressou à dois dias.

Militantes esquerdistas da capital e das províncias vieram para as ruas protestar energicamente contra a presença de Jimenez e de Betancourt, a quem não perdoam a impiedosa campanha que desencadeou contra os guerrilheiros castristas durante o seu mandato.

CHABAN-DELMAS: saída após as eleições

Paris, 26 (R) — O primeiro-ministro Jacques Chaban-Delmas deu esta noite passada a entender que poderá deixar o seu cargo depois das eleições legislativas francesas do próximo ano.

Numa entrevista transmitida pela televisão, Chaban-Delmas respondeu quando os jornalistas lhe perguntaram quais os seus projectos para depois das eleições:

—« Quando se foi primeiro-ministro durante quatro anos — o quesignifica trabalhar 13 ou 14 horas por dia durante 200 semanas — num intervalo parece, pelo menos, aconselhàvel. Eis porque tenciono sair do governo, a não ser que o presidente Pompidou me peça para continuar».

No entanto, observadores politicos pensam não haver a certeza de que Chaban continue no seu cargo até às eleições. Um jornal importante chegou a chamar-lhe «o primeiro ex-ministro». O voto de confiança que anteontem obteve no Parlamento não chegará talvez para dissipar o mau efeito de escândalos recentes do partido gaulista e até no seio do governo.

PRÉDIOS • MORADIAS • QUINTAS
VENDEM-SE
HIPOTECAS
Capital para empréstimos em 1.as hipotecas, s/ propriedades que ofereçam garantia em Lisboa ou próximo.
JOSÉ SANTOS, LDA.
CASA FUNDADA EM 1929
Rua dos Correeiros, 101-1.º — Telef. 30707 - 362662

hugin
A GRANDE MARCA SUECA
ASPIRADORES
ENCERADORAS
BATE-TAPETES

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.
AV. 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA-1
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

Seleccionamos
para
GRANDE EMPRESA INTERNACIONAL
— LISBOA —

CHEFE DE SERVIÇOS
ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

- Chefia de Departamento com 150 pessoas —
- Conhecimento de Alemão e Inglês.
- Disponibilidade para estágio de 6 meses na Alemanha.
- **Vencimento mensal, de início: 25 a 30.000$00**

Respostas para a NORMA, com «curriculum» pormenorizado. Mencionar Ref.ª 331/D. L.

Rigorosa confidencialidade.

1947
1972
Dardo
25
anos

OFERECE UMA MOEDA OLÍMPICA
DE PRATA

NA COMPRA DO NOVO TELEVISOR

SIEMENS
OLYMPIC

O MELHOR NA TÉCNICA E NO PREÇO

7
LOJAS DARDO

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AV. ALMIRANTE REIS, 124
PRAÇA DE LONDRES, 7
RUA DE S. BENTO, 53-57
RUA D. ESTEFÂNEA, 193, D-E
R. GONÇALVES CRESPO, 26-B
R. 1.º DE MAIO, 146 (S. Amaro)

Dada a dificuldade na obtenção de moedas olímpicas, o prazo desta campanha é limitado.

O Dr. Morais Leitão escolhido para representar o nosso país no "Comité" de Organização do Congresso Internacional dos Seguradores

Para representar Portugal no «Comité» de Organização do **Rendez-vous de Septembre** em Monte Carlo, importante reunião anual de Seguradores e Resseguradores, foi escolhido pela unanimidade dos respectivos membros, o sr. dr. João de Morais Leitão, administrador-delegado da Companhia de Seguros «A Mundial».

Trata-se de uma designação altamente prestigiante não apenas sob o aspecto pessoal mas também para a referida companhia portuguesa, que atravessa expressiva fase de consolidação e expansão. São membros do referido Comité, com efeito, os mais altos dirigentes de algumas das maiores companhias mundiais de seguros e resseguros — representando a Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, Noruega, Suécia e Suiça, além de Portugal — sob a presidência de André Roux, nome já internacionalmente consagrado no importante sector económico em causa.

O próximo encontro vai realizar-se em Monte Carlo, de 4 a 9 de Setembro, e reunirá, como todos os anos, um grande número de Seguradores e Resseguradores internacionais; em 1971 registou-se a presença de mais de um milhar de participantes, representando 72 países, e espera-se que no ano corrente seja maior ainda a afluência. As inscrições para os participantes nacionais serão abertas no Grémio dos Seguradores.

GRANDES
ARMAZÉNS

Um c/ 1320 m2 e outro c/ 2560 m2. podendo ligar-se entre si, óptimos para garagens, fábricas, depósitos, etc. *Integrados em grande urbanização* na RINCHOA. Vendem-se em separado ou em conjunto.
Inf. Telef. 296 12 88.

PRÉDIO A ALGÉS

RENDE 200.000$00 anuais, de construção recente com transportes à porta, acab. de esmerado gosto e qualidade, com todos os requisitos modernos, comp. de grande loja e 3 pisos com 3 boas ass. por inquilino. **PREÇO 2.500.000$00.** Bom negócio de ocasião.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292-1.º — Telets. 369384 5/6 — 328232/3 — 361756

...NA HIGIENE HABITUAL DO SEU CABELO
item
LOÇÃO CAPILAR N e S
SHAMPOO N S G
PEÇA FOLHETOS A
COLIM
R. DA ALEGRIA 151 PORTO

Restaurante
POMBALINO
– Paço de Arcos –

A Gerência comunica a V. Ex.as que a sala de restaurante se encontra reservada, domingo, dia 28, ao almoço.

ACÇÕES

Antes de comprar ou vender leia o livro O INTERESSE DA BOLSA. Nas principais livrarias de Lisboa.

DR. RAUL LELLO PORTELLA

AGRADECIMENTO

Esther Gouvêa Portella, filhos, nora, genros e netos, Aurélio Lello Portella, mulher, filha, genro e netos, na impossibilidade de o fazerem directamente como era seu grande desejo por omissão de nomes e moradas, vêm agradecer por este meio a todos os que o acompanharam à sua última morada, ou por qualquer forma manifestaram o seu pesar.

SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS

JOSÉ DE BRITO

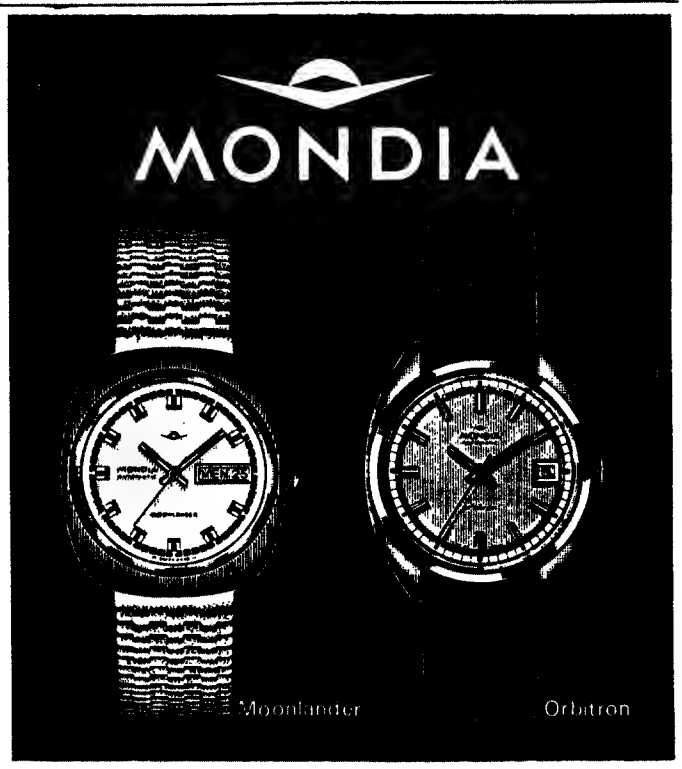
FALECEU

Seu filho Rui Nunes de Brito e sua esposa Maria de Fátima Mota Antunes Nunes de Brito e neto Rui Miguel, seus sobrinhos, afilhados e mais família participam o falecimento de seu pai, sogro e avô, tio, padrinho e parente, que o funeral se realiza hoje, 26 pelas 9,30 h. da Igreja de St.º António em Campolide para o cemitério desta localidade.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TELEF. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
DIARIAMENTE
ESPECIALIDADES
DA COZINHA PORTUGUESA
NÃO TEM SUCURSAIS
ABERTO AOS DOMINGOS



SÍMBOLO DA HORA EXACTA
MOVADO — ZENITH — MONDIA
Holding Horloger S. A.
À venda nas boas ourivesarias e relojoarias

Estalagem «A GRUTA DO RIO»
RIO DE MOURO
Telef. 2 98 05 35
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

RESTAURANTE
QUINTA DE
S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE-SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

APÓS AS REFEIÇÕES – CHAVE D'OURO – O MELHOR CAFÉ

Necrologia

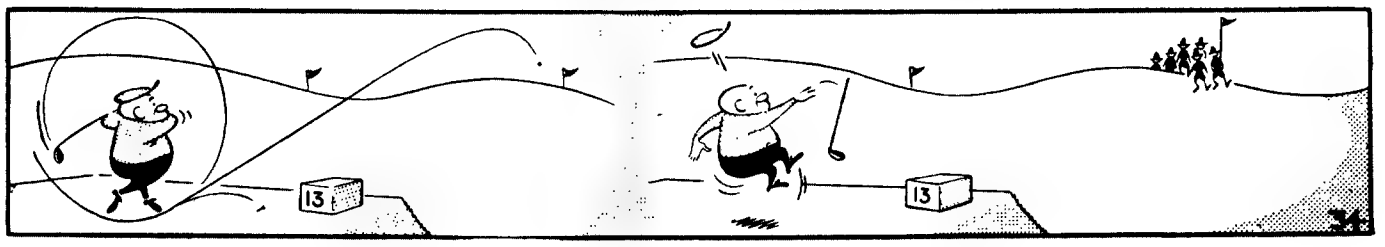
D. Maria da Conceição Canas Correia

Faleceu a sr.ª D. Maria da Conceição Canas Correia de 79 anos, natural de Caminha, casada com o sr. Leopoldo Correia de Castro, mãe dos srs. Murilo Canas Correia, Roberto Canas Corria, Leopoldo Canas Correia, Anibal Canas Correia e António Augusto Canas Correia.

O seu funeral a Cargo da Agência Alfredo Magno e Jaime Gomes, ld.ª da Avenida Almirante Reis, realiza-se dia 28, às 3 horas, da Igreja de Alcantara para o cemitério de Seixas do Minho.

LADRÃO EM DIFICULDADES

Aconteceu em Estocolmo após assalto a um apartamento. Perseguido, o assaltante acabou por se entregar em situação particularmente crítica. (Telefoto UPI-Telimprensa/DL)



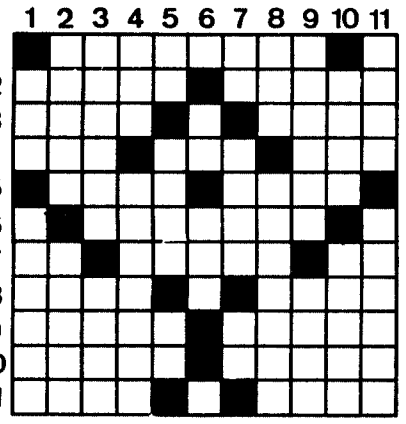
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10100

HORIZONTAIS:

1 Estudar
2 Aprontem. Nome de mulher.
3 Toma. Instrumento músico usado pelos Hebreus e que se supõe teria dez cordas.
4 Pronome pessoal. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Freguesia do concelho de Alenquer.
5 Moeda portuguesa de Dio. Espécie de gibão.
6 Acarinhada.
7 Alternativa. Empunhara. Cobalto (s.q.)
8 Dois mil e duzentos em romano. Conjunto de todas as rodas de um relógio.
9 Pacotes. Tecer.
10 Ave trepadora. Dá mios.
11 Espécie de tafeira (ant). Afecto.



VERTICAIS:

1 Preposição. Inclinar.
2 Cidade de Espanha. Rio do estado do Rio Grande do Norte (Bras).
3 Ladrão. Partidos.
4 Mãe de Romulo e Remo. Antiga cidade da Sacília
5 Preposição. Ponta da verga (naut). Apelido da mãe de Luís de Camões.
6 Aqui. Um milhar.
7 Oferece. Levantar. Artigo indefinido.
8 Pronome pessoal. Réptil sáraio, espécie de lagarto.
9 Galhofa. Cidade e porto da Holanda
10 Comentário. Tomba.
11 Face. Falecer.

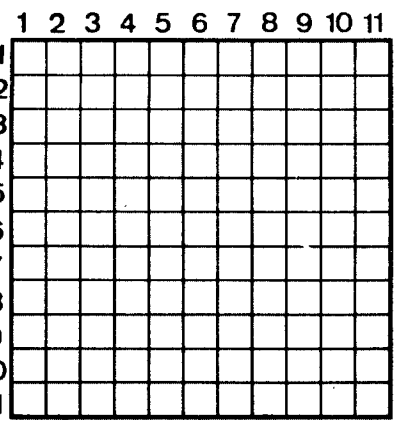
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6258

HORIZONTAIS:

1 Cidade da Argélia. Referente aos polos de um iman ou de uma pilha.
2 Líquido gorduroso. Cidade da Arábia.
3 Doçura. Nor-nordeste. Utensílios domésticos.
4 Ídolo principal dos Japoneses. Vais para fora.
5 Acautelas.
6 Artigo indefinido. Roubar no jogo (fig.). Oferece.
7 Tanque de jardim. Rezem.
8 Mau cheiro. Boi selvagem. Festa do Ano Novo ou «festa de todos», para a qual os Negros se cotizam.
9 Roer. Adornei.
10 Erguida. Religião (fig.).
11 Um dos Estados da América do Norte. Gorgulho tropical.



VERTICAIS:

1 Bondoso. Colecção de bulas pontifícias
2 Nome científico do tojo. Mulher feia (fig).
3 Assombrar (fig). Reprovai (em exames) (Gir)
4 Satélite de Júpiter. A primeira porção do intestino grosso que se segue ao intestino delgado. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
5 Fatacaz. Larva das feridas dos animais.
6 Prefixo de negação. Grande afeição.
7 Pronome demonstrativo. Ovário dos peixes.
8 Ósmio (s. q). Ilha do Pequeno Belt. Pronome pessoal.
9 Objecto com que se escreve ou risca. Pista.
10 Faldas. Verter.
11 Chefe etíope. Freguesia do concelho de Manteigas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10099

HORIZONTAIS:

1 Fa. MENTE. Sm.
2 Ema. Rua. QUE.
3 Dolar. Laura.
4 Erada. Ameis.
5 Nuas Roma.
6 Ca. Na.
7 Ara. Aba. Aam.
8 Supurar.
9 Tosta. Estai
10 Ria. Uva
11 Osmio Abres.

VERTICAIS:

1 FEDE. Castro
2 Amornar. Ois.
3 Alau. Assam.
4 Adão. Ut.
5 Erras. Aparo.
6 Nu. Abu.
7 Talar. Arena.
8 Amor. As.
9 Quem. Artur.
10 Suriana. Ave.
11 Meãs. Ameias.

PROVÉRBIO Mente que defe.

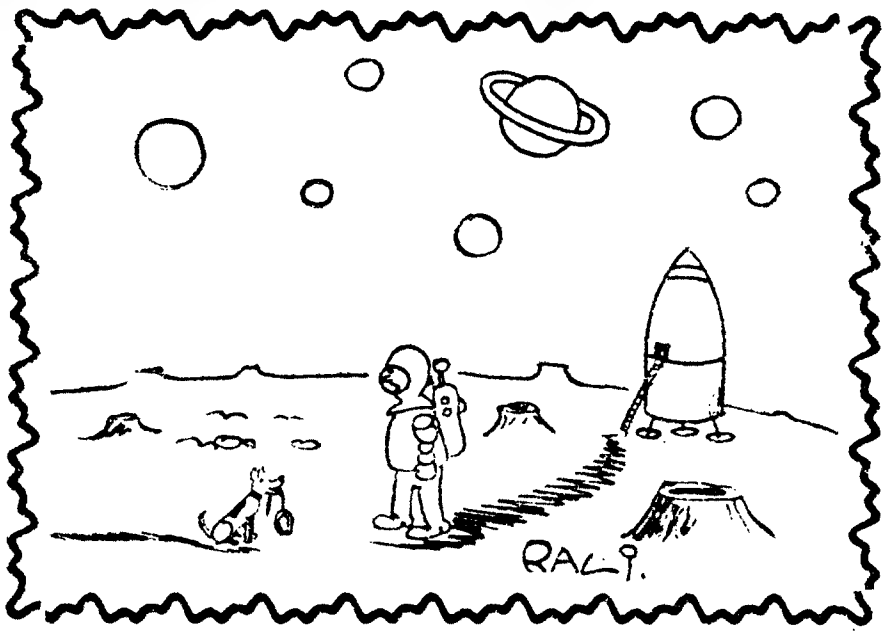
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6257

HORIZONTAIS:

1 Ba. Buama. AC.
2 Rimar. Afago.
3 Urau. Asir.
4 Nós. Cré. Ata.
5 Os. Brugo Ar.
6 Abai. Arar
7 Re. Es.
8 Rau. P.M.P. Sôr.
9 Assas. Aviva.
10 Casa. Anas
11 Irara. Alalá

VERTICAIS:

1 Bruno. Araci.
2 Airosa. Asar.
3 Mas. Brussa.
4 Baú. Baé. Aar.
5 Ur. Cri Ps.
6 Uru. Um
7 Ma. Ega. Pá.
8 Afá Ore. Val.
9 Asa. Assina
10 Agitar. Oval.
11 Corar. Brasa.



Sem Palavras

«O que mais me impressiona, é a sua extraordinária confiança...»

DL/DESPORTOS

Vitória de Setúbal joga na Polónia

Como fruto do segundo lugar no campeonato nacional, o Vitória de Setúbal vai efectuar uma importante série de jogos neste final de época, alguns deles contra grandes equipas do futebol mundial. Assim, e para além de uma deslocação a Múrcia (Espanha) onde jogará, no dia 1, apenas para ganhar algum dinheiro e não ter a equipa parada, o Vitória parte no dia 16 de Junho para a Polónia, abrindo as portas daquele país aos clubes portugueses.

No dia 18 o Vitória defronta a Selecção da Silésia, na cidade de Katevich; no dia 21 o adversário será o famoso Légia de Varsóvia efectuando-se o encontro na própria capital polaca. Entretanto, é possível que o Vitória jogue com o Atlético de Madrid, na viagem de regresso a Lisboa.

A 26 de Junho, os subcampeões nacionais partem para Badajoz pois foram convidados para mais uma participação do Troféu Ibérico, que todos os anos ali se disputa. O calendário dos jogos ainda não está definido, sabendo-se apenas que os participantes são o Estrela Vermelha (de Belgrado) actual detentor do troféu (seis-um ao Sporting), o Corinthias (de São Paulo) o Vitória, e o Atlético de Madrid (ou o Valência). As eliminatórias terão lugar no dia 27 e a final a 29.

De 1 a 20 de Julho os futebolistas do clube terão férias, regressando para partirem quase imediatamente (a 26) rumo ao Ultramar a fim de realizarem uma série de jogos em Angola e Moçambique.

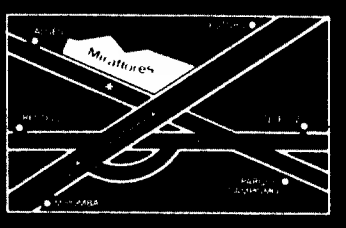
Pensava-se partir directamente de Luanda para o Rio de Janeiro para fazer cinco jogos no Brasil, mas Pedroto pretende ter a equipa em Setúbal o mais tardar no dia 16 de Agosot, para a preparação dura e metódica que um começo de época exige e que não é possível fazer-se só com jogos e viagens.

O privilégio de viver em Miraflores Lux

(CIDADE RESIDENCIAL)

O gosto bem sentido de viver no prestigioso ambiente social a que pertence

ADVOGADOS	6
ALTOS FUNCIONÁRIOS	6
COMERCIANTES	9
DIRECTORES EMPRESAS	7
DIPLOMATAS	3
ECONOMISTAS	3
ENGENHEIROS E ARQUITECTOS	9
GERENTES COMERCIAIS	7
INDUSTRIAIS	6
INVESTIDORES	12
MÉDICOS	8
PROFESSORES	2
PROPRIETÁRIOS	7
INVESTIDORES ESTRANGEIROS	4
DIRECTORES BANCÁRIOS	2
DIVERSOS	9
	100



HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL

INFORMAÇÕES E VENDAS: AV. DAS TULIPAS, LOTE 10 ALGES TELEFS. 215756 - 216768 - 216749

NOTARIADO PORTUGUÊS

Nono Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado António Marques Caramelo

CERTIFICO:

Para efeito de publicação: Que, por escritura de dezasseis de Maio de mil novecentos e setenta e dois, lavrada de folhas dezanove a folhas vinte e um, do Livro número E-Quarenta e três, das notas deste Cartório, foi o capital social da sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, na Avenida Cinco de Outubro número cento e oitenta e quatro, sétimo andar esquerdo, denominada «Batimate, Investimentos e Comércio, Limitada», elevado de dois milhões de escudos para três milhões de escudos e unificadas as quotas de cada um dos sócios, alteraram parcialmente o pacto por que a dita sociedade se rege, tendo sido dada ao corpo do artigo quarto a seguinte redacção:

ARTIGO QUARTO

O capital social é de três milhões de escudos, está todo realizado em dinheiro e outros valores e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: uma de um milhão e cinquenta mil escudos do sócio Mário Araújo Aleixo; uma de setecentos e cinquenta mil escudos do sócio Luís Filipe Farinha dos Santos; uma de seiscentos mil escudos do sócio Moisés Szmulewicz Broder e uma também de seiscentos mil escudos do sócio João de Matos da Rosa.

Por verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino, em Lisboa, aos vinte e dois de Maio de mil novecentos e setenta e dois.

O Ajte. do Cartório, *Cremilda Pinteus Marques da Silva Malvar.*

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 83/72

Faz-se saber que no dia 14 de Junho de 1972, pelas 15 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE CINCO VIATURAS PARA OS TRANSPORTES DE CARGA, SENDO QUATRO BASCULANTES E UMA EQUIPADA COM GRUA», com base de licitação de 1.500.000$00 (Processo n.º 43/72/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 37.500$00 e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicacão de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa em 22 de Maio de 1972.

O PRESIDENTE,

Fernando Augusto Santos e Castro

DL/DESPORTOS

FLÁVIO CEDIDO PELO PORTO: 3 MESES NO VASCO DA GAMA

Flávio, o jogador brasileiro do Futebol Clube do Porto que não conseguiu confirmar a sua classe em relvados do nosso País, foi cedido ao Vasco da Gama até 7 de Setembro, em troca da quantia de 100 mil cruzeiros (4500 contos).

Fernando Vaz assinou contrato com a Académica por um ano. O documento foi ontem rubricado pelos interessados.

Esta tarde (19 horas, no Lavradio) CUF e Sporting disputam o terceiro lugar do primeiro Torneio Internacional de Juvenis. A competição prossegue amanhã (17 e 30, no Lavradio) com o jogo Belenenses-F.C. Porto e (21 horas, no Bonfim) com o embate entre Vitória de Setúbal e Cannes.

Fernando Riera chega a Lisboa às 8 e 45 de domingo. Segue logo para o Porto e verá, nas Antas, o encontro contra o Tirsense.

Embora Malagueta não pretenda deixar o Barreirense, o F.C. Porto deseja reconquistar o jogador de que abdicou em má hora.

A propósito: o Futebol Clube do Porto pretende lançar no mercado um televisor com o nome do clube. Os lucros irão reverter para a secção de futebol da colectividade.

Bento no Benfica: certíssimo. Abrantes, Diamantino, Louceiro e 750 contos foi o preço cobrado pelo Barreirense. O jogador não se abre, mas devem competir-lhe cerca de 1000 contos por três épocas de serviços.

Para enfrentar o Tomar, Mário Lino convocou Damas, Botelho, Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos, Hilário, Caló, Dani, Tomé, Peres, Chico, Nelson, Yazalde, Dinis, Nando e Lourenço.

Ted Smith afastou do primeiro «team» alcantarense os jogadores Vieira, Vasques e Valdemar. Para o jogo em Leixões estão previstos Gaspar, Esmoriz, Bernardo, Candeias, Baltazar, Semedo, Pedras, Nogueira, Orlando, Leitão, Raimundo, Carvalho, Durand, Vítor Alves e Rui.

Óscar Marques e as equipas de juniores e juvenis do Leixões foram homenageados.

Câmpora, João Carlos e Romão não devem actuar em Coimbra, pelo Bareirense. Carlos Silva escalou para a viagem os jogadores Bento, Cruz, Carlos Mira, Bandeira, Patrício, Valter, Luis Mira, José João, Se-

rafim, José Augusto, Malagueta, José Armando, Aurelino e Rogério. Até amanhã o técnico barreirense esperará por uma recuperação dos três jogadores lesionados.

No próximo dia 1 de Junho, o União de Tomar (sem João Carlos) actuará contra o Marítimo, no Funchal.

O Belenenses pretende comprar ao Guimarães os «passes» de Zézinho, Tito e Ibraim. Jorge Gonçalves deve transferir-se de Guimarães: fala-se no interesse do Sporting pelo seu concurso. Por seu lado, José Carlos está a ser assediado pelo F.C. Porto.

A lesão de Adriano faz chamar ao primeiro «team» do Leixões o defesa Raul Oliveira.

A U.R.S.S. está na final do torneio olímpico, após vencer a França (em Paris) por 3-1.

Para o Mundial, a Suécia e a Hungria empataram a zero tentos.

Oxaback, escultural equipa de futebol feminino da Suécia, planeia exibir-se em Portugal.

A receita do jogo Dinamo de Moscovo-Rangers, da final da «Taça das Taças», foi congelada pela Federação espanhola até serem pagos os prejuízos provocados pelos adeptos escocêsses no estádio «Nou Camp» e em quatro hoteis da cidade. Segundo os cálculos, a receita deve cobrir os estragos: quatro milhões de pesetas (1800 contos) na balança.

A direcção do Vasco da Gama dispensou o técnico Célio de Sousa uma semana depois de ter mandado embora Zizinho. Hoje, contratou Mário Travaglini, antigo treinador do Palmeiras, do S. Paulo e do Fluminense. Na terça-feira, o técnico Célio de Sousa, que dirigia a equipa juvenil do Vasco, tomará conta do cargo. Como a equipa principal ganhou o jogo do domingo, com o Fluminense, Célio (que ganhava quatro mil cruzeiros por mês e tinha pedido um aumento) solicitou novo aumento para cinco mil cruzeiros e foi despedido. Entretanto já outros directores tinham contratado o técnico paulista.

O Nazarenos e o União de Tomar pretendem o concurso de jogadores sportinguistas que não devem ficar sob as ordens de técnico Ronnie Allen. Nomes: Justiniano, Augusto, Marques, Luz e Ruas.

Franque e Alves, juniores promovidos a seniores mas com poucos jogos efectuados durante toda a temporada, tal como Sheu e Pedroto (reservistas da Luz) pretendem sair do Benfica. Franque já tem clube interessado: Farense. Beira-Mar está na corrida para Pedroto. O União de Tomar pretende Alves e Sheu. Todas as decisões estão dependentes do dinheiro proposto pelo Benfica para a continuidade daqueles jogadores nos seus quadros e bem assim da subida ou descida de divisão dos clubes que os assediam.

NA LIVRARIA OPINIÃO

RUA NOVA DA TRINDADE, 24

amanhã a partir das 16 horas

ALEXANDRE BABO
ARMINDO MENDES DE CARVALHO
e JAIME GRALHEIRO

autografarão as suas peças

— O Jardim Público
— A 10.ª Turista
— O Fosso

primeiros volumes da colecção CENA ACTUAL

do

JORNAL DO FUNDÃO

MORTOS EM COMBATE

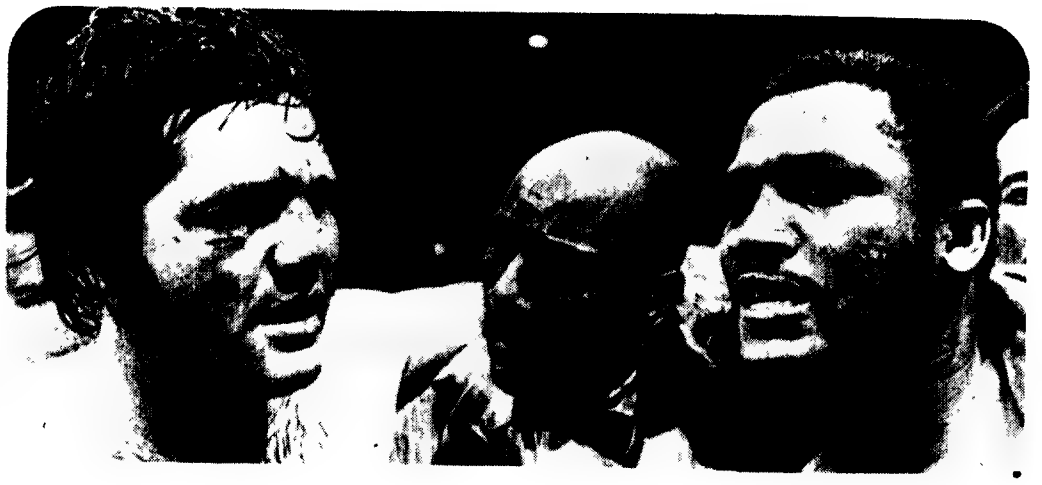
O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na Província de Moçambique o soldado 08821571, Duarte Jesus Alves Ferreira, natural de Tondela, filho de Duarte Ferreira Alves e de Armanda Jesus Alves; o soldado número 055471, Silvério Augusto Curto, natural de Covão do Lobo, concelho de Vagos, filho de Manuel Augusto Curto e de Maria dos Anjos Quintais. Na província de Angola morreu o soldado do recrutamento da província número 61767770, Borges Rafael de Carvalho natural de Luanda, filho de António Rafael de Carvalho e de Helena Borges.

FRAZIER CONTINUA CAMPEÃO

A pesagem

Tentativa do «challenger»

O massacre



Tudo acabado

Joe Frazier conserva o seu título de campeão mundial de pugilismo da categoria de pesos pesados. Esta madrugada, bateu, por K.O. técnico, no início do quinto «assalto», Ron Stander. A decisão do juíz do combate foi perfeitamente aceite por toda a assistência, dado o desequilíbrio das forças em cotejo.

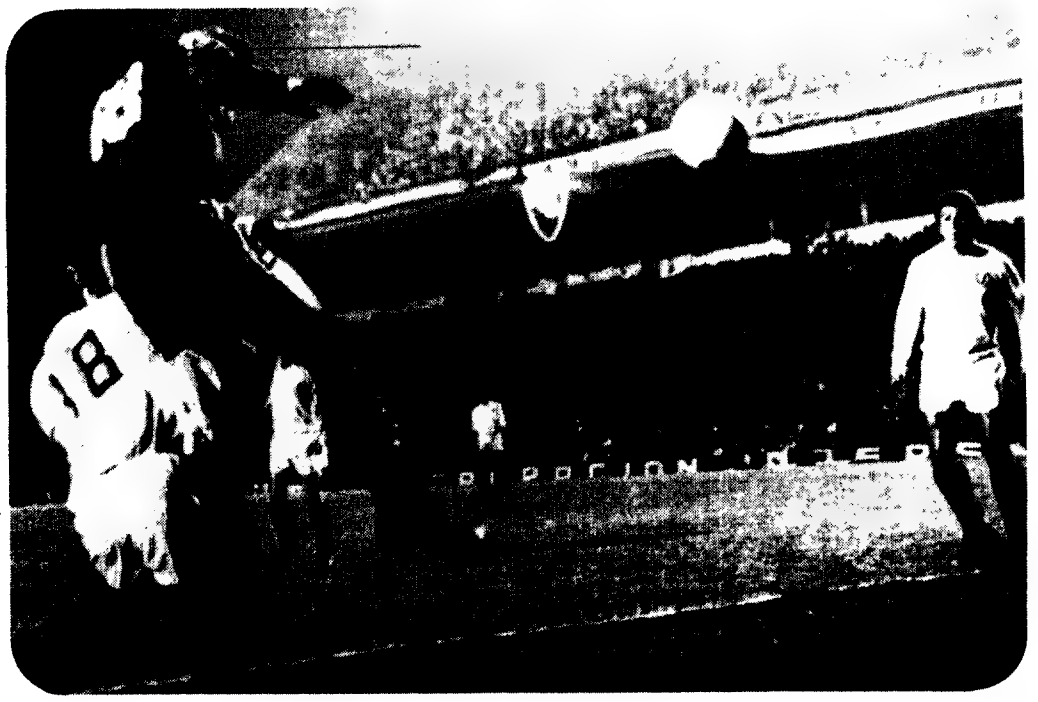
O combate, inicialmente previsto para durar quinze «assaltos», decorreu em Omaha, no Estado de Nebraska. O médico da Associação, de Boxe local, dr. Jack Lewis, chamado pelo juiz Zaxk Clayton no termo do quarto «round» para examinar o rosto de Stander, concluiu ràpidamente que a peleja não podia prosseguir dado o massacre sofrido pelo «challenger». Quando o árbitro anunciou o termo do combate Stander caiu num choro convulsivo e verdadeiramente patético. Desfigurado, resta-lhe a consolação de ter enfiado na algibeira uns bons cobres.

BÉLGICA: A REVELAÇÃO FUTEBOLÍSTICA DO ANO

Alemanha Federal, União Soviética, Hungria e Bélgica são (este ano) os quatro grandes do futebol europeu. No último dos países indicados, disputarão, em meados de Junho, as meias finais e a final da quarta edição da «Taça das Nações». Não há dúvida que a Bélgica é a grande revelação. Foi às mãos (melhor: aos pés) da equipa belga que morreram as aspirações da equipa de Portugal.

A derrota portuguesa talvez pareça agora mais explicável. Assim como o afastamento da Itália, nos quartos de final da competição. Aliás, no decorrer desta, a Bélgica só perdeu uma vez: foi contra a Escócia, em Glasgow (1-0). Cabe-lhe agora defrontar a Alemanha, invicta, por enquanto. (Assim como a União Soviética). E os belgas mostram-se confiantes. Dispõem de uma defesa sólida e fisicamente forte; frente a Netzer, o «motor» do Bayern, podem contar com Van Moer, que não desmerece do primeiro e para responder a Müller (a quem chamam o «torpedo»), lá está o nosso bem conhecido Van Himst. Para além das vedetas, os belgas têm a organização, um exemplar espírito de equipa, a cooperação de dirigentes, clubes e jogadores — habilidade que parece um tanto difícil de conseguir aqui por estas paragens.

Não há dúvida que os entendidos se mostram predispostos a apostar nos alemães e nos russos. Adivinham que os belgas e os húngaros se ficarão pela triste disputa dos terceiro e quarto lugares. Mas, quem sabe? Não irão os súbditos de sua magestade o rei Balduíno fazer das deles? Jogam em casa, vão-se convencendo que são mesmo bons, talvez se empertiguem... e homem empertigado é capaz de valer por dois (alemães, russos ou húngaros, tanto faz). A ver vamos...



«Independientes» da Argentina (de branco) contra «Universitários» do Perú (de negro). Os «independientes» ganharam a «Taça dos Libertadores».

Campeão "Independiente"

Conseguiu a mesma proeza em 1964 e 1965. O Independiente de Buenos Aires ganhou (pela terceira vez, portanto) o Campeonato de Futebol da América do Sul, ao derrotar (2-1) o Universitário de Lima. Glória aos «independientes» e glória aos universitários: derrotados, sim, mas presentes na final.

MEDALHAS: QUEM AS MERECE?

Medalhas de ouro são 364; de prata, outras tantas; de bronze, são 381. O leitor escusa de fazer contas. Dizemos-lhe já que dá o total de 1.109. O número seria impressionante se não fôra referido aos prémios que, em Muinique, no próximo Verão, os atletas de (quase) todo o mundo vão disputar. Atletismo, remo, basquetebol, pugilismo, canoagem, ciclismo, esgrima, futebol, ginástica, halterofilismo, andebol, hóquei (por azar português, não em patins), judo, luta, natação, pólo aquático, pentatlo moderno, hipismo, tiro, tiro ao arco, voleibol e vela. Mais uma vez, o leitor escusa de contar. São 22 modalidades desportivas, segundo o nosso critério de separação, as que vão preencher as provas e a atenção das gentes, nas próximas Olimpíadas, em Munique, terra dos bávaros, da cerveja... e do turismo (cada vez mais!) As modalidades mais medalhadas são a natação e o atletismo. (Tem razão, sr. Brundage, até que enfim lhe damos **uma** razão). As menos enfeitadas (medalhísticamente falando) são o pentatlo moderno (talvez porque é moderno) e o tiro ao arco (talvez porque só este ano chegou ao Olimpo, na versão «brundageniana»).

Fuente à frente. Atrás dele, Felice Gimondi. Merckx (aqui) é o terceiro

O "GIRO" PODE SER... GIRO

A volta à Itália (o «giro») começou a 21 e vai durar até 11 de Junho próximo. Tem este ano uma curiosidade muito especial: a busca frenética de um «campeoníssimo», por parte dos italianos que estão agora sem nenhum. Viu-se na «Volta à Roménia», dominada pelos franceses: uns tais Pingeon, Thévenet, Delisle. Do lado transalpino, faltou na Suiça o Zilioli. Pois é nele, precisamente, que os italianos depositam suas esperanças. Felice Gimondi anda um tanto por baixo e, para Italo Zilioli, pode estar à vista o triunfo decisivo. Nunca ganhou o «giro», mas tem marcado sempre boa posição.

Dizem os críticos que ele é uma espécie de Poulidor do lado de lá dos Alpes. Quem lhe poderá fazer sombra? Talvez um certo Fuente, vencedor discreto da discreta «Volta à Espanha»... Talvez Petterson, o sueco que vai ficando para o velho... Talvez o Bitossi, que, aliás, parece mais interessado em amealhar etapas... Talvez um tal Joseph Fuchs, recém-chegado ao profissionalismo... Talvez Merckx, o grande campeão belga, a experimentar já, segundo os «experts» a desoladora sensação que deve ser a do «crepúsculo dos deuses»... Há certos corredores que não foram à Itália. Certos e determinados: Thévenet, Van Impe, Ocaña, Agostinho. Estão-se a guardar, bem guardados, para a «Volta à França». Será a vez do Zilioli? Para já, esta evidência: os italianos gostam muito do «gentil» Italo... e precisam urgentemente, do tal «campeoníssimo» que lhes falta para serem mais felizes.

HÓQUEI LUSO-BRASILEIRO

De São Paulo: Terroso, Eládio, Haroldo, Guedes e Xinxa. De Pernambuco: Tito, Toth, Edmir, Salatiel, Correia e Eduardo. Da Baía: Norberto. São estes os elementos convocados pela Confederação Brasileira de Desportos para formação da equipa de hóquei em patins que defrontará a representação portuguesa da modalidade, nos próximos Jogos Luso-Brasileiros. No hóquei patinado, como sempre desde já umas décadas, uma das grandes nacionais esperanças...

PORTUGUÊS NA MARATONA DE MAXOL

Assim, muito simplesmente, uma notícia de Manchester: a maratona de Maxol, que se disputará nesta cidade a 4 de Junho próximo, registará, este ano, o número «record» de 326 fundistas inscritos, entre os quais um representante de Portugal. Além dos corredores ingleses (em número avultado) e do português, participarão na prova atletas da Áustria, Canadá, Finlândia, Grécia, Holanda, Nova Zelândia, África do Sul, Espanha, Suécia e Alemanha Ocidental. Adivinha, adivinha: quem será o português? Apostamos que é Armando Aldegalega, pois quem houvera de ser...

FUTEBOL EM $$$

Anunciam os dirigentes da Liga Inglesa que a assistência aos jogos de futebol, na temporada que finda, foi superior, em mais de meio milhão de pessoas, à da época anterior. Mas os números são curiosos: a Liga tinha feito as contas para 30 milhões e errou (pouco, ainda assim) por defeito, pois foram à bola «apenas» uns 29 milhões de súbditos de sua graciosa majestade. Diga-se, só de passagem, que os números relativos aos dois últimos anos são os mais baixos, desde 1965. Estará mesmo na velhice o desporto-rei?

FUTEBOL É BRIO NACIONAL INGLÊS

— **«Devemos ao povo britânico, inventor deste desporto, o direito de apresentar a melhor equipa de futebol disponível nas competições internacionais, em lugar de dispersar esforços por quatro sentidos diferentes».**

Estas palavras ecoaram pela vetusta Câmara dos Comuns, proferidas pelo deputado conservador mr. Ivor Stanbrook, interessado em salvar, a todo o custo, a equipa de Inglaterra. Mas a ideia em proposta — criação de uma equipa comum, englobando Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte — foi formalmente recusada pelo ministro dos Desportos, Eldon Griffiths, que não acredita que os escoceses, galeses ou irlandeses ficassem contentes com a perda da «nacionalidade» desportiva. Diga-se de passagem que, com quatro equipas na disputa dos grandes torneios, o Reino Unido sempre tem outras possibilidades.

O sueco Isaksson (em cima) e o americano Bob Seagren que, no Torneio de El Paso (Texas) saltaram com a vara 5,59 metros e lograram, do modo que se vê, estabelecer novo máximo mundial na especialidade. O anterior «record» (5,54) já era de Isakson.

"DL"/DESPORTOS

REGISTO

CAMPEÕES - No domingo, Malveira presta homenagem à equipa do Atlético local, vencedora do campeonato da 2.ª Divisão da A.F.L..

XADREZ - Joaquim Durão venceu 32 dos 35 jogos da simultânea da modalidade que se realizou em Faro.

TOTOBOLA - O dr. Correia da Fonseca partiu para Munique, convidado de honra do Comité Olímpico para as cerimónias da inauguração do estádio onde vão realizar-se os jogos.

CICLISMO - O 42.º Porto-Lisboa, disputa-se no dia 10 de Junho. A prova começa na Praça da Batalha e termina no Estádio de Alvalade.

BASQUETEBOL - Teotónio Lima foi nomeado seleccionador-treinador da equipa que representará o País nos Jogos Luso-Brasileiros.

ANDEBOL - No último encontro dos quartos-de-final da «Taça», o Atlético, alinhando com Neves (Leão), Garcia III, Talhadas, Augusto, Carlos, Garcia I, Olivério, Artur, Silvério, Grade e João Luís, venceu o Campo de Ourique por 17-16.

ESTÁDIO DAS ANTAS - Amanhã e depois, com diversas cerimónias, será comemorado o 20.º aniversário do campo de jogos do F.C. Porto.

VOLEIBOL - Na 5.ª jornada do «Nacional» da Divisão de Honra, o jogo mais importante opunha Leixões e F. C. Porto. A vitória coube aos leixonenses (3-1) que formaram com Dário Miranda, Ilídio Ramos, António Rijo, António Claro, Humberto Silva, Mário, Rui Moreira, António Cruz, Manuel Puga, António Paulo e Jorge Neto.

NACIONAL VENCE - Nacionalistas e barreirenses defrontaram-se para o campeonato de basquetebol da Zona Sul da II Divisão e a vitória coube aos primeiros (por 57-55), que alinharam com Gonçalves, Nascimento, Sérgio, Rogério, Ferreira, Deliciano, Valente, Proença, Lobo e Lavim.

VILANOVENSE - A Federação de Andebol atribuiu vitória a este clube no jogo disputado contra o Sporting de Braga, considerando falta de comparência dos minhotos.

ANIVERSÁRIO - Encerram no domingo as festas comemorativas dos 51 anos de existência do Grupo Desportivo Operário. Tudo termina com baile, boa forma de exteriorizar alegria.

BILHAR - Começa na próxima segunda-feira o Campeonato lisboeta das 3.ª e 4.ª categorias do Quadro 71/2. A «Taça Albertino Costa» (Três tabelas), reservada a jogadores de Lisboa de honra e primeira categoria, é disputada neste fim-de-semana e prossegue de 1 a 3 de Junho.

SESSÃO SOLENE - Na próxima terça-feira, pelas 21 e 30, o Andorinha Futebol Clube promove uma reunião (para a qual foram convidadas várias entidades oficiais) que se integra nas festas comemorativas dos 52 anos de existência da popular agremiação bairrista.

MUNIQUE - Para inauguração do novo Estádio Olímpico defrontam-se hoje as selecções nacionais de futebol da Alemanha Ocidental e da Rússia. Entretanto, já foi inaugurado o Centro de Imprensa do Estádio.

ORIENTAL - No dia 30 de Maio, pelas 21 e 30, reunir-se-á a assembleia geral do Clube Oriental de Lisboa, com o fim de eleger os novos corpos gerentes. No dia 1 de Junho haverá futebol: ás 15 horas, defrontam-se as «velhas-guardas» do clube e do Benfica. Duas horas mais tarde jogam as turmas de honra do Oriental e do Sacavenense.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tab.ª do Hotel da Rocha — PRAIA DA ROCHA

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	–	435$	–
Cons 3 %	452$	452$	–
Cons 3 1/2	557$	557$	–
Centenarios	1.285$	1.285$	–
Tes 5 % 57	1.000$	–	1.000$
Tes. 5 % 59	–	–	–
Exter 1.ª s	–	610$	700$
Extern. 1.ª c.	–	610$	–
Extern. 3.ª s	–	800$	840$
Extern 3.ª c	–	830$	–
Caut 3.ª s	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx. 6 %	–	955$	–
C. M. L 5 3/	985$	985$	–
C. P. 5,5 % — 67	–	945$	–
C. P 5,5 % — 68	–	–	920$
C. P. 5,5 % — 69	–	–	–
Corr. 5 3/4 %	935$	935$	940$
Metr 5 3/4 %	–	920$	940$
Tur 5 3/4 %	–	–	1.010$
C P. 63/4 –	1.015$	1.015$	1.018$

ELÉCTRICAS

G., 5 % — 58	–	–	–
G., 5 % — 59	–	810$	–
G., 5 % — 62	–	967$	–
G., 5 % — 63	–	967$	–
G., 5 % — 64	–	967$	–
G., 5 % — 65	–	965$	–
G., 6 % — 67	–	–	–
G., 6 % — 69	–	–	935$
G., 7% — 71	–	1.008	1.010$
H. E. C. 5 %	775$	–	780$
H. E. C. 6 %	900$	900$	910$
H. E. D. 5 %	900$	895$	795$
H E. D. 6 %	–	–	905$
H E. N. P. 5 %	–	930$	–
H. E. S. E. 5 %	–	950$	–
H. E. S. E. 6 %	–	–	–
H. E. Z. 5 % — 57	–	–	840$
H E. Zêz. 6 %	–	–	960$
N Elc 5 %	–	–	770$
N Elec 6 %	–	980$	–
Termoel 5 %	–	–	–
U. E P. 5 % — 60	–	–	–
U. E. P 5 % — 63	–	–	–
U. E P 6 %	–	–	975$

DIVERSAS

A P T 5 % — 56	–	870$	890$
A P T 5 % — 58	–	870$	890$
Lisnave 6 %	–	955$	–
Nitratos — 60	–	–	–
Pet 2.ª e 3.ª	–	–	–
Sacor 7%	1.004$	1.004$	1.006$
Sacor 5 % — 54	–	930$	–
Sacor 5 % — 60	–	850$	–
Sid. 5 % — 2.ª	–	–	790$
Sid 5 % — 3.ª	–	–	–
Sid. 5 % — 4.ª	–	–	–
Socel 5 %	–	–	–
U Fabril 67	–	–	935$
U Fabril 68	940$	940$	–

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %	–	–	–
Rev 5 % 57	–	–	–
Rev 5 % — 59/60	–	–	–
Moçamb 5 %	–	420$	500$
Sonefe 5 %	–	815$	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	3.410$	3.405$	3.410$
Alentejo	1.395$	1.395$	1.400$
Angola	3.540$	3.540$	3.550$
Cred. Predial	6.330$	6.330$	6.350$
Esp. Santo	9.390$	9.385$	9.400$
Fomento	4.950$	4.900$	4.950$
F & Burnay	–	–	–
N Ultr m	–	5.850$	6.000$
N Ultr c	6.390$	6.380$	6.400$
Portugal n	4.720$	4.700$	4.720$
Portugal p.	6.000$	5.950$	6.000$
P. Atlântico	–	10.550$	11.000$
Totta & Açores	6.050$	6.040$	6.060$
Algarve	2.240$	1.230$	2.240$
Borges & Irmão	8.160$	8.150$	8.200$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Indice da cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	19-5-1972	25-5-1972	26-5-1972
GERAL	188,8	189,6	**188,0**
METROPOL	191,5	192,4	**190,5**
ULTRAM	169,3	168,8	**169,6**

De Seguros

Alentejo	–	–	150$
Bonança	–	15.000$	–
Império	–	–	20.000$
Mundial	1.399$	1.398$	1.399$
Soberana	–	1.700$	1.800$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1.101$	1.101$	1.102$
C P E. n	1.090$	1.085$	1.095$
E Beiras	–	–	–
G. Elec. c	340$	340$	340$5
H. E AA	–	167$5	170$
H E N. P	230$	–	235$
H. E. S E	–	1.850$	1.920$
U. E. P.	195$	194$5	–

Ultramarinas

Ag. Cassequel	1.030$	1.030$	1.035$
Ag. Incomáti	–	2.400$	2.500$
Ag. S. T e P.	180$	175$	185$
Aç Angola	–	–	990$
Alg. Angola	–	–	–
Ang. Agric.	–	–	–
Boror	–	–	135$
Boror Com.	–	–	73$
Buzi	–	85$	–
Cabinda	–	145$	150$
Com. Lobito	830$	820$	830$
D. A — T. 100	1.950$	1.950$	–
H E. Revué	–	–	575$
I. do Princ	–	450$	500$
Moçambique	–	–	165$
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p.	–	365$	380$
Zambézia	–	65$	–

Diversas

Ag Lx. ant	430$	430$	440$
Ag. Lx. — 34	412$	412$	–
Ag. Lx — 36	–	5.100$	5.300$
Cel. Guadiana	5.850$	5.850$	5.900$
C. Leiria p.	14.400$	14.200$	14.500$
C. Tejo p.	–	135$	138$
F Ramada	–	–	3.900$
Fornos Eléct.	–	–	4.590$
P. Celulose	4.570$	4.570$	3.000$
Siderurgia p.	2.970$	2.970$	3.770$
Siderurgia n.	3.750$	3.740$	6.750$
Socel	6.735$	6.735$	3.100$
Cidla	3.100$	3.080$	555$
C U F.	550$	547$	1.040$
Intar	1.030$	1.030$	1.070$
Nitratos	1.060$	1.040$	3.000$
Petroquímica	–	2.990$	1.900$
Sacor	–	–	–
Tab Portugal	–	–	–
Tabaqueira	820$	815$	825$
U F Azoto	–	–	700$
Empor	–	–	1.050$
Ind. Aliança	–	–	3.750$
I P Colón	3.700$	3.700$	2.300$
Nac Naveg.	2.250$	2.200$	1.020$
Naveg (Col)	1.000$	–	1.000$
P Pesca	–	–	–
Matur	2.450$	2.400$	2.450$
R Marconi	1.290$	1.290$	1.295$
TAP	–	–	650$
Compal	–	–	1.400$
Salvor	–	–	1.250$
Penina	–	900$	–
Grão-Pará			

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–
F I D. E S	–

COTAÇÕES

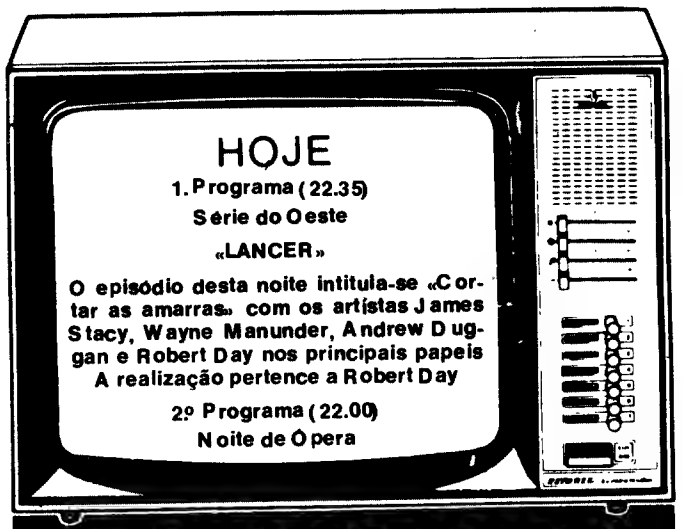
PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	31$50	34$00
Alemanha - Marco	8$35	8$65
América	26$20	26$90
Dollars de 1 a 2	26$50	27$30
Dollars de 5 a 20	26$60	27$40
Dollars de 50 a 1000	1$80	2$80
Argentina - Peso Novo	1$17	1$22
Austria - Schiling	$60	$63
Bélgica - Franco	3$70	4$70
Brasil - Cruzeiro	26$70	27$50
Canadá - Dólar	3$75	4$05
Dinamarca - Coroa	$41	$43
Espanha - Peseta	5$35	5$65
França - Franco	8$25	8$55
Holanda - Florim	70$00	72$00
Inglaterra - Libra	$04.45	$04.75
Itália - Lira	5$00	5$50
Marrocos - Dihran	3$95	4$25
Noruega - Coroa	5$45	5$75
Suécia - Coroa	6$93	7$18
Suíça - Franco		
Ouro		
Inglaterra - Libra Isabel	395$00	425$00
Inglaterra - 1/2 Libra	330$00	355$00
Ouro fino Barra	49$00	51$50

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara, 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura (desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Nanny e o Professor»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal
19.45 Um poeta... um livro...
20.00 Ponto de vista
20.30 Auditório musical
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.05 Frente a frente
22.35 Série «Lancer»
23.45 Telejornal — últimas notícias
meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura
20.31 DESENHOS ANIMADOS Máquinas Voadoras
20.40 VARIA
21.00 Filme de Série «Nanny e o Professor».
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de ópera
23.20 Fecho

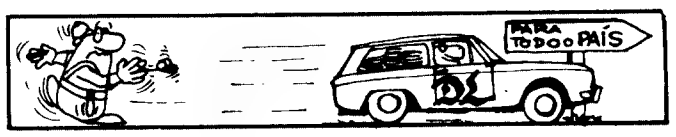
AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Dó, Lá, Si
14.25 Hoje pode ver
14.40 Universidade na TV
15.35 TV educativa
16.05 Daniel Boone
16.55 Teledesporto
17.20 Nós as mulheres
17.50 Pop 25
19.10 E a vida continua
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Skippy
20.15 Dimensão
21.05 Se bem me lembro
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Os caminhos de Noele
22.30 Variedades
23.30 Telejornal — últimas notícias
23.40 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 O caso da semana
21.00 Viver no campo
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Século XXI
22.30 Dr. Marcus Welby
23.30 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco ou moderado de Noroeste e o céu estava limpo com excepção do litoral a Norte do Cabo Carvoeiro onde se apresentava encoberto e havia neblina.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	14.º
PENHAS DOUR.	18.º
COIMBRA	15.º
PORTALEGRE	23.º
LISBOA	18.º
FARO	23.º
FUNCHAL	21.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima **32.º**

FIGUEIRA CASTELO RODRIGO
Mínima **6,5.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15.º
Atmosfera	16.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.52	3,5 m	8.28	1,1 m
15.12	3,6 m	20.49	1,1 m
Dia 27			
3.32	3,5 m	9.02	1,1 m
15.50	3,7 m	21.25	1,0 m
Dia 28			
4.10	3,3 m	9.36	1,0 m
16.26	3,7 m	22.01	1,0 m

Previsão geral até ás 24 horas de amanhã

Céu limpo ou pouco nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste; neblina ou nevoeiro no Litoral a Norte do Cabo Mondego.

AMANHÃ
Nascer às **6.16**
Ocaso às **20.52**

Dia 28 Dia 4 Dia 11 Dia 18

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Melodias do cinema
16.30 Convívio, programa da Juventude
18.05 Ao encontro da mrlodia, com o Trio de Oscar Peterson e a Orquestra de Helmuth Zacharias
18.30 Forças Armadas (programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional)
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário Sonoro
20.20 Instrumentistas
20.30 5.º Episódio do Folhetim História de Amor
20.50 O Organista Milt Herth
21.00 Momento 72
21.30 Língua portuguesa, pelo dr. Ribeiro dos Santos
21.40 Ao sabor da fantasia
22.00 Música da Europa
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho.

2.º PROGRAMA

16.00 Ciclo do barraco italiano
16.45 Musica de vanguarda
17.23 Musica de tecla
17.30 O Compositor do mês Dvorak
19.00 Música e músicos portugueses, por Nuno Barreiros
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de arco, de Khachaturian
20.30 Obras para vozes, de Fernande Peyrot e Constantin Regamey
21.00 Concerto Sinfónico — 1.ª Parte
21.50 Canções de Mozart — pelo soprano Anny Felbermayer
22.00 Concerto sinfónico — 2.ª Parte
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

EMISSÃO ESTEREOFÓNICA MF2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Concerto de câmara
22.55 Transmissão das 32 sonatas para piano, de Beethoven
23.58 Cantata «Carmina Burana», de Carl Orff
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

16.00 Programa C. D. C.
18.00/21.00 Programa «Movimento»
2103 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Grande roda
00.02 P B X.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Programa C. D. C.
17.57 O nosso programa
21.02 Boa noite em fm
22.02 Programa à Gó-Gó
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda Sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR

18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinée teatral
19.03 Miscelânea
19.17 Conjunto
19.30 Estúdio 64
20.10 Norte dia a dia
21.05 Só-Rádio
21.45 Mensageiro do evangelho
22.02 Em destaque
22.15 Novas de alegria
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.20 Boletim litúrgico
18.30 Terço e musica vespertina da Basilica dos Mártires
20.00 Zona verde-espaço ocupado pela familia
20.30 Variedades
21.00 Meditando
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23ª Hora

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda 222 (Te 638256) **Tapada**, Calçada da Tapada 83 A (Tel 634721)

ALCÂNTARA
Ester Nogueira, Rua da Alcântara 5-A (Tel 637563)

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro 36 (Tel 886126)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av Mouzinho de Albuquerque à (Praça Paiva Couceiro) 7-A (Tel 843571)

ALVALADE
Líbia, Av da Igreja, 4-B (Tel 711681), **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel 681515)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça da Aguas Livres 8-D, (Tel 681515)

ANJOS
Antolin, Av Almirante Reis, 88-B, (Tel 44173) **Magalhães**, Av Almirante Reis 4-D, (Tel. 49479)

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D Filipa de Vilhena, 9-C, (Tel. 770324)

AREEIRO
Marbel, Av de Roma, 131-A, (Tel 776235); **Lusitânia**, Av de Roma, 18-A, (Tel. 725443), **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, (Tel 710331), **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B, (Tel 710621)

BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176, (Tel 262687)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel 310172)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, Rua A 182 (Tel 651840)

BAIXA
Formosinho, Praça dos Restauradores, 18, (Tel 30927), **Normal**, Rua da Prata, 220 (Tels 321342-325553)

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel 638132)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C, (Tel 703697), **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444-A (Tel. 782606), **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel 780841)

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (Tel. 687475); **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel 683438)

CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514, (Tel 687949)

CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Tel. 553308)

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade 2 B (Tel 869831)

CONDE BARÃO
Açoriana, Largo do Conde Barão 2 (Tel 661330)

ESTEFÂNIA
Delio, Rua Açores 42 (Tel 52388)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Est da Damaia, 64-C (Tel 702226)

ESTRELA
Linalde, Rua Ferreira Borges 30 (Tel 660955) **Neves**, Rua da Bela Vista 35 (Tel 661251)

LUMIAR
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel 790332) **Douro**, Alm das Linhas de Torres 93 A (Tel 991131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem 15-B (ao Bairro do Grilo) (Tel 382470)

OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto a piscina) (Tel 310581)

PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Tel 610280)

PENHA DE FRANÇA
Europa, Av Gerenal Roçadas, 27-A (Tel 843880) **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20 A (Tel. 844361), **Zema**, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel 832580)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tels 720703-728395)

SANTA MARTA
Morais Sarmento, Rua da Santa Marta, 16-A/B (Tel 46490)

S. BENTO
Micael, Rua de S. Bento, 380 (Tel. 662162)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berna, Av de Berna, 44-A (Tel. 773563), **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sa da Bandeira, 32-42 (Tels 41961-54672); **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (Tels 48966-553601)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)
CAXIAS:
Nova, R Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS:
Alcantara Guerreiro, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel 2430485)
PAREDE:
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL:
S. Pedro, (Tel 263052)
MONTE ESTORIL:
Lopes, R. Hangar, 3 (Tel. 260008)
CASCAIS:
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Melo, P D João I, lote 146 B.º Janeiro (Tel. 932756), **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210), **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim**, Av Conde de Oeiras, loja X-1-Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA:
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)
VENDA NOVA:
Nova, R Elias Garcia, 10 (Tel 972530)
QUELUZ:
Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117), **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Tel 950123)
CACÉM:
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS:
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA:
Marrazes, L Afonso de Albuquerque (Tel 980058)
COLARES:
Colares, Abreja (Tel 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA:
Galeno, R Capitão Leitão, 85-B (Tel 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO:
Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2273023)
COVA DA PIEDADE:
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)
MOITA:
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO:
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETUBAL:
Marques, R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (Tel. 24558)
SEIXAL:
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, Suc. R. de Costa Cabral, 240; **Central**, Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, Rua Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior, Suca**, Rua Firmeza, 99-A

SUB-TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50; **Corujeira (da)**, R. S. Roque Lameira, 1473; **Couto**, L. S. Domingos, 106; **Lapa (da)**, Rua Antero Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

Silva Soares, R. M de Albuquerque, 26 - 28 (tel 26554), **Vilaça, Ld.ª** R Ferreira Borges, 132 (tel 22043), **Cruz e Costa**, R. A Vasconcelos, 71 - 71 - A (tel. 22715).

cinemas

S. JORGE (Tel 54153)
15 15-18 15 e 21.30
Grupo D-18 anos)
«VENTO DO OESTE» (Doc) com Frank Perrye e Faye Dunaway

POLITEAMA (Tel. 326305)
15 15-21 45
(Grupo D-18 anos)
14.ª Semana de êxito com Renato Rascel G Granata e G. Giuffre «A TRANSPLANTAÇÃO»
Às 00.30 (Grupo D-18 anos) «NO ABISMO DO MEDO»

CONDES (Tel. 322523)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«O MEDICO E O MONSTRO» com Ingrid Bergman, Lana Turner e Spencer Tracy

ALVALADE (Tel. 717480)
21.45
Estreia Grupo A. M. 10 anos «O assassino de Júlio César» a obra imortal de Shakespeare

EDEN (Tel. 320768)
21.45
Estreia, Grupo C. (M 14 anos) «OS INCENDIÁRIOS» c/ Heit Barren
15.30-18.30
Grupo D (18 anos)
últimas de AS CRUEIS

ESTÚDIO (Tel. 555134/5
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
6.ª Semana «UMA ABELHA NA CHUVA» um filme de Fernando Lopes, baseado no Romance de Carlos de Oliveira, com Laura Soveral e João Guedes.

ROYAL
15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
O SALTO DO ANJO c/ Jean Yane e Stenta Berger

TIVOLI (Telef. 50595)
15.15-18-30-21.45
(Grupo D-18 anos)-3.ª Semana «OS IMPOSTORES» (Seres humanos à procura de sensações) com Bekim Fehmiu e Candice Bergen

SATELITE (Tel. 562632)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D (18 anos)
5.ª Semana
«A REGRA DO JOGO»
Uma obra-prima de Jean Renoir.

MUNDIAL (Tel 538743)
15 15-18.30-21 45
(Grupo D-18 anos)
«SUITE EM HOTEL DE LUXO»
Uma comédia de raro sabor c/ Walter Mathau e Barbara Harris.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21 45
(Grupo D-18 anos)
«LEITO CONJUGAL» com Ugo Tognazzi e Marina Vlady

CASINO ESTORIL
17 00-21.00
Grupo D (M. 18 anos)
«Com jeito vai...campista»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
hoje ás 21.30
Grupo D. M. 18 anos)
ESTREIA «SHAFT». Mafia em Nova Iorque» c/ Richard Rorendtrée, Moses Grunn

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15.30-18.30-21.45
Grupo D (18 anos)
«O JARDIM ONDE VIVEMOS» com Dominique Sanda e Hel-

IMPÉRIO (Tel. 555134/5
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
«A CONVIDADA» com Michel Piccoli e Joanna Shimkus
Às 18.30 Grupo D-18 anos)
COMEÇOU EM NÁPOLES

AVIZ (Tel. 47173)
15.30-21.45
(Grupo B-10 anos)
«TRINITA-COW-BOYINSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer O Western do ano já em 18.ª Semana

EUROPA (Telef. 651016
Grupo D-14 anos)
DIREITO POR LINHAS TORTAS c/ Sidney Poitier

VOX (Tel 720808)
15.15-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos) 2.ª semana «O AMANTE» com Bibi Anderssen e Elliot Gould num filme de Ingmar Bergman

BERNA (Tel. 776098)
15 15-18 30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
8.ª semana triunfal com Gene Hackman e Roy Sheider em «THE FRENCH CONNECTION» (Os incorruptíveis contra a droga) Premiado com 5 Oscares da Academia

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00-21.00
(Grupo B-10 anos)
«O RAPAZ DA VOZ DE OURO» com Heinz Reincke e Ralf Wolter e «SINAL DE ALARME» com George Nader

LYS (Tel 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«PARIS VISTO POR...» e «ACIDENTE» com Dirk Bogard e Jacqueline Sarrard

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15-21.30
Grupo C (14 anos)
15.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

LONDRES (Tel. 730579)
21.45
Grupo D. M. 18 anos, estreia «VIVER A SUA VIDA» c/ Ana Karina, Jean Luc Godard
Cinema Snack-bar-Pub «The Flag» Faça três coisas num sítio só.

APOLO 70 (Tel. 763319)
14.30-16.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 8.ª semana o último filme de Milos Forman «TAKINGOFF» (Os amores de uma adolescente. Hoje ás 19 h. (Festival Apolo 70) em ante-estreia. Grupo D M. 18 anos. «HISTÓRIA IMORTAL DE ORSON WELLES» Ás 24.30 h. O riso da Meia-Noite. «VIVA MARIA» (M. 18 anos)

outros espectáculos

LISBOA Teatros

A.B.C.
20.45 - 23 (18 anos)
«Viva a Pandilha»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento».

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

VILLARET
21.00-23.00-18 anos
«O Tartufo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«The Royal Ballet»

LISBOA/Cinemas

OLYMPIA
21.00 (14 anos)
«Sabata chega...e mata»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Ora bolas: eu amo-te»

MAYER
21.00 (17 anos)
«Beija-me idiota»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Os Bons Velhos tempos»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Um caso de amor»

PARIS
21.00 (14 anos)
«O Dossier Andersob»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Terra selvagem»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (10 anos)
«Pedro, o pescador»

ESTORIL
Casino
21.30 (18 anos)
«Com jeito vai.. campista»

Palácio
21 30 (17 anos)
«Espia em calcinhas de renda»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«A noite das oito badaladas»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. JOÃO V
21.15 (14 anos)
«Frankenstein, conquistador do Mundo»

AMADORA
Lido
21.30 (18 anos)
«A organização»

SINTRA
Carlos Manuel
21 30 (14 anos)
«Black Jack» e «Aventura na selva»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Golpe»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Dupla vingança»

PORTO/Teatros

S. JOÃO
18.30 (18 anos)
«A curva» e «No alto mar»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Missão Batauga» e «O Diabo branco»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Um curto Verão»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«História de uma rapariga loira»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«América, América...para onde vais?»

TRINDADE
21 30 (18 anos)
«A Solteirona»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Amor de Perdição»

OLÍMPIA
21 30 (18 anos)
«A máscara da morte vermelha»

BATALHA
21.30 (14 anos)
«Siga aquele camelo»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º?

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Quando elas tinham cauda»

ÁGUIA D'Ouro
21.30 (10 anos)
«Tinita Cow-boy insolente»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
Quatro noites de um sonhador»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Não desejaras o delicadinho do 5.º»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Camelot»

comentários desassombrados sobre factos da vida nacional

PONTOS DE VISTA

de oliveira e castro

dist. LIVRARIA BERTRAND

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Julieta Brigue, Zélia Lopes e Maria Jôjó. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes e os Arautos. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ªs feiras. **Rua da Barroca 133. Tel. 369760.**

TAMILA Marão e s/conjunto «Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

ARREDA Fado amador oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana, José Manuel Osório, D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra às 3.ªs feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

ADEGA MESQUITA Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luís Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

FORCADO Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins, Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa 221 - Telefone: 368579

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

LUSO Grande Elenco de Folclore. Fado de Coimbra por Plínio Ermida, canções internacionais e guitarradas por Torcato e F. Alvim. Trav. da Queimada n.º 10. Tel. 362889

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

NOVOS CORPOS DIRECTIVOS NO GRÉMIO NACIONAL DOS BANCOS

O representante do B.N.U., Sr. Dr. Castro Fernandes, no uso da palavra

Para proceder à eleição dos representantes dos Bancos Comerciais no Conselho Nacional de Crédito e elementos directivos do Grémio dos Bancos e Casas Bancárias para o próximo exercício, realizaram-se ontem duas assembleias gerais, respectivamente.

A primeira, cerca das 10 horas elegeu para os cargos representativos, o Dr. José Gonçalo Correia de Oliveira (presidente do Conselho de Administração do Banco Fonsecas & Burnay), Dr. Jorge Gonçalves Pereira (presidente do Crédito Predial Português) e Eduardo Furtado (presidente do Conselho de Administração do Banco Pinto & Sotto Mayor).

Na segunda dessas assembleias, que se realizou às 11 horas, foram eleitos os corpos directivos do Grémio para o triénio 1972/1974.

Antes da ordem-do-dia, o Dr. Castro Fernandes, presidente da direcção cessante, fez em seu nome pessoal, uma larga exposição sobre a actividade do Grémio, tanto no aspecto técnico-económico, como no aspecto social, nos últimos três mandatos, sustentando a tese das virtualidades do livre corporativismo de associação.

O resultado da eleição foi o seguinte:

— para presidente do Conselho Geral, foi eleito o Banco Nacional Ultramarino, representado pelo Dr. António Júlio de Castro Fernandes, e, para Vice-Presidente, o Banco de Angola.

— para vogais da direcção que entre si hão-de escolher o presidente, foram eleitos o Banco da Agricultura, o Banco Espírito Santo, o Banco Totta e Açores, o Banco Borges & Irmão e o Banco Português do Atlântico.

— para vogais do Conselho Geral, o Banco de Fomento Nacional, o Banco Fonsecas & Burnay, o Crédito Predial Português, o Banco Intercontinental, o Banco Fernandes Magalhães as Casas Bancárias Pancada Moraes & C.ª e Pinto de Magalhães, Ld.ª.

— para secretários da assembleia geral — que é presidida pelo presidente do Conselho Geral — o Banco Agrícola e Industrial Viseense e a Casa Bancária Pacada Moraes & C.ª

Os factos mais salientes destas eleições foram, a rotação do Conselho Nacional de Crédito (o Dr. Jorge Gonçalves Pereira e o Sr. Eduardo Furtado, substituíram o Dr. Manuel Espírito Santo e o Eng.º João Carlos Sobral Meirelles), a saída da direcção do Banco Nacional Ultramarino, cuja presidência assumiu durante os três últimos mandatos, e a elevação do mesmo Banco à Presidência do Conselho Geral do Grémio.

Pelos Bancos agremiados (e são todos à excepção do Banco de Portugal e Caixa Geral de Depósitos) foi assim prestada como que homenagem ao Dr. Castro Fernandes, confiando-lhe o lugar que é, não só mais representativo, como o de maior orientação da Banca Portuguesa.

O Presidente Mundial da IAA à chegada ao Aeroporto acompanhado de sua mulher

NAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS

SEMINÁRIOS DE PUBLICIDADE

Chegou esta manhã a Lisboa, vindo de Nova York, a convite do ministério do Ultramar, o presidente mundial da International Advertising Association, Jere Patterson, que durante a sua estadia no nosso País se avista com entidades oficiais, visitará Luanda e Lourenço Marques no próximo dia 28.

Na agenda de trabalhos figura também o estudo de pormenores ligados ao funcionamento, nas Universidades de Luanda, Lourenço Marques e Lisboa, dos primeiros seminários internacionais de publicidade que serão ministrados por corpos docentes selecionados.

VEJA OS NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR E FRIGORÍFICOS
CASTOR
QUALIDADE
PRESTIGIO
GARANTIA

5 NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR
9 NOVOS MODELOS DE FRIGORÍFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!
A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa - Porto

as viagens da EUROPEIA
O NORTE DA ITÁLIA E AS RIVIERAS
8 dias — 7.320$00
Hotéis de 1.ª Ordem
Pensão completa (Tudo incluido)
Facilidades de pagamento
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
AV. DA LIBERDADE, 233 • TEL. 53 81 31 • LISBOA 2

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Tabacaria Rosa, Ldª, Fernando Quintas, Rua da Fonte, 16-A CARNIDE - LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Vasco da Silva Jorge. «Bazar Caracol» MADORNA CARCAVELOS

SERRA DO GUADARRAMA

ABERTO AO TRÂNSITO O SEGUNDO TÚNEL

Abriu hoje ao tráfego o Túnel II da Serra do Guadarrama e a correspondente faixa da auto-estrada Villalba-Villacastin-Adanero, troço com cerca de 74 quilómetros, que deverá ficar concluído em 1973, cerca de dois anos antes da data prevista no programa espanhol de ampliação rodoviária.

O novo túnel, com 3,34 quilómetros de extensão, custou cerca de 840 mil contos e constitui, tanto pela concepção, como pelos dispositivos de segurança e controle de que é dotado, uma obra invulgar que alinha entre as mais avançadas da Europa. Entra em funcionamento nove anos depois do túnel Guadarrama I que foi o percursor em Espanha da rede de auto-estradas em regime de portagem.

O Grupo de empresas que realizou este importante melhoramento é um dos componentes do Consórcio Técnico-Financeiro Brisa, concorrente à concessão da construção e exploração da rede de auto-estradas que o Governo Português pôs recentemente a concurso. O Administrador Director-Geral do Grupo é o prof. engenheiro César Sanz-Pastor, grande amigo de Portugal, que ainda há dias esteve em Lisboa.

O referido Grupo é responsável pela construção e exploração das seguintes auto-estradas espanholas: Villalba-Villacastin-Adanero (74 quilómetros), com os dois túneis do Guadarrama; Sevilha-Cádiz (100 quilómetros); Tarragona-Valência (350 quilómetros).

E de interesse notar que o percurso do programa português de auto-estradas cuja concessão se aguarda é sensivelmente equivalente ao da auto-estrada Terragona-Valência. Na auto-estrada Sevilha-Cádiz o custo de construção conseguido foi de cerca de 16800 contos por quilómetro, enquanto na auto-estrada do Guadarrama os custos da construção a céu aberto variam entre 21 a 25 mil contos por quilómetro. — (E.).

as suas férias 72
CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loule 47 A-Tel 560171
VIAGENS ACOMPANHADAS
(Lisboa a Lisboa)

AUTOCARRO:		
Lourdes, Andorra, Madrid	9 dias	3.950$
Lourdes, Andorra, Barcelona, Valência, Madrid	12 »	4.950$
França, Bélgica, Holanda, Vale do Reno, Suíça, Andorra	20 »	9.950$
Suíça, Áustria, Itália	24 »	12.500$
AVIÃO:		
Charters a Londres	8 dias	3.350$
Torremolinos	8 »	2.990$
*) Terceira e S. Miguel (P. completa)	7 »	6.600$
Europa Oriental (Avião - Hotel - Refeições - Visitas)	15 »	8.735$
Capitais Europeias	11 »	10.250$
Escandinávia	14 »	17.660$
Pérsia, Egipto, Grécia	13 »	20.950$

*) Descontos a familiares
BARCO:
Vários Cruzeiros — Europa e Américas.
Também temos Viagens Individuais.
CONSULTE-NOS

VAI VIAJAR?
Em Portugal e no estrangeiro? Em férias ou negócios?
passaportes + bilhetes + hotéis + itinerários
confie na experiência de
CLARAS TURISMO
Av. Fontes Pereira de Melo 3 / Tel. 56 34 51/4

EM CIMA DA HORA

Reunificação alemã: «Luz verde» russa

A União Soviética não tem objecções a pôr á abertura de negociações entre a RFA e a RDA para a reunificação — declarou ontem á noite em Munique Valentim Faline, embaixador soviético em Bona.

Falando perante a comissão económica do partido social-democrático bávaro, o embaixador soviético declarou que a URSS já dera claramente a entender que se a RFA e a RDA quisessem, poderiam abrir negociações para a reunificação. Neste caso, a URSS — disse Faline — guardaria apenas o direito de dar recomendações ou instruções quanto ao modo de orientar essas negociações.

IATA É CONTRA DESCONTOS

GENEBRA, 26 — (ANI) — A venda de bilhetes com desconto a preços inferiores aos tabelados, está a fazer com que grandes companhias aéreas tenham prejuizos que atinjem 500 milhões de dólares anuais (13.500.000 contos) nas carreiras do atlântico Norte — declaram os administradores, numa conferência que reuniu em Genebra representantes de 64 companhias.

Na conferência convocada pela IATA — Associação Internacional dos Transportes Aéreos — foram aprovados um plano de acção destinado a abolir essas ilegalidades, e medidas tendentes a colocar as companhias em competição directa com as empresas de voos fretados.

ATACADOS DIQUES DO RIO VERMELHO

SAIGÃO, 26 — (FP) Rádio Hanoi captada em Saigão anunciou esta manhã que na quarta-feira, aviões americanos tinham bombardeado os diques do Rio Vermelho.

Segundo a emissora, os aviões tácticos da Sétima Esquadra sobrevoaram várias vezes os objectivos atacando os diques de três zonas de irrigação e designadamente, os de Thai Binh e de Son La, causando importantes danos e matando seis operários.

EXPLODIU BOMBA EM AVIÃO CHILENO

KINGSTON, (JAMAICA), 26 — (R.) Uma bomba colocada a bordo de um avião chileno abriu um buraco na fuselagem ao rebentar, e forçou o piloto a uma aterragem de emergência quando voava com destino a Miami.

Nenhum dos 40 passageiros e 10 tripulantes ficou ferido com a explosão e mais tarde seguiram noutro avião para os Estados Unidos.

O DECLÍNIO DA HEGEMONIA AMERICANA

DL Exclusivo
«Le Monde Diplomatique»/«DL»

. Quando o pobre enriquece, a prosperidade do rico parece atingida. É um pouco o que se verifica hoje nos Estados Unidos, què vêem afirmar-se à sua volta novos blocos industrializados, enquanto o crescimento ganha, pouco a pouco, regiões eleitas do Terceiro Mundo. Eles mesmo fizeram o que era preciso para que assim fosse, pois a sua preeminência económica dependia dele. Mas hoje, a menos de um ano após a desvalorização do dólar, que devia tão profundamente marcar a opinião mundial, parece ter-se atingido um limiar.

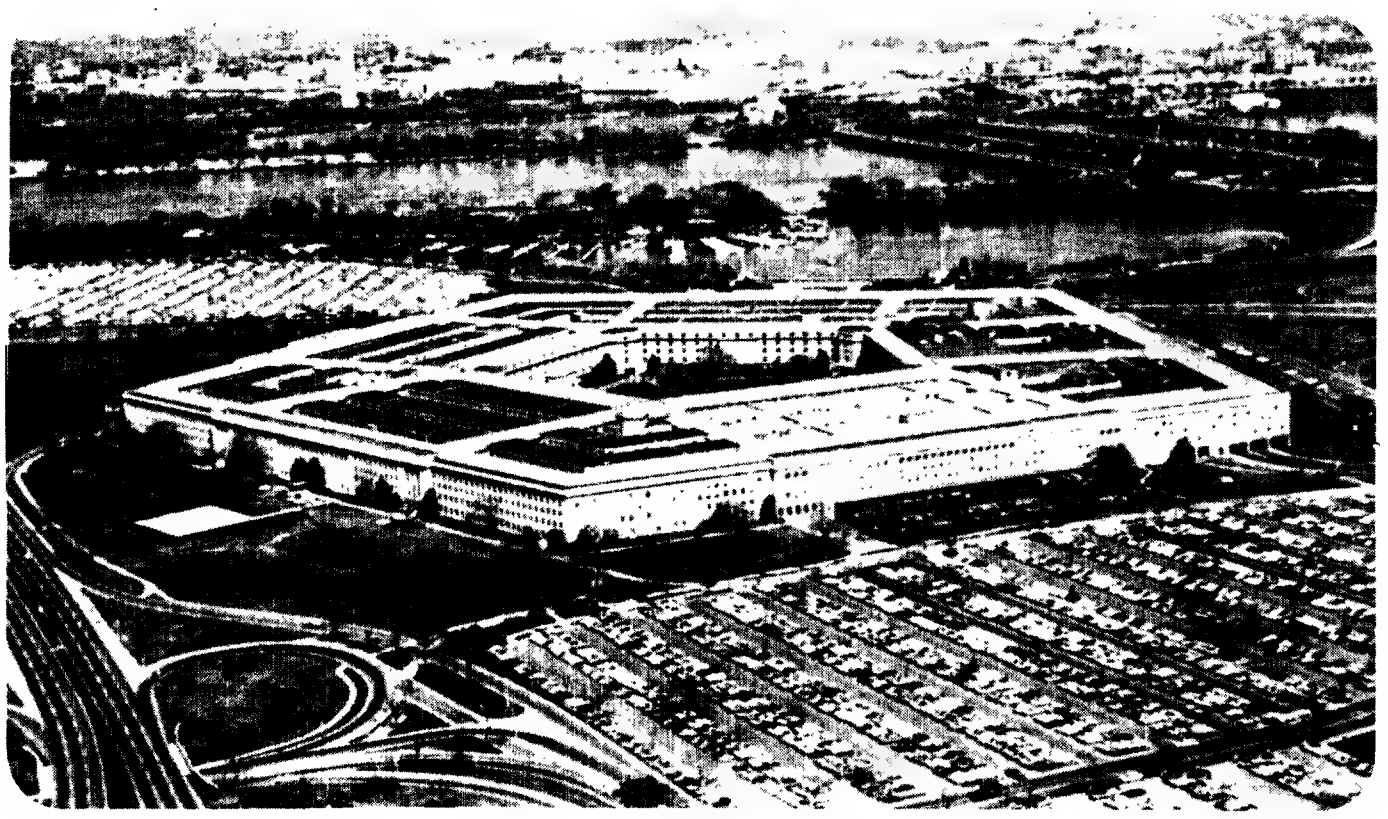
Esta impressão é tanto mais forte quanto é certo não ser a economia a única em causa. Há, por certo, o malogro no Vietname, que o poderio da América não conseguiu evitar. Há a contestação interna e a revolta dos Negros. A União Soviética pode doravante ter pretensões à paridade nuclear. O mundo subdesenvolvido pede justiça, e cada vez é mais difícil faze-lo calar.

Numa palavra, a hegemonia americana está hoje ameaçada por todos os lados. Na economia, em política, no plano militar e até no da civilização, pois a industrialização a todo o custo fez aparecer além-Atlântico novos males que estão em vias de desabar sobre o resto do mundo. No entanto, o mais impressionante é que não se trata senão de um declínio relativo. Os Estados Unidos continuam a ser os mais ricos, os mais fortes, os mais bem colocados na corrida para o progresso. Poderão ainda preservar durante muito tempo este avanço? Os trabalhos do Massachussets Institute of Technology sobre os «limites do crescimento» foram certamente inspirados pelas dificuldades cada vez mais evidentes da primeira superpotência em dominar o controlo das suas riquezas, tanto no interior como no estrangeiro. Todavia, alguns não correrão o risco, nos Estados Unidos, de serem tentados a utilizar esta nova «descoberta» — os limites do crescimento — para consolidar a hegemonia económica dos países mais avançados, à semelhança daquilo que foi feito no domínio atómico com o tratado de não proliferação? Tem-se repetido muitas vezes que «não se para o progresso»: para chegar a isso era preciso que os Estados Unidos tivessem sérias razões para o fazer.

1945-1972

GRANDEZA... E DECADÊNCIA?

Há mais de vinte e cinco anos que vivemos à sombra dos Estados Unidos, e ela tornou-se-nos tão familiar que, como o moleiro que deixa de ouvir o ruído do seu moínho, nós acabamos por deixar de a ver. E, no entanto, em termos de poder, estamos protegidos pelo «guarda-chuva atómico» americano contra adversários felizmente cada vez mais improváveis. Em termos de riqueza, temos beneficiado unilateralmente do «empréstimo-arrendamento», depois de uma ajuda ocasional, depois de um auxílio provisório», do «Plano Marshall», do «auxílio militar».



O Pentágono, símbolo da hegemonia militar americana

Por JEAN-BAPTISTE DUROSELLE

Para o prestígio, que deriva do poder, mas que, por seu turno, o reforça, é suficiente recordar que, apesar das quezílias e dos **«America go home»**, os Estados Unidos vêm largamente à cabeça, precedendo a Suíça, em todas as sondagens em que se pergunta aos franceses qual o país estrangeiro seu favorito. Aliás, nós temo-nos americanizado. Os nossos filhos, e até nós, bebemos todos a simbólica Coca-Cola. Ao contacto com os Estados Unidos, os nossos restaurantes não melhoraram, mas o **«plumbing»** dos nossos hotéis moderniza-se finalmente. A comodidade fez-nos adoptar os supermercados, os centros comerciais, e o snobismo, os pretendidos **«drugstores»**, que eliminaram os **«tea rooms»** dos snobs de antigamente.

A nossa pseudo-revolução universitária de Maio de 1968, cujo esquerdismo fora a característica, levou a uma reforma consistente a copiar — a bem dizer de uma forma muito pálida — o sistema universitário americano, pois nem a «autonomia», nem os «campus», nem às «unidades de valor» (os créditos), nem os U.E.R. (os «departamentos»), não nos vêm de Moscovo, de Pequim ou de Cuba.

Depois da guerra de **1870**, houve, segundo a expressão de Claude Digeon, uma «crise alemã do pensamento francês». Há vinte e cinco anos que estamos em plena «crise americana». Os nossos sábios, cientistas e até homens de letras, todos fazem as suas peregrinações além-Atlântico. O **«management»** mais moderno do mundo ali atrai os homens de negócios, e a super-élite intelectual dos nossos tempos sonha com as **«business schools»** que, no que diz respeito a prestígio, ultrapassaram em muito a Escola Normal Superior.

Todavia, sentimos bem que ao apogeu triunfal dos anos 50 sucedeu uma espécie de declínio, que espíritos mais informados ou movidos pelos seus preconceitos comparam a uma catástrofe. Dizemos apenas que os americanos, depois de terem subido tão alto, perderam alguns dos seus quase monopólios. É preciso tentar resgatar em breves palavras as causas da grandeza e as causas da decadência. E porque é preciso adoptar, à maneira americana, um **«turning-point»**, escolheremos **1958**, o ano em que, pela primeira vez de uma longa série, as reservas de ouro dos Estados Unidos começaram a baixar.

NO ZÉNITE DO PODERIO

Tocqueville, Michel Chevalier desde 1835, e até Napoleão em Santa Helena, tinham previsto que um dia o mundo seria dominado pelos Estados Unidos e pela Rússia. A combinação do espaço, das reservas, de um povo resoluto, é o facto do poderio. Uma grande potência é aquela que assegura a sua segurança pelos seus próprios meios contra todo e qualquer adversário tomado separadamente. Por volta de 1930, contavam-se sete. Duas dentre elas, a França e a Itália, já não eram verdadeiras grandes potências — os acontecimentos assim o vieram a provar. A Alemanha e o Japão eram grandes potências, mas foram esmagadas por coligações. O Reino Unido assegurou a sua segurança fundamental durante a Segunda Guerra Mundial e demonstrou, assim, o seu poderio. Mas, ao fazê-lo, desgastou-o. O império desmoronou-se, e os britânicos tiveram, não sem desgosto, que tomar consciência do facto de serem, a partir daí, um dos pesos médios do mundo. Sete menos cinco são dois, e aí se chegou em 1945, num mundo que se tornou «bipolar».

No entanto, os americanos, já os primeiros em 1914 no plano económico, tinham, em matéria de poderio, um ideal à Suíça. À intervenção, preferiam o isolamento pacato da «fortaleza americana». A sua capacidade para criar um exército gigante não fora demonstrada claramente em 1917-1918, pois a guerra havia terminado demasiado cedo aos olhos do seu chefe, o general Pershing. Tivesse ela durado até à Primavera de 1919 e ter-se-ia compreendido, pois os americanos teriam tomado a seu cargo mais de metade da frente ocidental.

Foi preciso o ataque a Pearl-Harbor e a ameaça nazista para que a demonstração fosse feita. O enorme potencial económico do país, intacto apesar da crise, teve quatro anos para se transformar numa formidável potência militar. Depois, ávido de um «regresso à normalidade», os americanos desmobilizaram dez milhões de homens. Mas o seu esforço havia conduzido à bomba atómica, que detiveram, só eles, até 1949. A segurança estava assegurada. O orçamento militar desceu, no fim dos anos 40, a 13 biliões de dólares por ano. Foi preciso que à guerra fria se sobrepusesse a guerra da Coreia em 1950 para que ele voltasse a subir para os 40 biliões e, depois, após um ligeiro recuo na época de Eisenhower, para que continue a progredir até às proximidades dos 80 biliões, que é o montante actual.

Para se tornarem militarmente todo-poderosos, para conservar, perante os progressos do adversário potencial, todo o seu poder de dissuasão, e, por consequência, a certeza da segurança, os americanos não agiram como os russos. Partindo de um nível elevado, tendo mais do que duplicado o seu produto nacional bruto durante a guerra, estavam em condições de conduzir a frente e o desenvolvimento do mais alto nível de vida material jamais conhecido e a manutenção, se não do monopólio, pelo menos da igualdade no «equilíbrio do terror». Os cidadãos, esses tinham, graças às transferências das fábricas, desenvolvido enormemente a sua produção de armamentos durante a guerra (a partir de 1943, ultrapassaram de longe a dos alemães) à custa de todas as outras. Munidos de um sistema ditatorial eficaz, desmobilizaram relativamente pouco, e continuaram, durante o tempo de paz, os sacrifícios materiais do tempo de guerra. O seu poderio foi o produto de uma economia forçada, enquanto que nos Estados Unidos ele vem como um acessório da opulência.

Foi assim, que, em 1945, e

Continua na pág seguinte

1945/1972

Continuação da pág. anterior

até ao fim dos anos 50, tudo, no mundo ocidental, foi dominado pelo **«dólar gap»**. Das sete potências antigas, seis delas haviam sofrido terrìvelmente com a guerra. Só uma não tinha sido atingida e havia até aproveitado enormemente com o conflito que, bem mais do que o **New Deal**, pusera fim à crise: os Estados Unidos. Os outros países industriais deviam ou apertar o cinto a trabalhar com encarniçamento __ foi esta a opção soviética __ ou pedir aos Estados Unidos, durante anos, a alimentação que lhes permitisse sobreviver e as máquinas-ferramentas para se reequiparem. Incapazes de exportar suficientemente, não podiam conseguir os dólares necessários para as suas importações. Economistas distintos viram mesmo, então, neste **«dollar gap»**, um fenómeno estrutural, e explicaram gravemente que ele sempre existiria.

De qualquer maneira, os Estados Unidos descobriram bastante ràpidamente que, por motivos políticos __ evitar ver a Europa Ocidental ou o Japão inclinarem-se para o outro campo __ e por motivos económicos __ sem clientes estrangeiros não podiam assegurar emprego para todos __, era-lhes preciso dar dólares àqueles que tinham falta deles. O sistema era conhecido: o «empréstimo-arrendamento» havia partido desta ideia de Roosevelt: **«É preciso deixar de ter a superstição do dólar.»** Após três anos de ajuda frequentada e irregular, os americanos decidiram planificar essa ajuda, e o general Marshall, secretário de Estado, propôs o seu famoso plano de 5 de Junho de 1947.

Assim se instaurou, paralelamente à diplomacia tradicional, que é simétrica porque os Estados são considerados como iguais, uma diplomacia dissimétrica, em que o dador, tão generoso ele próprio se considera, não pode evitar-se de exercer constantes pressões sobre o recebedor. A URSS preferiu o racionamento ao Plano Marshall, porque o seu regime permitia impô-lo. Os países ocidentais não tinham outra alternativa senão aceitá-lo. Ou, então, tornar-se-iam comunistas, seriam obrigados, da mesma maneira, a manter o racionamento e sacrificariam o presente ao paraíso futuro.

O **«dollar gap»** e o Plano Marshall, que o combatia, e todas as sequelas, foram muito mais importantes, na história do mundo, do que as alianças. Os Estados Unidos conseguiram quarenta e três aliados __ se se contar com a América Latina. Mas não conseguiram utilizar concretamente estas alianças. Contràriamente, por causa da sua ajuda, exerceram uma formidável influência sobre a diplomacia ocidental, tendo sempre à sua disposição a ameaça do **«agonizing reappraisal»**, da «revisão aflitiva». A título de exemplo, façamo-nos uma simples pergunta: sem o **«dollar gap»**, que ajudou a resolver, a guerra francesa da Indochina teria durado até Julho de 1954?

É inútil insistir sobre o prestígio que o auxílio valeu aos Estados Unidos. Os europeus arremessaram-se para o país da fonte inesgotável. Foi uma altura em que, para criar algo de novo na Universidade Francesa, era preciso assegurar os favores da Fundação Ford. E foi também do prestígio que nasceu o surdo rancor relativamente ao poderoso. O antiamericanismo não foi apenas o resultado de uma propaganda comunista pró-soviética, nem apenas aquilo que inspirava aos colonialistas o anticolonialismo emocional da primeira colónia a ser emancipada. O antiamericanismo foi, também, em grande medida, a reacção de Perrichon, surdamente hostil ao homem que o havia tirado da aflição.

No entanto, o sistema não era eterno. Os aliados, às vezes, rebelavam-se tìmidamente contra o sistema. Mas as suas rebeliões, como a do fecho do Canal de Suez em 1956, demonstravam, sobretudo, a sua impotência. O declínio, muito relativo, produziu-se no momento em que o dólar deixou de existir. Os países industriais, diferentemente dos subdesenvolvidos, estavam aptos a aproveitar da ajuda. Trabalharam imenso desde que a bomba foi posta novamente a funcionar. O **«business»** americano observou com interesse um renascimento que se vincava por um crescimento económico anual sensìvelmente mais rápido do que nos Estados Unidos. Desde logo surgiu a ideia de que as circunstâncias eram boas para investir os excedentes de dólares nos países que se mostravam cada vez mais prósperos. Os países europeus, a França tal como os outros, rivalizavam procurando ver quem tinha mais investimentos americanos no seu território.

Como tudo isto se combinava com um forte auxílio externo, doravante destinado aos países subdesenvolvidos que quisessem arrancar-se às delícias da neutralidade, o desequilíbrio da balança de pagamentos americana, deficitária a partir de 1945, apesar de uma balança comercial sempre excedentária, torna-se bastante bruscamente anormal. Em 1958, os défices sempre excedentária, torna-se bastante bruscamente anormal. Em 1958, os défices dùrante tanto tempo desprezados (menos de 2 biliões de dólares por ano), elevaram-se a um défice duplo, triplo. Foi preciso levantar ouro sobre as reservas.

Durante todos os anos 60, as nuvens não deixaram de se acumular, tanto mais que, ao Mercado Comum, vinha juntar-se, a passos largos, um rival ainda mais inquietante: o Japão. E actualmente, apesar de um produto nacional bruto que se aproxima dos 1000 biliões de dólares, os Estados Unidos, de dador livre e soberano, transformaram-se em inquieto pedinchão. Não se trata, por certo, de auxílio em sentido inverso, mas de um esforço (do qual o «Trade Expansion Act» de Outubro de 1962, e o «Kennedy Round» que se lhe seguiu, foram os percursores) a fim de obter da Europa vantagens comerciais.

E o pior chegou quando foi preciso absolutamente desvalorizar o dólar e, suspendendo a possibilidade de o trocar por ouro, abandonar a posição confortável, recentemente descrita por De Gaulle, de um país cuja moeda é um «padrão de troca ouro».

Tudo isto foi acentuado por dois outros tipos de desilusões. No plano estratégico, o «Sputnik de Outubro de 1957 e os mísseis intercontinentais soviéticos não tiveram efeitos graves: o mito do **«missile gap»** gerou um imenso esforço, e são os americanos, e não os russos, que descem na Lua. Mas, nos anos 60, animados por uma concepção cada vez mais caduca de um «mundo livre» em que queriam englobar os povos famintos, os americanos comprometeram-se na guerra do Vietname. Aí perderam homens, dinheiro e, sobretudo, prestígio. Desenvolveram, conduzindo a reflexão dos seus aliados sobre a independência. Esta encontrava entretão, no general De Gaulle, um porta-voz escutado em todo o mundo. O general pôde, assim, alcançar vitórias diplomáticas, a bem dizer negativas, impedindo a realização de diversos «grandes esboços» americanos.

Mas, sobretudo, os americanos perderam a confiança em si próprios. O seu espírito missionário, a sua doce e pacata crença na sua superioridade moral, no seu «neo-isolacionismo» (que consiste, segundo Hans Morgenthau, em se ocupar dos outros sem lhes perguntar a sua opinião), tudo isto foi abalado. Reconheçamos que os seus amigos, entre os quais nos contamos, se regozigem com isso, pois o tom predicante provoca irritação. Porém, tudo isto se resume numa palavra: perante os erros estratégicos, na reviravolta da balança económica, muitos americanos foram assaltados pela dúvida.

Não acredito numa decadência americana. Não a desejo tão pouco. As forças deste país são imensas, e o seu ideal de liberdade é muito bom, e tão bom que perde actualmente o seu carácter simplista e se enriquece de experiências realistas. Porém, toda a análise do sistema mundial, que, de bipolar se transformou em tripolar, implica uma reflexão sobre a diferença entre os anos 50 dominados pelos Estados Unidos e a época actual, em que a discussão se trava. Os Estados Unidos, em vez de se curvarem sobre si mesmo, participam na discussão. É o essencial.

FEIRA DO LIVRO

SONARTE

HOJE LIVRO DO DIA

C L B CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO LDA.

Pavilhão n.º 57 Preço: 40$00
A HISTÓRIA DO POVO INGLÊS*
A. L. Morton

Pavilhão n.º 58 Preço: 35$00
FILOSOFIA DA ARTE
António Banfi

Pavilhão n.º 59 Preço: 25$00
A EXILADA
Pearl S. Buck

*NO PORTO PAVILHÃO Nº 16

ROAMER

ROAMER fabrica relógios para desportos e para os grandes momentos sociais.

Ref. 473.1230.007
Automático calendário
100% a prova de água
em aço inox ou plaqué

Ref 482 1120 609
Rockshell Mark I
Automático dia e data
em aço inox ou plaqué

Ref. 468.8210 081
Ladytop
em aço inox ou plaqué

Ref. 916.5120.400
Rockshell Mark III
Electrónico calendário
em aço inox

ROAMER OF SWITZERLAND

ROAMER WORLD ORGANIZATION

ROAMER WATCH CO. SA Solothurn/Switzerland

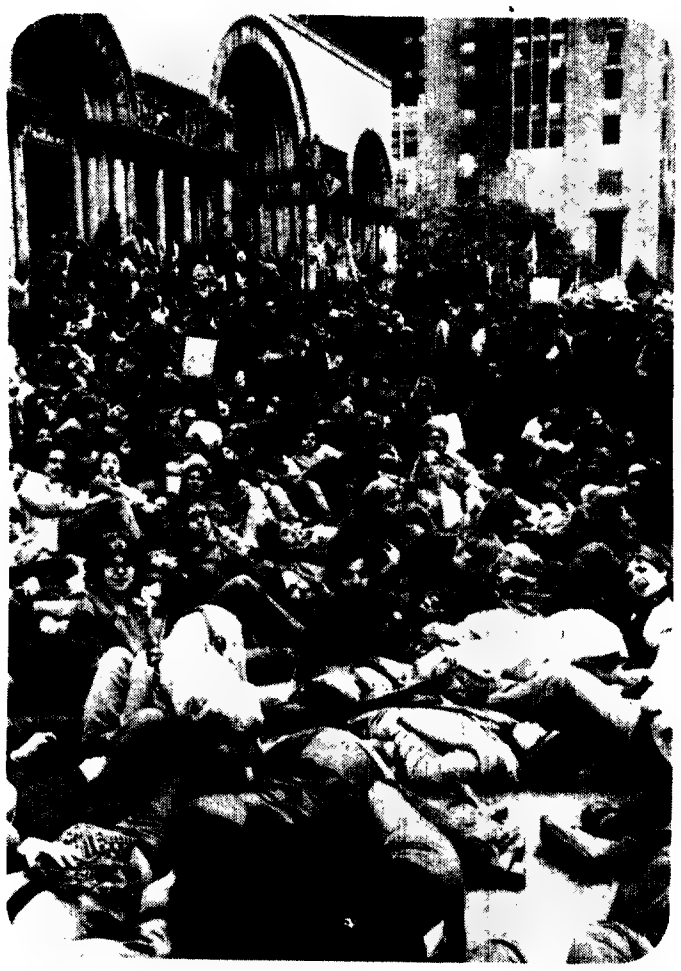
O "MODELO"

UMA NEGAÇÃO DO INTERIOR

O Departamento da Justiça

. A «crise americana» prende há já vários anos a atenção de todo o mundo. «Ghettos» em chamas, crimas, drogas, poluição. Aos olhos do estrangeiro, o «modelo americano» perdeu, decididamente o seu atractivo. Os próprios americanos, e sobretudo eles talvez, olham doravante a sua sociedade com olhos críticos. O desencantamento parece geral: em 1971, um americano em cada oito — ou sejam dezasseis milhões de adultos, 12 por cento da população (duas vezes mais do que em 1959) — exprime o seu desejo de emigrar para o estrangeiro. (Sondagem Gallup, *International Herald Tribune,* 22 de Março de 1971. Entre os jovens que passaram pelas universidades, a proporção dos candidatos à emigração ainda é mais elevada: três em cada dez, dos dezoito aos vinte e nove anos declaram estar prontos a deixar a América. A título de comparação, quatro ingleses em cada dez exprimem igualmente o desejo de deixar o seu país.) Outras sondagens confirmam este sentimento de mal-estar: 64 por cento dos americanos — cerca de dois terços — julgam que o seu país vai à deriva; 47 por cento inquietam-se com uma evolução interna que lhes parece ameaçar a unidade nacional e a estabilidade política dos Estados Unidos, e declaram acreditar em «uma verdadeira crise» (Inquérito Gallup «Hopes and Fears of the American People», *New York Times,* 27 de Junho de 1971). As suas crenças são mais fundadas do que as de certos observadores estrangeiros que traçam da América um quadro apocalíptico? O «modelo americano» pertence, doravante, às relíquias do passado?

. Nos anos 50, a América — e, no seu conjunto, o «mundo livre» — apreende-se ainda como uma sociedade modelo. Nesse aspecto, não faz senão seguir uma longa tradição que o Dr. Grayson Kirk, então presidente da Columbia, devia resumir assim na Primavera de 1965: *«Como estávamos ao abrigo de toda a ameaça exterior e nos encontrávamos fiados na rapidez com que havíamos conseguido domar as forças da Natureza que nos* **rodeavam, podíamos dar-nos ao** *luxo de sonhos românticos quanto ao nosso futuro. O nosso sistema político, evidentemente o melhor que o Homem jamais inventara, estava destinado a espalhar-se por todo o mundo, a arrancar os monarcas dos seus tronos e os tiranos dos lugares em que exerciam o seu poder arbitrário. O nosso sistema económico de livre empreendimento trar-nos-ia a abundância, e a abundância trar-nos-ia a felicidade e o ócio que nos permitiria cultivar as artes refinadas de uma sociedade civilizada. Era nosso, através dos nossos preceitos e do nosso exemplo conduzir o mundo para uma nova idade de ouro. E se os preceitos e o exemplo não fossem suficientes, alguns dentre de nós não hesitariam em ir até ao ponto de considerar o uso da força para arrastar o Universo a seguir-nos no mundo da utopia.»*



O protesto contra a guerra

A utopia dominante na época da guerra fria è a de uma sociedade sem classes, reconciliada consigo própria, em que os conflitos ideológicos estão em vias de apaziguamento e em que o problema negro, até esse, parece estar a caminho de uma solução. O Supremo Tribunal não declarou, em 1954, a segregação inconstitucional? Além disso, o nível de vida dos negros melhora pouco a pouco. (Em 1935 representa 40 por cento do nível de vida dos brancos; nos anos 50 atinge 55 por cento). Com Daniel Bell, a maior parte dos sociólogos proclama o «fim das ideologias»; um outro sociólogo, Seymour Lipset, afirma ainda em 1964 que a organização social dos Estados Unidos representa, para a Europa, uma imagem do futuro, na medida em que os conflitos ideológicos estão aí em vias de atenuação é, eventualmente de desaparecimento (Seymour Lipset «The Changing Class Structure and Contemporany European Politics», em S. R. Grabaud (ed.) **A. New Europe, 1964.)**

Ora, é precisamente o contrário o que vai acontecer nos anos 60. Enquanto os «ghettos» explodem e as grandes cidadesamericanassãosacudidas por graves motins, uma fracção da comunidade negra rejeita então uma integração à qual não só não acredita, como ainda recusa fornalmente: com efeito, a integração obriga os negros a conformar-se com o modelo dominante, o dos WASPS (*White Anglo Saxon Protestants)* e com a cultura anglo-saxónica. A emigração dos negros do Sul após a Segunda Guerra Mundial, juntamente ao facto da população negra ser, desde então, uma população 70 por cento urbana, complica o problema da integração e agrava as dificuldades das grandes cidades americanas. (Com a emigração dos habitantes abastados para os arredores, só ficam a morar nas grandes cidades os «pobres brancos» e as minorias desfavorecidas, que pagam poucos impostos. Desprovidas de recursos, as cidades têm a maior dificuldade em manter serviços públicos adequados.) Trabalhadores americanos de origem polaca ou italiana, étnicos ou «golas azuis», insurgem-se contra as medidas tomadas pelo governo federal a favor dos negros, medidas das quais se consideram as primeiras vítimas; são eles, em especial, que votam hoje por George Wallace ou que se opõem ao *«busing»*. A América, afirma o relatório de uma comissão federal de inquérito, está á beira de se dividir em duas sociedades separadas: uma sociedade branca e próspera, uma sociedade nagre e relativamente miserável. (Após o passo em frente dos anos 40, o nível de vida dos negros relativamente ao dos brancos, tende a estabilizar-se.)

Por MANUELA SEMIDEI

Insegurança geral

Favorecida relativamente à sociedade negra, a sociedade branca não é, de modo nenhum, uma sociedade sem classes, gosando de um grau elevado de mobilidade social. Sem dúvida que os jovens americanos entraram em massa no ensino superior. Mas esta «revolução» no ensino não teve por consequência uma mobilidade social aumentada: a distribuição dos rendimentos nos Estados Unidos não mudou fundamentalmente desde 1945. Se o *«melting pot»* não funciona — mas teria ele alguma vez funcionado verdadeiramente? (A ascensão dos diversos grupos étnicos na sociedade americana tem sido geralmente colectiva. Tem sido deste modo que grupos como os irlandeses, os italianos, etc., se têm integrado na sociedade.) — e se a mobilidade social é, em grande medida, um mito, o «sonho americano» está privado de uma parte do seu atractivo. Além disso, está hoje directamente ameaçado, nas grandes cidades americanas, por dois fenómenos estreitamente ligados: a amplitude tomada pelo flagelo da droga (os Estados Unidos contariam hoje com trezentos mil intoxicados, pelo menos) e pelo crescimento extremamente rápido da taxa de criminalidade, que, no espaço de trita meses (de Janeiro de 1969 a Junho de 1971), teria aumentado 34 por cento. A América de 1972 já não se apresenta como esse porto de abrigo que representava ainda durante muitos dos anos 50. Cada um por sua vez, a polícia ca, a justiça e o sistema penal a justiça são acusados de contribuir para uma insegurança geral.

O dinamismo económico americano é tal, que permite sem dúvida levar às dificuldades das grandes cidades americanas um princípio de solução (destinando à sua «reconstrução» recursos suficientes), dado que exista verdadeiramente a vontade política para se haver com estas dificuldades. Ora, pode-se pôr a pergunta: esta vontade existe, ou, mais exactamente talvez, o sistema político americano, tal como funciona actualmente, permitirá as necessárias reformas? Os defeitos do sistema, as franquezas do poder político perante o poder económico, aparecem hoje claramente, onde se pode constatar todos os dias os inconvenientes de um crescimento económico incontrolado: poluição, destruição do meio ambiente, produção defeituosa, etc. A concentração do poder económico nas mãos de algumas grandes empresas parece tão nocivo no plano político e social como no plano económico, em que

Continua na pág. seis

CRONÓGRAFO
ANTICHOC
RESISTENTE
100% IMPERMEÁVEL

EXIJA A MARCA **CAUNY** GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

cAUNy
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

A MOEDA

O CRESCIMENTO ECONÓMICO EM QUESTÃO

Por CHRISTIAN GOUX

A desvalorização do dólar, impossível e até impensável, diziam há menos de um ano ou quase todos os peritos, cegos pelas considerações puramente técnicas ou financeiras, acabou por verificar-se. Este episódio considerável na vida da que foi e continua a ser ainda a principal moeda do mundo ocidental, testemunha a gravidade excepcional da crise. No entanto, as principais ressacas passadas, a gente habitua-se a viver num mundo sem sistema monetário internacional, levado pela velocidade adquirida. E daí a acreditar que tudo se vai arranjanjar, não vai senão um passo dado alegremente por aqueles que pensam que finalmente se tratava apenas de um acidente técnico, que os Estados Unidos continuam a ser a primeira potência mundial, do mundo dito «livre», e que tudo vai entrar na ordem desde que se dê remédio aos dois geradores da crise: o «deficit» da balança americana dos pagamentos e a inflação. E desde que se peça, aliás com justa razão, aos americanos que se preocupem sèriamente com o restabelecimento do equilíbrio da sua balança e com a luta contra a alta de preços por meio de uma política orçamental e monetária apropriada.

Efectivamente, as causas aparentes da crise situam-se bem aí, e é preciso olharmos em primeiro lugar de que é que se trata exactamente. Porém, parar nesta situação seria não ir ao fundo das coisas, ao essencial, pois a verdadeira causa da queda do dólar é o declínio relativo dos Estados Unidos.

O DÉFICIT DA BALANÇA DOS PAGAMENTOS

Se considerarem as relações dos Estados Unidos com o exterior a partir de 1960, constata-se que o «deficit» da sua balança não deixou de aumentar, até atingir um vértice catastrófico durante o último ano. Quais são as razões desta situação? Para as compreender é preciso considerar a balança de pagamentos nos seus três principais elementos: o das mercadorias — a balança comercial —, o dos serviços num sentido lato e, finalmente, o dos capitais. A soma destes três elementos dá o saldo global.

No que diz respeito à balança da mercadoria, os americanos tinham a esperança de que o seu poderio comercial permitiria uma forte corrente de exportação, compensando e ultrapassando o fluxo das suas próprias importações. O seu poderio industrial, a qualidade dos seus produtos, o seu dinamismo eram garantias desta vontade. Infelizmente, contràriamente ás opiniões correntemente recebidas, a competitividade dos produtos americanos no estrangeiro diminui há dez anos a esta parte, fazendo-lhes concorrência os de outros países da Europa Ocidental, como a Alemanha, e o Japão. De mais, a criação do Mercado Comum, sobretudo para produtos agrícolas, travou a expansão forçada que os americanos haviam previsto. Os acontecimentos de Bruxelas destes últimos meses mostraram bastante largamente que os Estados Unidos têm, também eles, um problema agrícola. Inútil é acrescentar que a inflação interna que causa estragos desde 1967 nada consiguiu. Também, todas estas razões contribuiram, pela primeira vez na sua história, para que a balança americana das mercadorias fosse negativa em 1971, e continue a sê-lo, muito provàvelmente, em 1972. De um excedente de 6,6 biliões de dólares em 1964 passou-se para um défice de 2,9 biliões de dólares em 1971.

Quanto à balança dos serviços, diz-se que o seu principal motor, com o qual os amaericanos contam largamente, é o rendimento dos investimentos no estrangeiro, incluindo privilégios e patentes. Efectivamente, esta linha da balança desenvolveu-se de maneira exponencial e atingiu, em 1971, o montante formidável de 13 biliões de dólares.

Mas a guerra do Vietname por um lado e os juros que tiveram de ser pagos sobre os euro-dólares e outros certificados, por outro lado, reduziram esta posição a um montante ainda confortável de 7 biliões de dólares. Também, com o movimento dos outros serviços, a balança dos pagamentos correntes americanos enfraqueceu certamente, mas ela era ainda positiva ou estava apenas ligeiramente desequilibrada em 1968, 1969, 1970 e não acusava em 1971 senão um défice de 2 biliões de dólares sem nenhuma relação com o défice global dos liquidados líquidos que se elevava a 22 biliões. Porquê?

Aqui, é todo o mecanismo do imperialismo americano que é preciso denunciar. Até mesmo os meios moderados europeus se tornam conscientes disso. A estratégia americana é, com efeito, a seguinte: investir no estrangeiro é uma operação altamente rentável que permite, aliás, lutar contra a baixa fatal das percentagens de lucro no interior dos Estados Unidos.

Estes investimentos são, por outro lado, fontes de rendimentos que reequilibram e ultrapassam a prazo a balança americana. Portanto, aconteça o que acontecer, é preciso investir no estrangeiro. Se a balança de pagamentos americana o permitir, tanto melhor: os americanos fá-lo-ão sem défice. De contrário, tanto pior. Foi por esta razão essencial que, apesar dos movimentos variados dos anos de 1950 a 1971, a posição dos investimentos americanos no estrangeiro se desenvolveu fatalmente no auge da crise, no momento em que se teria podido imaginar que, para lutar contra o défice global, as saídas de capitais americanos para o estrangeiro deveriam ter curvado. E isto é de tal forma verdadeiro que mesmo ainda no momento actual os americanos fazem cara de quem se ri do défice da sua balança. Isto é possível enquanto os bancos centrais europeus e japoneses o aceitarem. E esta situação durará ainda muito tempo se as relações de força entre os blocos não se modificarem profundamente, obrigando os Estados Unidos a uma pungente revisão da sua política.

UMA INFLAÇÃO PERSISTENTE

Porém, a par deste aspecto exterior, a inflação que se desencadeou nos Estados Unidos à partir de 1966, e que ainda continua, minou consideràvelmente o valor do dólar. Na base 100 em 1963, o índice do custo de vida atingia 106 em 1966, 109 em 1967, 114 em 1968, e estava em Fevereiro de 1972 nas proximidades de 135 As razões desta alta são múltiplas: despesas militares consideráveis desde 1865, em seguida à intervenção no Vietname numa vasta escala, política de laxismo monetário após a experiência sem êxito do governo Nixon de Novembro de 1968 a Fevereiro de 1970, aumento dos salários, restabelecimentos dos lucros, que haviam atingido um nível extremamente baixo em fins de 1970 e princípios de 1971, pois foi preciso abandonar aqui as ideias atingidas bem arreigadas num certo número de espíritos sobre a atitude dos sindicatos e, mais geralmente, do mundo do trabalho nos Estados Unidos.

Com razão ou sem ela, pensava-se que o alto nível de vida, os fortes aumentos dos salários neste país eram devidos a uma muito forte produtividade e a um «*gentleman's agreement*» entre sindicatos e patrões para não desequilibrar a máquina económica e beneficiar o mais possível do crescimento em função dos interesses respectivos de cada um. Certamente, isto foi possível talvez numa época em que, efectivamente, a economia americana atravessava um período de prosperidade sem precedente. E pode-se dizer que foi este o caso até 1965-1966 aproximadamente. Mas, a partir de meados da década de 60, os ganhos de produtividade nos Estados Unidos diminuiram fortemente. Este aumento extremamente fraco deveria normalmente traduzir-se por um abrandamento de altas de salários nominais obtios sindicatos trabalhadores fizeram ouvidos de mercador. Quiseram conservar o ritmo de crescimento dos períodos precedentes, e tanto mais que, nos outros países as altas de salários continuavam igualmente fortes. Também isso devia acontecer-lhes. No quadro da economia capitalista, não é possível dar aos assalariados mais do que o aumento da produtividade; também as fortes altas de salários nominais obtidas aquando das negociações foram aplainadas de tal maneira que, em definitivo, o poder de compra não aumentou, de 1963 a 1970, senão 8 por cento, valor que corresponde, *grosso modo*, ao da alta produtividade. Não é de espantar, portanto, que o dólar, ameaçado simultâneamente no plano externo e no plano interno se tenha desmoronado em 15 de Agosto de 1971. Mas o grande movimento que acabamos de constatar tem, também, razões mais profundas.

Da América toda-poderosa dos anos 50 surgiram — ou, melhor, ressurgiram — velhos fantasmas esquecidos nos escombros do após-guerra: a Europa por um lado, a Asia Ocidental por outro. É uma das velhas leis da História que quer que, ao fim e ao cabo, sejam os vencidos a dominar os vencedores. Que retumbante demonstração quando se examina a expansão da Alemanha e do Japão! O quadro que damos a seguir esboça a nossa perspectiva. A década de 60 faz aparecer três blocos que serão de importância equivalente em 1980. Certamente, a Asia «ocidental» será menos grande, pois é menos importante em população do que os outros dois, mas pode agregar um ou dois países para atingir o porte dos 200 a 300 milhões de homens que parece ser a unidade mínima demo-económica de manhã.

Porque no mundo ocidental desenvolvido, parece que as potências vão finalmente tender para se tornarem proporcionais às massas de população. A projecção 1980 que demos não tem a pretenção de ser exacta; pretende apenas situar as ordens de grandeza para permitir efectuar as comparações. É mais um instrumento de reflexão do que de cálculo. É uma pré-visão no sentido lato do termo.

OS GRANDES BLOCOS ECONÓMICOS EM 1980

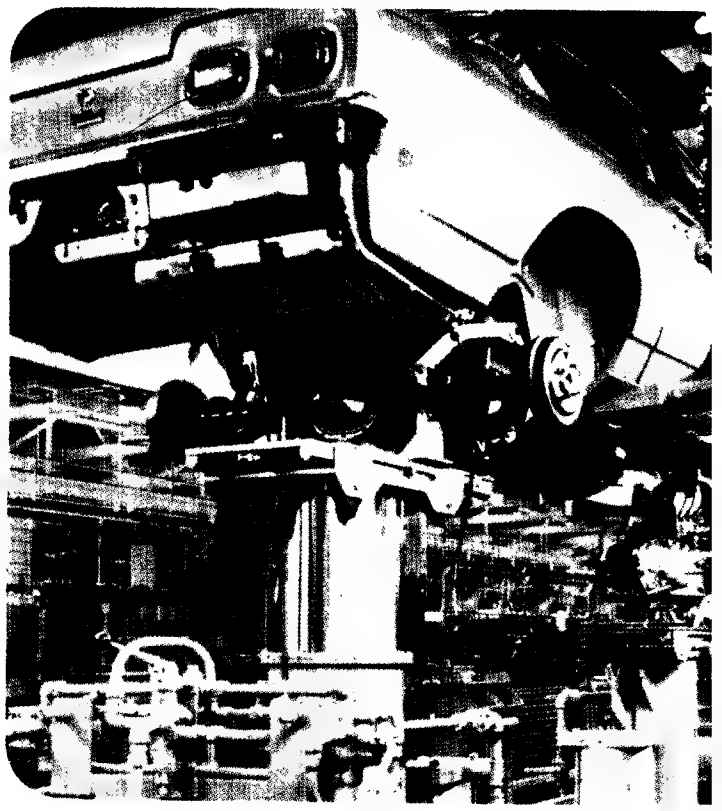
	POPULAÇÃO (milhões de habitantes)				P.N.B. (milhões de dólares)			
	1950	1960	1970	1980	1950	1960	1970	1980
AMÉRICA DO NORTE	166	195	226	260	304	548	1060	2100
Estados Unidos	152	177	205		288	511	975	
Canadá	14	18	21		16	37	85	
EUROPA OCIDENTAL	297	335	371	416	152	330	760	1900
Alemanha	48	56	62		23	71	180	
França	42	45	51		29	61	153	
Reino Unido	50	52	56		37	62	120	
ÁSIA «OCIDENTAL»	93	106	119	134	20	62	243	1000
Japão	83	93	104		12	43	205	
Austrália-N. Zelândia	10	13	15		8	19	38	
TOTAL	556	636	716	810	476	940	2063	5000

A parte da América do Norte no mundo ocidental em 1950 era de 70 por cento para o produto nacional bruto e de 36,5 por cento para a população. Vinte anos depois esta parte não vai além de 51 por cento para a riqueza e, dentro de dez anos, não passará de 42 por cento. Haverá então verdadeiramente lugar para dois outros blocos, quando, no momento actual, seria preciso que o resto do mundo ocidental se unisse completamente para contrabalançar os americanos. Na verdade, pode-se recusar ver a realidade do declínio americano e, especialmente, perguntar-se se os investimentos dos Estados Unidos no estrangeiro não constituem uma potência «fora de portas» que virá preencher a folga de uma força interior fraquejante. Mas isto seria esquecer que, por um lado, os investimentos americanos, embora muito importantes (160 biliões de dólares), têm sido necessários para evitar um declínio relativo mais acentuado, e que, por outro lado, são postos em dúvida no Vietname, na América Latina e retardados no Japão.

O que realmente parece perigoso para o futuro do mundo ocidental e do mundo em geral, é que os americanos, depois de uma tentativa de dobragem no seu próprio território, se dêem conta de que esta solução não é viável e que, numa segunda face, endureçam a sua posição na Asia, na América Latina e no Médio Oriente para não perderem o que constitui, no momento que passa, uma parte muito importante do lucro das suas empresas. A «Pax Americana» sob constrangimento atómico será então imposta, mas a que preço?

Seria naturalmente interessante completar o quadro geral por estatísticas mais pormenorizadas, dando a produção de bens que foram essenciais na década de 60 para o crescimento e que desempenharão ainda, nos anos futuros, um papel evidente. Porém, como quer que seja, o problema para 1980 já não é o de saber se os Estados Unidos serão ou não os chefes, dado que esta possibilidade está desde já ultrapassada: o declínio relativo dos Estados Unidos lê-se agora claramente em quase todos os domínios.

O FUTURO



O CRESCIMENTO ECON

Qualquer que seja a temeridade do presidente Nixon, ele não poderá tomar à sua conta o grito de alarme lançado pelos apóstolos que pregam o anticrescimento no Massachusetts Institute of Technology. Ainda que decretasse o abrandamento do ritmo da economia americana, os seus decretos ficariam, felizmente, sem efeito. Quanto muito, tomaria a iniciativa de recomendar uma orientação melhor concertada, de reconverter uma actividade ultrapassada, ou de impor uma correcção às vias e meios do seu orçamento.

À falta de uma catástrofe imediata, o mundo industrializado afunda-se desde há pouco na mais nostálgica das perplexidades sobre as finalidades do seu crescimento. Em Boston como em Tóquio, em Oxford como em Paris, bandos de psico-sociólogos faxem figura de patetas. Entregam-se a despertar governantes entorpecidos pelo ronronar dos automatismos, fiados e tranquilizados pelas soberbas subidas das suas curvas de produção. De Galbraith a Sicco Mansholt, de Bertrand de Jouvenel a Fourastié, os pensadores-que-pensam-por-nós começam a exaltar a qualidade da vida. Noção que entendem por bem opor, às vezes sem razão suficiente, ao crescimento quantitavivo que dela é a condição «sine qua non».

Os dissabores da política externa dos Estados Unidos e os desequilíbrios do sistema monetário internacional, as reivindicações dos povos proletários e o acesso da República Popular da China à responsabilidade mundial — assim como as exigências da antipoluição na terra, no mar e no ar — multiplicam os espectros que vêm perturbar a quietude das nações fartas.

Egocentrismo planetário: as infelicidades reais dos povos miseráveis não fazem esquecer os perigos virtuais dos povos opulentos. Tranquilizemo-nos.

Com estupefacção, os nossos contemporâneos descobrem que uma mutação industrial não assegura «ipso facto» a sua felicidade. A sociedade nova, ansiedade nova.

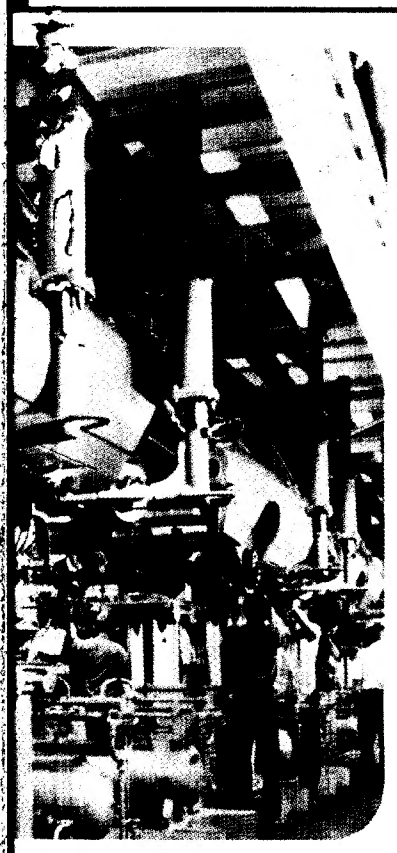
Quem não se recordará deste aumento espontâneo de curvas exponenciais no matagal da sócio-economia durante a década passada? As produções de energia e de máquinas-ferramentas, os «imput» e os «output», as demografias e os enfartos, as blenorragias e as poluições» os livros publicados e até os livros lidos: tudo devia participar de uma mesma curva expotencial. Era demasiado pouco contar com os recursos homeostáticos do Homem e com a substituição permanente de novas matérias e de novos produtos por velhas matérias e velhos produtos: pode-se fazer tudo com o carbono, com o oxigénio, com o hidrogénio. Era ignorar também que o importante jamais é previsível ou previsto. E era desconhecer, finalmente, que a extrapolação continua a ser o método mais matemático de chegar ao erro, dado que ignora por definição as próximas descobertas.

O Homem vive em sociedade inacabada: é a sua sorte; é mesmo a sua razão de ser. A felicidade jamais lhe será distribuida como água, o gás, a electricidade, nem mesmo como o correio, o telefone, as contravenções. Que os humanos se tranquilizem ou se inquietem, segundo o seu temperamento ou os seus rendimentos, a sua filosofia ou a sua falta de filosofia: toda a sociedade permanece eternamente inacabada...

No país capitalista como no país socialista, as industrializações — que afectam formas bastante comparáveis — exercem influências e prejuízos crescentes sobre a sociedade, os indivíduos, o meio ambiente. Todos os dias, as exigências de um economismo triunfante relegam para um plano secundário — ou mais precisamente para o plano seguinte - todo o projecto de interesse social ou cultural.

Era do P. N. B. (produto nacional bruto), era da «Poluição Nacional Bruta». O Homem ganha tanto dinheiro a explorar ou a desnaturar a Natureza! Sem dúvida, perderia em a preservar ou em a reconstruir. Ignora ainda que pode tirar tanto lucro em despoluir como o que realizou ao poluir. E eis por que os mais idosos deixam este planeta, partindo num estado em que os mais novos não desejam nada encontrar à chegada.

Entregue aos acasos da pesquisa e às fantasias dos investigadores, a tecnologia não cessa de agravar os males físicos e psíquicos da Humanidade. Nestas condições, como



A indústria automóvel enfrenta a concorrência estrangeira

NÓMICO EM QUESTÃO

Por GEORGES ELGOZY

não perguntar-se se, à velocidade em que progridem as ciências e as técnicas, não exercem nenhumas nefastas consequências para o Homem? Portanto, não seria oportuno provocar um abrandamento das aplicações cientificas? Não seria razoàvel aplicar uma ...gua na ciência? Formuladas ...or humanistas, tais apreen...ões talham com as nostalgias retrógradas expressas pelos humanitaristas, «hippies», opositores de principio.

Obedecendo aos imperativos de concorrência, de segurança e de propaganda, os Estados Unidos continuam a afectar mil vezes mais dólares às ciências físicas do que à biologia ou do que às ciências humanas.

Sobre a sobrevivência do desanuviamento na sociedade de opulência, tudo está dito e redito, se nada ou quase nada foi feito, com excepção de alguns romances que ilustram as negras existências destes «pobres hereditários» cujas legiões recrutam todos os dias novos involuntários. Circunstância agravante: o crescimento contribui para alargar as diferenças de níveis de vida entre os cidadãos de um mesmo país, e mais gravemente ainda, entre os de um mesmo planeta. Sem cessar, alargou-se o fosso que separa aqueles que não podiam vorazmente consumir mais dos que não podiam consumir menos, sob pena de caquexia. Sem cessar, aprofundou-se o abismo que opõe os que saíram da miséria os que jamais sairão dela.

DO PROGRESSO À REGRESSÃO

Na Europa, os países cuja expansão é a mais forte são aqueles que constroem menos equipamentos colectivos. E que a rapidez do seu crescimento engendra uma tal inflação que os Governos acreditam ser obrigados a renunciar prioritàriamente a muitos investimentos não directamente produtivos. Assim, toda a expansão mal ordenada trava o desenvolvimento destes equipamentos colectivos sem os quais os cidadãos não podem conhecer um minimo de bem-estar.

Como os tempos mudaram! Os tempos e os movimentos... Indóceis, as máquinas e os seus movimentos, já não obedecem aos comandos dos seus operadores, que estão atrasados relativamente ao emprego. Quando os motores arrancam e se embalam, os travões perdem toda a eficácia: o veículo continua a sua corrida. Embraiar em marcha atrás não teria outro efeito do que fazer saltar a caixa das velocidades.

À imagem do Homem — mas em três dimensões apenas — a máquina faz das suas. Revela-se menos maquinal do que se tinha esperado. Carregando no acelerador dos investimentos, eis que, contra toda a expectativa, diminui o número dos empregos! Segundo Levison, metade dos desempregados nos Estados Unidos e mais de dois quintos em França seriam imputáveis a despesas de aumento de capital. Como é evidente, hoje, as grandes firmas não investem senão para suprimir a mão-de-obra, com créditos públicos, ainda por cima. Produtividade obriga. Circunstância agravante: as indústrias de ponta, as únicas em expansão, não criam muitos empregos...

Quanto aos outros «falhados» da nossa máquina social, os sub-instruídos, já não são as vitimas preferenciais das super-industrializações. A Alemanha Federal, a França e a Suiça utilizam os trabalhadores sem qualificação provenientes de Portugal, da Espanha e da Argélia, enquanto aumenta constantemente o desemprego dos «qualificados» e dos quadros superiores. E a «estrada 128» — que ainda recentemente era o orgulho do Massachusetts Institute of Technology — se transforma em encruzilhada em que os engenheiros em busca de emprego formam bicha em cada estação.

Estivesse isto na dose próxima da sua toxidade, pois os tranquilizantes sociais não aplacam já a angústia dos trabalhadores metidos numa camisa de onze varas. Os choques do presente — os electrochoques da informática principalmente — eclipsam toda a especulação prospectiva sobre os choques do futuro. As promoções sociais do género «reciclagem» ou «reclassificação» figuram doravante entre as imagens de Epinal para colegiais cândidos ou entre os folhetins de ficção para trabalhadores simplórios. Desempregados e grevista s empunham mais frequentemente as bandeiras negras ou vermelhas, pois não lêem os contos das bibliotecas cor de rosa, o que não desencoraja nada os nossos magazines de apaixonar as suas leitoras com as aventuras de um tal «cow-boy» desafectado que passa no seu exame de trigonometria, ou de um tal ascensorista de Cincinnati chamado a dirigir a fábrica local de rolamentos de esferas, por ter assíduamente seguido o ciclo dos cursos nocturnos sobre o «top-management».

Como os nossos contemporâneos perdem as suas últimas ilusões! De década em década, as máquinas trabalharão mais, os assalariados cada vez menos. E, umas e outros, cada vez melhor. De facto, não seria exactamente para isto que são concebidas, fabricadas e aperfeiçoadas as máquinas?

Uma vez que as máquinas não deixam de por os seus problemas aos homens, estes não deixam de esperar que elas possam resolver os seus.

Os tecnocratas presunçosos (expressão sem dúvida pleonástica) que acreditariam poder regular a seu bel-prazer o andamento da economia nacional, teriam de optar por uma das quatro posições inscritas no painel de bordo: «Avante, toda». «Velocidade de cruzeiro», «Parar», «À ré».

Perante o rosário de catástrofes que enfileira uma tecnologia incontrolada, os nossos aprendizes pouco espertos seriam seduzidos pelas virtudes de uma politica suavizante, de abrandamento ou de pausa. No entanto, não poderiam aplicá-la sem correr o risco de aumentar as falências e de multiplicar o número dos desempregados. Com um poco de habilidade, eles perpetuariam a «estagflação» presente, que conseguiu fazer coincidir a alta dos preços, o crescimento do desemprego e a estagnação da produção.

Obsecados pelos automatismos e pelos autómatos, atormentados pelo hedonismo do consumo, os nosso contemporâneos andam às voltas na sua hora tecnológica. Pelo menos, rodam no bom sentido. Fazer marcha atrás, seria ir para a frente, se é que se pode dizer, das piores adversidades. Sem a trégua, a ciência.

Antes que o futuro possível dos prospectores se disfarçasse de impossível presente, já o superfluo se tinha tornado necessidade. O progresso social, não seria a satisfação de necessidades de que não se tem necessidade?.

«Hippies» e desempregados são «luxos» cuja manutenção não pode ser assegurada pelas sociedades «selváticamente» industrializadas...

Racionalizar o progresso técnico — estratégia preconizada pelos economistas americanos — só seria concebível à escala do planeta. Em vias de subdesenvolvimento relativo ou absoluto, nem as nações ocidentais nem os povos proletários se entregarão voluntàriamente a esta disciplina de regulação que lhes tiraria toda a esperança de se reunir um dia ao «leader» pós-industrializado. E como admitir, por outro lado, que Richard Nixon queria... retirar-se do jogo, admitindo que o possa fazer? Um campeão do mundo não conserva o seu título sem o pôr em jogo.

O crescimento tem de ser corrigido ou humanizado, mas não bloqueado ou contrariado. Com uma política do «zero growth», o pior tornar-se-á possível. E ùnicamente pelo materialismo que pode ser vencido o materialismo. Internacionalistas natos, muitos jovens se alistariam ao serviço de um mundialismo de rosto humano, cuja eficácia das intervenções implica um poderio económico máximo.

Repudiar, de um dia para o outro, ciências e técnicas seria resignar-se a deixar os prejuízos deteriorar cidades e campos, Natureza e sociedade. Sòmente graças ao crescimento contínuo o Homem pode, em contrapartida, dominar, dirigir, controlar as técnicas. Tem de controlar as novas inovações para delas tirar todas as vantagens possíveis sem sofrer com as suas aplicações mal estudadas.

Como é que o Homem se libertaria das cadências infernais, como se evadiria das penitenciárias da mecanização furiosa, se não afectasse os recursos de que dispõe para automatizar tudo o que é automatizável? Como combater o desemprego e a carestia da vida, assim como as poluições de toda a ordem, sem um crescimento contínuo da economia?

Sem dúvida que, uma pausa tecnológica daria aos responsáveis a recreação necessária para vencer as suas primeiras dificuldades e as suas últimas desilusões: as bocas mais glutonas levam o tempo necessário para digerir antes de engurgitarem novos coelhos. Por muito simplórios que os homens sejam, deveriam observar um certo prazo antes de meterem novas patranhas. Porém, o remédio seria pior do que o mal.

A oposição do Senado americano ao projecto Mohole — cujo objectivo primordial era imitar os soviéticos a cavar buracos na crosta terrestre — constitui um exemplo sem precedentes da recusa de explorar sistemàticamente toda a possibilidade oferecida pela tecnologia. A renúncia aos supersónicos fornece-nos um segundo exemplo.

Para eliminar as cadências infernais como para melhorar a condição do trabalhador, a Humanidade tem necessidade de todos os contributos das novas técnicas.

Em nome de um neobucolismo «à Gandhi», os espíritos fracos preconizam uma política de não crescimento que esgotaria igualmente — ao mesmo tempo que alguns danos — o fluxo dos bens materiais. A persistência de continentes e de ilhotas de miséria requer, portanto, uma distribuição cada vez mais generosa de bens de primeira necessidade. Centenas de milhões de seres humanos dispõem de um rendimento anual inferior a 100 dólares por ano, ou seja metade do subsídio de desemprego mensal do francês!

Uma fila de desempregados

Nos Estados Unidos, caridade bem ordenada começa por si própria para acabar em si própria: esta generosidade nacional começa bem mas muda repentinamente. Uma escalada de filantropia mundial, à medida desta superpotência, elevaria as suas cinquenta estrelas ao zénite da estima planetária. Escalada numa escala dupla — interior e exterior — de que faltaria suprimir os escalões inferiores para reduzir a diferença que separa os que ocupam os píncaros da sociedade dos que criam bolor entre a escumalha.

QUE FAZER?

Tudo é possível graças à tecnologia; nada é possível sem ela. Aliás, a falta capital consistiria em desligar, ou, pior ainda, em travar esta progressão. Ideia que, no entanto, abre caminho: uma ideia muito má, num caminho muito mau.

Na era da invenção, que não se esperaria da investigação e do desenvolvimento, se os recursos que lhe estão afectos servissem para outros fins para além do desenvolvimento da investigação e da investigação do desenvolvimento?

Os dois infinitos do espaço e do átomo escondem ao Homem o infinito da sua condição espiritual. Ao Estado a tarefa de gastar os seus créditos em expedições espaciais e em armas nucleares, a fim de medir menos avaramente os seus socorros aos seres aflitos e à escumalha social, vítimas dos progressos técnicos.

Mais do que investir somas fantásticas na gestão informática das empresas, não seria desejável melhorar mais sensìvelmente a condição dos assalariados no trabalho? (Segundo o **Diebold Group**, tinha sido possível — com os montantes consagrados à gestão informática — reduzir em mais de um terço os horários de trabalho). Seria preferível dispor de aviões duas vezes mais rápidos na carreira Paris-Nova Iorque, ou assegurar transportes menos inconfortáveis aos milhões de cidadãos que, durante uma parte do dia, têm de «rolar» entre o domicílio e o local de trabalho?

A aproximação tecnológica não deveria levar de vencida a aproximação política ou social que privilegia a pessoa.

Mesmo que o seu dólar ficasse inconvertível, o povo americano é convertível, ele, por pouco que disso dependa a sua saúde, ou ùnicamente o seu prestígio. Pertence-lhe hoje intervir na orientação das pesquisas como nos investimentos colectivos, na redução dos horários de trabalho como na melhoria das condições do trabalhador, no auxílio ao Terceiro Mundo como às ilhotas de miséria que são a vergonha dos povos opulentos.

Abrandar a pulsação de uma economia, é provocar uma queda de tensão nacional, é encurralar a população activa a bordo do enfarto. Como esperar reduzir o número dos desempregados, abrandando o crescimento? Como atenuar as desigualdades sociais sem um fluxo contínuo de abundância? «**A conclusão capitalista não consistiu especificamente em proporcionar às rainhas mais meias de seda, mas em pô-las ao alcance das operárias das fábricas, em troca de trabalho em quantidade constantemente decrescente**», declarava Joseph Schumpeter, em «Capitalismo, Socialismo e Democracia». Este sistema capitalista não é perfeito, pelo contrário; mas igualmente maus se revelaram todos os outros!

Mais do que esgotar, os canais e as correntes de consumo devem engrossar resolutamente até banharem com as suas maiores marés cheias os arquipélagos da pobreza.

Uma vez que o automatismo está em marcha e que nada nem ninguém o fará já parar, seria preciso, o mais depressa possível, dissociar as noções de trabalho e de rendimento. Desde já, nas democracias industrializadas, uma parte crescente da população recebe rendimentos sem trabalhar, sob a forma de perequações fiscais, de pensões de reforma, de salários mínimos, de subsídios de desemprego ou de solidariedade. E apenas um começo. O processo está a aperfeiçoar-se incessantemente, enquanto se aperfeiçoam os automatismos. Refinarias de petróleo e fábricas de produtos químicos não eliminaram já o grosso dos seus efectivos? Laboriosa, esta elevação dos laboriosos; laboriosa mas irreversível.

A experiência vale a pena ser tentada. Ela conseguirá os seus objectivos, se os nossos contemporâneos acordarem à inovação social uma fracção — mínima que seja — do interesse que con-

Continua na página seguinte

O FUTURO

Continuação da página anterior

centram sobre a inovação técnica.

PRIORIDADE AO FACTOR HUMANO

Importaria, em primeiro lugar, contrariar esta tendência, dita da eficácia máxima ou do rendimento, que é uma das superstições do nosso tempo: a produtividade **per capita** ou por empresa não se preocupa nada com os «efeitos marginais» ou com os «custos sociais», tais como poluições e danos, doenças e perdas sociais. A eficácia tem de ser reconsiderada em função de um sistema de altas exigências, que terá na mais alta conta o factor humano, a fim de coordenar e controlar a acção dos centros de pesquisas, cada nação deveria criar um organismo encarregado de avaliar os efeitos directos e indirectos tanto de toda a invenção como de toda a inovação. Esta avaliação tecnológica economizaria ao cidadão todo o método ou técnica nova cujas consequências correriam o risco de prejudicar a sua pessoa ou o seu meio ambiente. Objectivos e prioridades devem ser calculadas não apenas em termos de lucro mas em termos de responsabilidade social.

Apesar das loucuras dos povos, cujos destinos divergentes ou opostos parecem sombrios, apocalípticos até, é permitido distinguir alguns clarões no fim do túnel; clarões que não provêm nada de explosões nucleares. O Conselho da Europa e a O.C.D.E., empenham-se em pôr em ordem um código moral da pesquisa científica, enquanto que várias universidades se preocupam em introduzir nos seus programas ensinamentos sobre a responsabilidade dos homens de ciência.

Na Faculdade de Filosofia da Universidade de Filadélfia, os estudantes obtêm, doravante, diplomas com o título de pesquisas para a paz...

E preciso andar depressa. A não considerar que os maus usos e os perigos da industrialização a jacto contínuo, as novas gerações seriam incitadas a avil-tar o progresso técnico. Deste modo, acabariam por preferir o artesanato à série industrial, os «endireitas» aos antibióticos, os horóscopos às estatísticas. E até a violência à democracia.

Na condição de manter um crescimento máximo, nem toda a esperança está perdida de que a nossa civilização elimine pouco a pouco os últimos «resíduos sociais» — inadaptados, desempregados irrecuperáveis ou outros indigentes não patenteados — por outro modo que não seja o seu suicídio. Extremo a que se encontram já encurralados, nas democracias mais «avançadas», aqueles cuja sensibilidade não prejudica nada a lucidez.

Conservar-se-ia utópica a nação cujos recursos não tivessem outra finalidade do que servir o indivíduo? A insatisfação crescente dos cidadãos, paralisados de amargura, deveria levá-los, em breve, a exigir a humanização máxima do seu sistema económico. Para que serve ou a quem serve um progresso técnico, se não dá lugar a um progresso social?

Na sua perseguição progride a produção. Não é preciso absolutamente abrandar-lhe a marcha, sob pena de lhe partir as molas. Sobre as estradas nacionais da economia é não apenas interdito fazer marcha atrás, mas, também, estacionar, sob pena de não poder arrancar depois.

Tudo o que está feito nao tem, por certo, que ser feito no nosso planeta; mas o que não está feito, deve sê-lo. O Homem já não tem nem pretexto nem desculpa para se furtar ao seu destino de Homem. Em nenhum momento da sua história ele dispos, para um fim digno de si próprio, de meios tão consideráveis.

O "MODELO"

Continuação da página três

o «modelo americano» já não se apresenta sem falhas (ineficácia, desperdício, alta exagerada do custo de vida, engano deliberado do consumidor).

A política externa seguida pelos Estados Unidos há já alguns anos constitui, sem dúvida alguma, um dos factores que mais directamente causaram prejuízo à coesão da sociedade americana. Depois de Cuba e São Domingos, a guerra do Vietname suscita na opinião pública divisões profundas, mesmo que tendam a atenuar-se após a retirada da Indochina das tropas americanas. A política de bombardeamentos e os excessos da «pacificação», como o massacre de My-Lay, põem brutalmente em causa a imagem que os americanos fazem de si próprios. Nenhuma sociedade, notava recentemente Anthony Lewis, pode conhecer a paz no interior quando começa a aparecer no exterior como um agente de destruição. Uma fracção crescente da juventude e da **inteligentsia** americana contesta doravante a legitimidade do regime que se entrega a tais actos e conduz uma política externa aos seus olhos contrária aos «credo americano». O *«establishment»*, está ele próprio, doravante, incerto e dividido. A América de hoje, em grande medida, perdeu a confiança em si própria, e, certamente, a sua boa consciência de antigamente. Já em 1965 Grayson Kirk notava a este propósito: *«Descobrimos que a nossa forma de Governo não convém, sob certos aspectos, às nossas necessidades actuais e não é considerada como uma panaceia para os outros países... Descobrimos que o mundo, para além do Ocidente, não é povoado por simples ímpios à espera de ser tocados pelo ouro da nossa graça... Acabámos por nos darmos conta de que o nosso poderio material, embora nenhum Estado na História jamais tenha possuído algo de semelhante, não pode assegurar a nossa segurança interna e não nos permite impôr, automàticamente, a nossa vontade, na sua qualidade de nação, ao estrangeiro. Finalmente, adquirimos a inconfortável certeza de que, se a nossa história é, no seu conjunto, a de um êxito sem precedentes, uma multidão de deformidades e de problemas difíceis subsistem ainda no interior da nossa sociedade, e eles incitam uma grande parte do mundo a fazer, a nosso respeito, um julgamento bastante diferente daquele que desejaríamos vê-lo exprimir»*.

No espírito de um grande número de americanos, vê-se por esta citação que o prestígio externo dos Estados Unidos aparece directamente ligado ao êxito do «modelo americano». Das dificuldades que este modelo encontra hoje, deve concluir-se, sem reservas, que há um declínio do prestígio e da influência dos Estados Unidos no mundo?

É certo que a América de 1972 já não pode considerar a sua missão no mundo como podia ainda fazê-lo há uma dezena de anos. O despertar da oposição interna, a dissidência moral de uma parte da juventude e da *inteligentsia*, e mais ainda, talvez, as incertezas do *«establishment»*, limitam a liberdade de acção dos Estados Unidos no exterior e o uso que eles podem fazer da força (ainda que as reacções da opinião americana não pareçam estorvar ou preocupar muito o presidente Nixon). Mas talvez que estes diferentes factores contribuam, apesar das aparências, para reforçar a influência e o prestígio americanos, na medida em que obrigam a América a uma política menos intervencionista ou mais moderada. O argumento não é decisivo, mas a pergunta merece, pelo menos, ser posta.

Em segundo lugar, o messianismo americano passa agora a pertencer ao passado? Nada é menos certo, pelo menos se se considerar em relação a certas declarações de militantes da nova esquerda, que afirmam querer criar nos Estados Unidos uma «nova nação» a apresentar como exemplo a todo o mundo. (Ver nos Estados Unidos uma sociedade modelo, ou considerá-los, como fazem actualmente certos contestatários, como a «nova Babilónia», corresponde a considerar que, num e noutro caso, a América está no centro do mundo). Intelectuais europeus, como J.-F. Revel ou Wladimir Dedijer, insistem, também eles, no carácter exemplar da nova revolução americana. Esta nova metamorfose do «modelo americano» merecia, só por si, uma longa discussão que não é possível encetar aqui. Contentemo-nos em recordar o que F. Masnata notava nestas colunas em Janeiro de 1971: os movimentos de contestação nos Estados Unidos *«dizem respeito directa e concretamente à realidade americana»* e preconizam na maior parte dos casos soluções que *«devem muito ao facto dos Estados Unidos serem os Estados Unidos»*. Em 1972, não mais do que em 1950, o «modelo americano» não parece exportável tal como é; neste sentido, sem dúvida que nunca existiu.

Um dos contributos dos contestatários para os Estados Unidos consiste, de resto, num reexame da imagem que os americanos fazem de si próprios e numa crítica desta ideia de modelo no próprio seio da sociedade americana. O modelo dominante da cultura anglo-saxónica já não se impõe a todos com a mesma força constrangedora. É por isso que a América não está, talvez, na *«altura de se separar em duas sociedades, uma branca e próspera, outra negra e pobre. Nos seus sonhos e nas suas angústias, está em vias de se tomar uma nação de deslocados aos quais não se pode aplicar uma única ética ou um estilo de vida único»*. Segundo esta interpretação, a América iria, pouco a pouco, para uma concepção de si própria mais tolerante do que anteriormente relativamente às diferenças culturais. Bem longe de estar irremediàvelmente despedaçada em classes e em grupos étnicos irreconciliáveis, ela teria adquirido a unidade suficiente para se permitir esta renovação dos conflitos ideológicos que se constatam actualmente nos Estados Unidos. De certa maneira, estaria, em suma, em vias de se encaminhar para uma maturidade nova (ver a este respeito a interpretação de John Lukacs, «America may bey in its last phase of adolescence», *New York Times*, 5 de Dezembro de 1971. Sobre a renovação dos conflitos ideológicos nos Estados Unidos, ver, de Serge Hurtig, «Les Amé ricains et leur régime», Revue française de science politique, Avril de 1969), bem entendido, na condição das reacções violentas não virem entravar esta evolução. Uma América saída da adolescência poderia igualmente renunciar, no exterior, à arrogância do poder e a um messianismo exagerado, e admitir uma diversidade de regimes e de interesses, tal como começa a admitir, no seu caso, uma verdadeira pluralidade de grupos e de culturas. Talvez que estas interpretações sejam demasiado optimistas... Recordemos, no entanto, à guisa de conclusão, a resposta de Adam Smith a um dos seus interlocutores que, na altura da Guerra da Independência americana, se lamentava sobre o declínio da inglaterra: *«Homem, lembre-se de que há grandes ruínas numa grande nação»*.

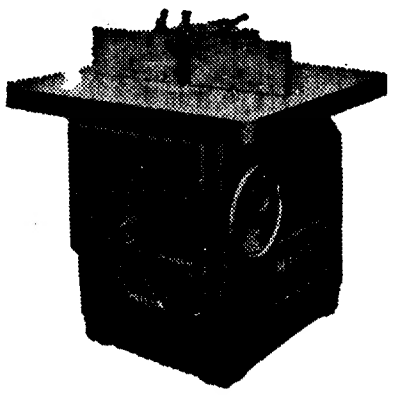
GROSS
Ambassador

A CAIXA REGISTADORA detalhadora DE CARACTERÍSTICAS COMPLETAS

- Capacidade de registo 9.999$90
- Fiada de iniciais
- Recebimentos, Créditos e Pagamentos
- Somadora independente

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
Soc. de Rep. SIDA – SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 15-17 TEL. 36 93 31 – LISBOA

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

TUPIA VERTICAL
Modelo TV-6

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS
MONÓLOGO EM ÉFESO

COLECÇÃO AUTORES PORTUGUESES 60$00

UMA AGUDA E INDEPENDENTE OBSERVAÇÃO DO TEMPO E DOS COSTUMES. O REAL E O IDEAL NAS PÁGINAS DE UM LIVRO DIFERENTE

uma edição LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

COLESTEROL ?
ATEROSCLEROSE ?
o seu problema alimentar será fàcilmente resolvido através dos métodos de ALIMENTAÇÃO RACIONAL diese

Através do Gabinete de Estudos de Nutrição faculta-se o estudo, planificação e organização de Esquemas Alimentares, adaptados ao seu caso particular, quer para profilaxia, quer para normalização dos seus problemas de saúde.

contacte o
GABINETE DE ESTUDOS DE NUTRIÇÃO
av. república, 46 - lisboa 1
se mora em Lisboa, utilize o telefone 76 71 41

SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990$00	VENDAS A PRAZO
Frigoríficos	1.900$00	
Trituradores	260$00	
Secadores de cabelo	140$00	
Cassetes	35$00	
Relógios de cozinha	300$00	

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

BILHETE DE IDENTIDADE

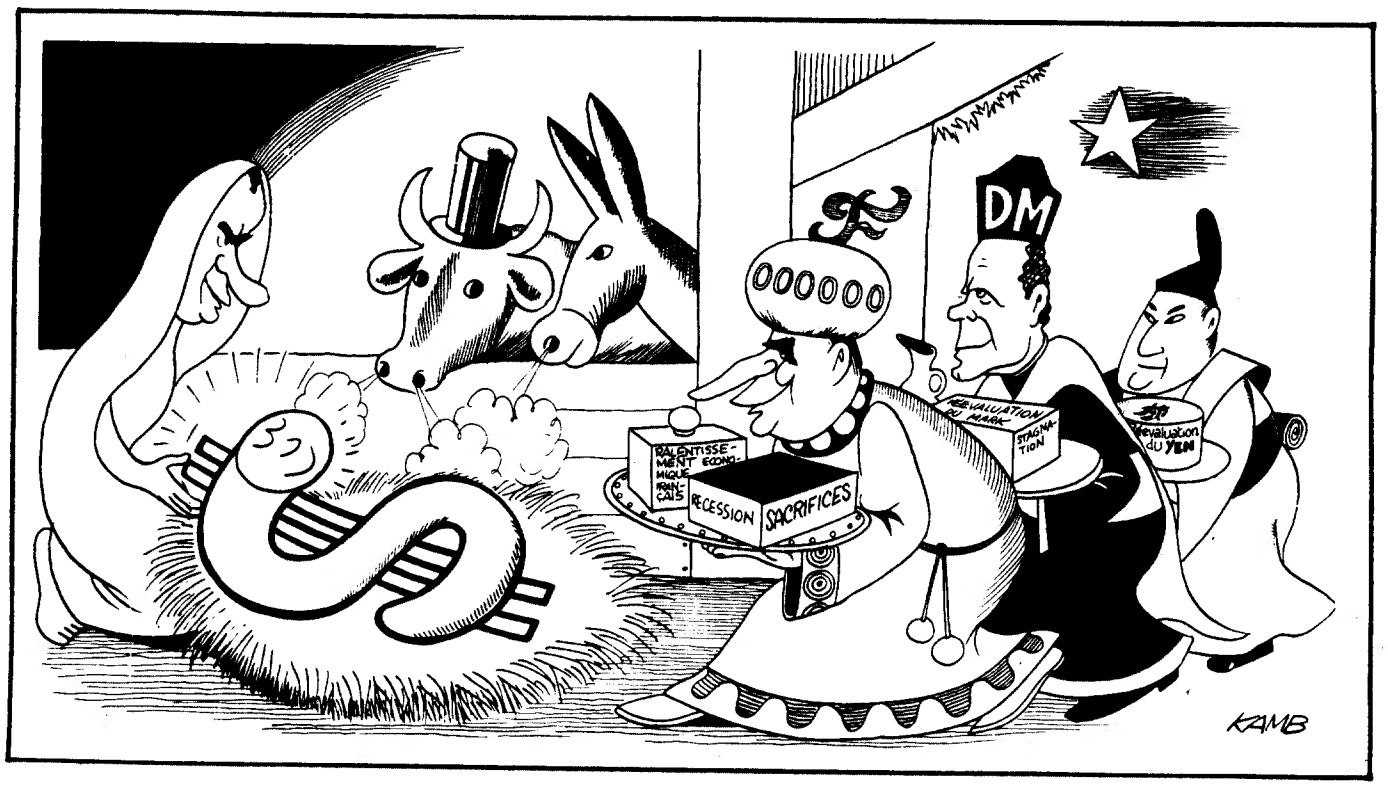
Se precisa de obter ou renovar o seu bilhete de identidade antes de Outubro, faça-o desde já. Nos meses de Verão, a afluência de público costuma ser tão grande que é impossível evitar bichas com as consequentes incomodidades para as pessoas.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª feira, e ao sábado de manhã. Procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

O CAPITALISMO

A EXPANSÃO PERSISTE... NO ESTRANGEIRO



Por JEAN-FRANÇOIS LANDEAU

Os Estados Unidos continuam a ser a primeira potência económica mundial. E isto a despeito das transformações do dólar. O que não é nada surpreendente, pois, ao fim e ao cabo, não se disse do dólar que **não se tornou moeda internacional nem pela vontade do Congresso nem pela de Deus, mas porque respondia melhor do que os outros bens financeiros às diversas necessidades simultâneamente dos bancos centrais e das empresas ou particulares estrangeiros. O dólar já não é apreciado pelos bancos centrais europeus, nipónicos e outros, mas ainda não se demonstrou que as empresas e o particulares não americanos estejam desgostosos com isso.**

A evolução conjuntural, tanto na Europa como nos Estados Unidos, há cerca de dois ou três anos, mostra precisamente que os dirigentes políticos sucumbiram à tentação de fazer coincidir o calendário económico com o calendário eleitoral. Não se trata de uma conjuntura em que se incite a expansão e diminua o desemprego antes das eleições, e em que se trave a inflação depois de as ter ganho, que dá uma impressão de poder. Os Estados Unidos estão neste caso.

Para constatar que o capitalismo americano continua vigoroso, é preciso examinar já não a conjuntura mas as empresas. É suficiente ler a célebre classificação da revista **Fortune**. Todos os anos publica um bom número de aglomerações, conglomerações, fusões e, é preciso também confessá-lo, de confusão. Sem dúvida, não se comparam senão as noções comparáveis. O produto nacional bruto é uma soma de valores conjuntos e o valor conjunto uma parte apenas do montante de negócios. Mas é perfeitamente chocante constatar que as duas ou três primeiras empresas americanas de palmarés de **Fortune** fazem, quer o ano seja bom ou mau, um montante de negócios igual ao produto nacional bruto da Holanda ou da Bélgica.

Mais chocante ainda é o facto destes montantes de negócios serem, cada vez mais, obtidos quer na Holanda, quer na Bélgica, quer algures, contanto (mas é tradicional) as exportações crescentes destas empresas no estrangeiro e, sobretudo, consolidando no montante de negócios da sociedade-mãe nos Estados Unidos os das suas filiais no estrangeiro. Finalmente, vítima, no interior, do ciclo económico-eleitoral, o capitalismo americano exprime-se actualmente sobretudo no exterior.

O capitalismo americano é imperialista até ao ponto em que se pode falar de «excrescência americana no estrangeiro» no duplo sentido de excrescência e de crescimento no exterior.

A VANTAGEM DA MOEDA DE RESERVA

A história dos investimentos directos americanos no estrangeiro coincide com a idade de ouro - se é que se pode dizer - do dólar.

Sabe-se que os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial mais fortes do que nunca. Em contrapartida, as economias europeias encontraram-se muito diminuídas sob o ponto de vista económico. As suas reservas em ouro e divisas tinham desaparecido e havia uma necessidade enorme de importações para reconstruir as suas economias danificadas. O dólar constituiu, pois, objecto de uma procura considerável que se manteve parcialmente insatisfeita durante anos. No entanto, por diversas razões - desvalorização da maior parte das moedas europeias relativamente ao dólar, em 1949, a adopção pelos Estados Unidos do Plano Marshall, levantamento económico excepcionalmente rápido da Europa, abrandamento do crescimento económico americano - o desequilíbrio entre o Velho e o Novo Continente desapareceu progressivamente. Facto sintomático, no fim da década de 50, a penúria de dólares havia deixado de constituir um problema, na medida em que as reservas oficiais de dólares detidas pela maior parte dos países da Europa (excluíndo a França) atingiam um nível julgado - já - satisfatório.

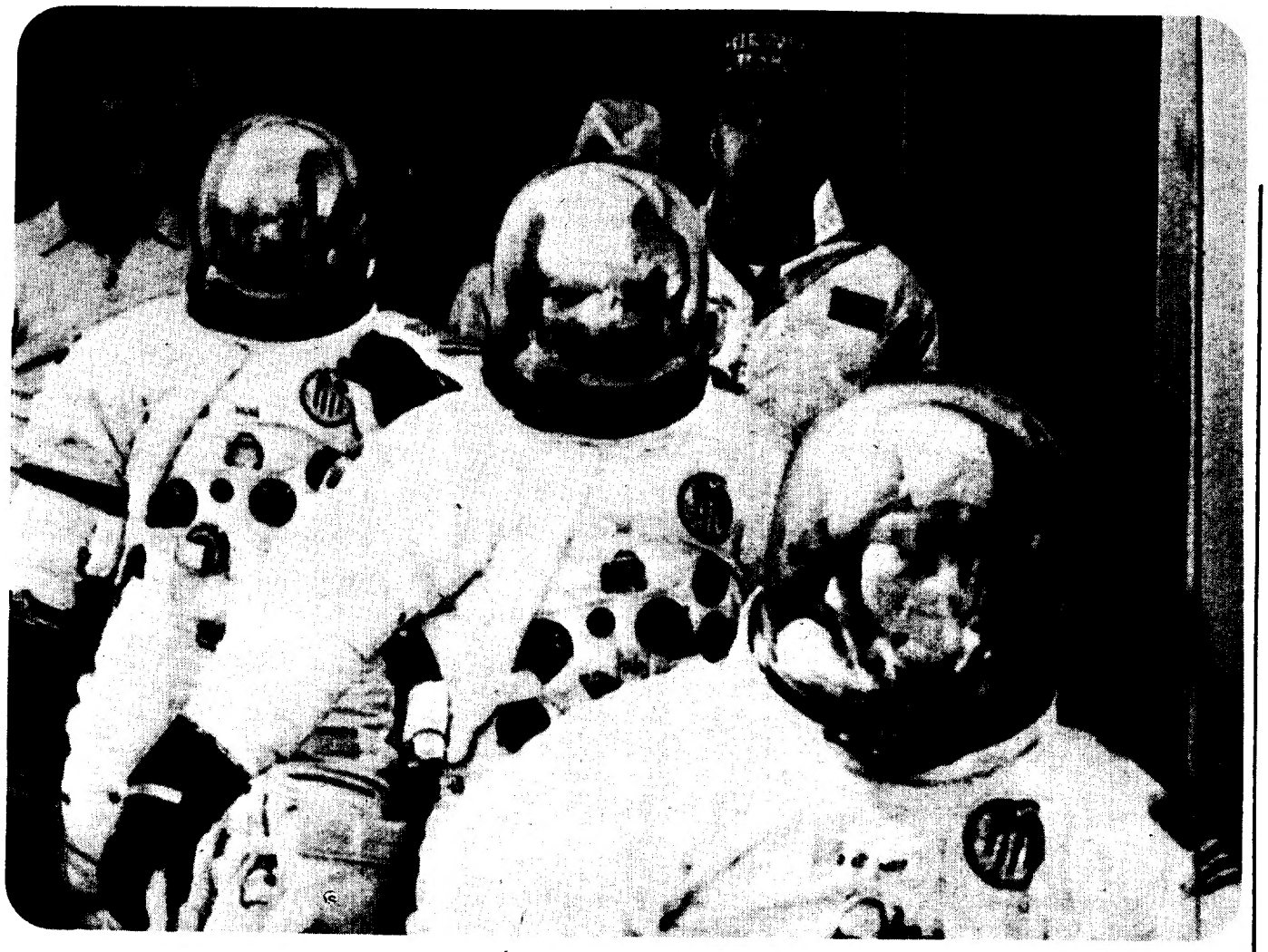
Contràriamente àquilo que geralmente se acredita, o comércio externo não é a causa deste refluxo de dólares dos Estados Unidos para a Europa. O comércio bilateral é tradicionalmente beneficiário para os estados Unidos. De facto, desde então, **nós europeus, pagámos aos Estados Unidos para que eles nos comprem.** E que os americanos tinham compreendido a vantagem do sistema do padrão divisas-ouro (institucionalizado em Bretton-Woods em Julho de 1944), que permite ao país de moeda **de reserva pagar tudo o que compra no exterior, fazendo trabalhar a sua impressora de notas.**

A este respeito, a aparição do Mercado Comum, em 1 de Janeiro de 1958 marca uma tirada decisiva na «excrescência» americana no estrangeiro. Os empresários americanos fizeram tão bem as coisas que, em 1967, Jean-Jacques Servan-Schreiber gritava «ao desafio». Depois, o desafio tornou-se «perigo».

Perigo para aqueles que acolhem a «segunda América», mas perigo também para a primeira América. No dia 1 de Janeiro de 1971, os investimentos americanos no estrangeiro estavam calculados em 78 biliões de dólares (antes da desvalorização). Relativamente a 1960, a progressão é de 144 por cento. E la ultrapassa mesmo os 200 por cento no caso dos investimentos americanos na Europa, pois, em 1960, eles não representavam senão 20 por cento do capital americano no ultramar, é em 1970, representavam perto de um terço (32,7 por cento). Declínio - muito relativo, aliás - dos investimentos americanos na América Latina e no Canadá. É verdade que estes subcontinentes tinham, desde há muito, sido «investidos» dentro do limite do tolerável. A prova disso são os fenómenos de rejeição que se verificam actualmente, aqui e além, na América Latina.

Por muito paradoxal que isto pareça ser, a «segunda América» constitui um perigo crescente para a «primeira América. Embora isto seja difícil de medir, é incontestável que, tanto do lado das importações como do lado das exportações, as empresas americanas instaladas em territórios dos Estados Unidos sofrem cada vez mais a concorrência das empresas americanas instaladas no estrangeiro. Assim, em 1968, em 60 biliões de dólares de produtos vendidos pelas filiais americanas no estrangeiro, 78 por cento foram-no no país da implantação, 8 por cento foram exportados para os Estados Unidos e os restantes 14 por cento para terceiros países. Em 1970, estes 60 biliões transformaram-se em 77 biliões. Em comparação, as exportações americanas de produtos manufacturados atingiram então 29 biliões de dólares.

Na medida em que o seu défict de balança comercial atinge muito mais os americanos de que o seu déficit da balança de pagamentos, pode-se imaginar que a primeira América travará a segunda. No entanto, é preciso não ter ilusões. É a crença dos Estados Unidos em ver a Europa desenvolver-se de uma maneira autárcica que explica a bulímia de empresas europeias por parte dos americanos. Não há razões para que este movimento se detenha. A passagem da Europa dos Seis a uma Europa dos Dez, dar-lhe-á, antes, suplementares para que o movimento se acelere.



Á caminho de que futuro?

TERRENOS

COMPRAM-SE. SÓ TRATAMOS C/ O PRÓPRIO. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 565

1

EXCURSÕES EM AUTOCARRO

COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA

Realizadas nos nossos autocarros de turismo
Acompanhadas por pessoal altamente qualificado

Lourdes-Andorra-Madrid	9 dias	3.950$00
Lourdes-Andorra-Barcelona-Valência-Madrid	12 dias	4.950$00
Lourdes-Paris-Andorra-Madrid	15 dias	5.950$00
Paris-Londres-Madrid	16 dias	8.500$00
Bélgica-Holanda-Luxemburgo Vale do Reno-Suíça-Andorra	20 dias	9.950$00
Suíça-Áustria-Itália	24 dias	12.500$00
Galiza e Costa Cantábrica	9 dias	3.850$00

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

A DEFESA

A URSS ESTÁ DORAVANTE EM IGUALDADE COM OS ESTADOS UNIDOS

Há justamente vinte anos, um professor da Universidade da Califórnia, Frank L. Klingberg, dividia a história dos Estados Unidos, a partir de 1776, em períodos alternativos de extroversão e de introversão. Os primeiros duravam, em média, vinte e sete anos, os segundos vinte e um. Observando que a fase actual de abertura ao exterior havia começado em 1940, sugeriu que ela deveria chegar ao seu termo no decurso dos anos 60, sem dúvida em plena crise moral.

Aqueles que não gostam nada destas interpretações cíclicas da História, não podem senão arrepender-se ao constatar que os primeiros sinais do cerceamento americano apareceram em 1967: nesse ano, os Estados Unidos recusaram deixar-se arrastar para novos conflitos na Nigéria e no Congo e para o caso dos estreitos. Depois, em 1968, foi a decisão de Lyndon Johnson de não representar nas eleições decisão na qual as consequências da ofensiva comunista do Tet, no Vietname do Sul, desempenharam a sua parte. Pouco mais ou menos em meados do último ano, a maior parte dos americanos chegou a compartilhar a opinião de que a guerra travada na Indochina era uma coisa má.

Dado o papel desempenhado pela guerra da Indochina nesta evolução, não deixa de ter interesse determo-nos sobre as origens do compromisso americano no Vietname. Um dos factores que agiu neste sentido foi a escola do pensamento que acordava a prioridade à região do Pacífico («Pacific First»), no seio da ala conservadora do Partido Republicano. Esta escola, que já havia desempenhado um papel essencial quando da fase de introversão de 1919 a 1940, encontrou um revigoramento de influência com a perda da China Continental em 1949 e a Guerra da Coreia em 1950. Naturalmente, o falecido general Douglas Mac Arthur tornou-se o grande herói desta «antecâmara chinesa».

Foram, todavia, os intelectuais liberais à volta do presidente Kennedy, e que o ajudaram a definir a sua «nova fronteira», que deram o passo realmente decisivo para o Vietname do Sul, e que desenvolveram as novas doutrinas da contra-revolução. Em traços largos, este compromisso no Vietname pode ser considerado como a derradeira manifestação deste sentimento de ter uma missão global a cumprir, própria da «nova fronteira». Examinado mais de perto, provinha de uma confiança extravagante na análise académica, mesmo quando esta se aplicava aos problemas sociais e militares particulares de um ambiente novo. O aborrecido é que o idealismo colorido de utopismo que tinha alimentado estas atitudes, devia revelar-se impossível de preservar. E uma vez que se instalou a decepção gerada pela persistência dos traumatismos nascidos da guerra da Indochina, era inevitável que a atmosfera psicológica favorável à retirada total tomasse um carácter endémico

Assim, desde que se encontram no poder, Nixon e o dr. Henry Kissinger, seu assistente especial para as questões de segurança nacional, têm tentado pôr em ordem o quadro conceptual de uma nova estratégia internacional por forma a relaxar a pressão que se exerce sobre as energias e os recursos da América sem prejudicar demasiado a coesão e a credulidade do país. Na sua «declaração de Guan» em Julho de 1969 o presidente fez saber que daí em diante, não se enviariam mais tropas terrestres em número importante, no caso de se vir a produzir uma situação do tipo vietnamita. O que é mais, o objectivo da política americana mesmo na Indochina foi, seguida, limitar o auxílio militar, a partir de 1972, ao fornecimento de uma assistência logística e de uma cobertura aérea.

Ao mesmo tempo, o nível das forças na Coreia do Sul, até ali de cerca de quarenta e cinco mil homens, foi reduzida quase a metade. E entregaram Okinawa ao Japão. Outras reduções de efectivos foram também operadas nas pequenas guarnições estacionadas algures no Pacífico.

Que se fez na Europa no Mediterrâneo? Insistiu-se muitas vezes sobre o facto de os europeus do Oeste deverem assumir uma maior parte do fardo da sua própria defesa. Todavia, no fim do ano passado, a administração Nixon renovou as suas afirmações de que não retiraria unilateralmente as suas tropas dos países europeus da OTAN e que não negociaria, também, separadamente com os russos reduções bilaterais. Além disso, a determinação de conservar uma forte influência no Mediterrâneo oriental viu-se recentemente confirmada por novos fornecimentos de material militar à Grécia e a Israel e por uma negociação com vista a obter facilidades de acolhimento à VI Esquadra no porto de Pireu.

Assim sendo, poderiam não obstante, produzir-se certos fenómenos gerais durante este decénio, que levariam a reforçar os efeitos do «neo-isolacionismo» americano no estrangeiro. Um desses fenómenos é o mal-estar social crescente que persiste nos Estados Unidos. Além disso, o ressurgimento mais vigoroso do proteccionismo económico em seguida ás novas dificuldades monetárias internacionais ou da intensificação da concorrência do Mercado Comum e do Japão. Um terceiro factor poderia ser a derrota na Indochina. Finalmente, um quarto: a eleição de um democrata para a Casa Branca.

UMA GUERRA E MEIA

Por outro lado, algumas das decisões já tomadas pela administração actual poderiam ter consequências ainda mais importantes do que aquilo que se tinha pensado, particularmente aquelas que dizem respeito à Europa Central. Consideremos, por exemplo, a redução anunciada da capacidade militar prevista pelos Estados Unidos. Esta capacidade é concebida, já não em função de «duas guerras e meia», mas de «uma guerra e meia». Com efeito, no tempo de Kennedy, o objectivo era o seguinte: estar pronto a contribuir para a defesa dos países europeus da OTAN contra um ataque de armas pesadas convencionais durante, pelo menos, três meses, sem deixar de continuar a proteger quer a Coreia , quer a Ásia do Sudeste, contra um grande ataque chinês e, mais ainda, fazendo face a acontecimentos relativamente menores algures. A partir de então, a estratégia limitar-se-á ao modelo concebido para «uma guerra e meia» segundo o qual, para citar o presidente Nixon, os Estados Unidos ... *manterão em tempo de paz forças de objectivo geral capazes de fazer face,* ao mesmo tempo, *a um grande ataque comunista* na Europa ou na Ásia, *de ajudar os seus aliados em caso de ameaças não chinesas na Ásia, e de impedir acontecimentos algures.*

Tendo em conta as reduções em curso na Ásia, este último número deveria permitir ao VII Exército de terra e ao XVII Exército aéreo na Alemanha Ocidental conservar as suas forças actuais, pouco mais ou menos. Mas nada garante que o total dos efectivos humanos se estabelecerão nas proximidades dos níveis previstos.

As dúvidas, sobre este ponto, visam particularmente o exército de terra americano, que suportou o maior esforço da campanha da Indochina e que, ao mesmo tempo, foi o que mais sofreu com esta confrontação, no plano moral e na opinião do público. Assim, embora perto de 70 por cento dos 1100 000 homens que conta o exército americano actualmente sejam voluntários, estudos oficiais calculam que cerca de metade destes que se alistaram voluntàriamente agiram assim só porque quiseram evitar ser chamados ás fileiras em condições menos favoráveis. É preciso também não ignorar a erosão severa que se produzirá à escala dos reservistas mobilizáveis após a abolição do serviço selectivo.

A VII Esquadra americana: não já os primeiros...

Por NEVILLE BROW

Se as relações sino-americanas entrarem, efectivamente, numa fase prolongada de acalmia, o risco de um compromisso maior dos americanos na Ásia tornar-se-á então menor, e esta estratégia de «uma guerra e meia» será compatível com a manutenção de uma forte presença na Europa. Mas se o optimismo neste sector tiver que se revelar mal fundado, é o contrário que se produzirá.

O compromisso tomado por Nixon, durante a sua campanha eleitoral de 1968, de obter a abolição do serviço selectivo, foi confirmado nos princípios de 1970 pela comissão presidencial sobre a introdução do voluntarismo total das forças armadas; esta pronunciou-se por unanimidade a favor da aplicação, por volta de 1973, do princípio de inscrição puramente voluntária no exército em tempo normal. A intenção oficial é, agora, acelerar o processo, reduzindo o número dos homens em serviço activo de três milhões 150 mil em 1970 para 2 milhões e quinhentos mil aproximadamente na nova fase.

De que maneira se pode comparar esta evolução do papel mundial da América com o que se passa no mesmo domínio na U. R. S. S.? Não faltam provas, mostrando que a outra superpotência, também ela, está em vias de entrar num período de crise interna profunda. Todavia, a sua reação é, na aparência, diametralmente oposta à da sua grande rival. Os Estados Unidos curvam-se sobre si próprios para tentar resolver as suas tensões. Ao invés, a U. R. S. S. torna-se cada vez mais empreendedora no estrangeiro, na esperança, segundo parece, de evitar, assim, opções dolorosas no interior, ou de as retardar.

Dois exemplos concretos ajudarão a ilustrar esta diferença de atitude. A maior parte dos observadores felicita-se pelo facto de a União Soviética consagrar mais esforços de que os Estados Unidos ao desenvolvimento das estações orbitais habitadas, as quais — desde que as dificuldades relativas à imponderabilidade possam ser vencidas — devem oferecer as melhores perspectivas de progresso na investigação espacial durante os dez próximos anos. Mas, ao mesmo tempo, constata-se, segundo os cálculos do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres, que as despesas consagradas pelos soviéticos à defesa mantêm-se próximo dos 11 por cento do produto nacional bruto entre 1967 e 1970, enquanto que, para a América esta percentagem caíu de 9,5 para 7,8 por cento.

O mar é um domínio em que, graças a um esforço financeiro firme, recheado de inovações técnicas, os soviéticos puderam modificar espectacularmente o equilíbrio global das forças. Viu-se até que ponto as possibilidades de acção da marinha soviética estavam limitadas, até estes últimos dez anos, às suas próprias águas costeiras no momento da crise de Cuba em 1962: numa deplorável demonstração, vários dos submarinos que tentaram alcançar as Caraíbas sofreram avarias e tiveram de ser rebocados para o seu país.

Este vexame não serviu senão para reforçar o interesse que se manifestava em Moscovo, nessa altura, pela exploração da propulsão nuclear e por outras técnicas avançadas para operar á escala mundial. Uma nova presença naval russa foi estabelecida no Mediterrâneo em 1964 e o seu reforço foi acelerado depois da guerra de Junho de 1967. Algumas semanas antes da invasão da Checoslováquia em 1968, manobras de grande envergadura do Pacto de Varsóvia foram organizadas no Báltico e no Atlântico Norte. Vários meses antes, uma esquadra naval soviética havia penetrado no oceano Indico. Depois do Outono de 1970, algumas unidades de combate visitaram os portos cubanos. E, entre os vasos de guerra da marinha soviética observados no Atlântico Sul, figuram submarinos de propulsão nuclear.

Certamente, a doutrina de Guam deveria favorecer o aumento das despesas do orçamento americano da defesa consagradas à marinha, por forma que ela pudesse finalmente, modernizar-se. Mas isso em nada modificará o facto de a marinha soviética ter penetrado agora em várias zonas marítimas de interesse primordial que outrora eram feudo exclusivo dos navios ocidentais e que são, sem excepção, bem mais importantes para o Ocidente do que para o bloco soviético. Daqui resulta, para a marinha soviética, um aumento das suas possibilidades de intervenção em tempo de crise.

Uma outra modificação importante no equilíbrio das forças das duas superpotências após o caso de Cuba, situa-se ao nível das armas estratégicas. Há dez anos, a força de dissuasão soviética compreendia menos de trezentos bombardeiros e mísseis intercontinentais. Os primeiros tinham possibilidades medíocres enquanto que os segundos, enormes e incómodos, não dispunham de sítio adequado para se abrigarem. Mais ainda, o reconhecimento aéreo americano não tinha nenhuma dificuldade em determinar a posição de todas as bases aéreas e de todas as rampas de lançamento soviéticas. Assim, a força de dissuação soviética era susceptível de ser quase completamente destruída por um ataque de surpresa da força estratégica americana, mais eficaz, e que se aperfeiçoava mais ràpidamente.

Três ou quatro meses sòmente antes da crise cubana, com efeito, McNamara definia assim, num discurso pronunciado em Ann-Arbor (Michigan), esta opção a favor da contraforça total. «...**Se, apesar de todos os nossos esforços, tiver de haver uma guerra nuclear, a nossa melhor esperança seria conduzir uma campanha dirigida de um ponto central contra todas as capacidades nucleares vitais do inimigo, conservando sempre forças de reserva, todas elas controladas de um ponto central.**» À luz destas observações, a tentativa feita pelos soviéticos para instalar mísseis estratégicos de médio alcance em Cuba, não se parece nada com um gesto loucamente aventurista mas como uma reacção de pânico por parte de um país que tomava repentinamente consciência que estava em vias de perder uma corrida vital aos armamentos.

Porém, em meados do ano 60, uma situação de igualdade real sucedeu a este desequilíbrio. Hoje, as duas superpotências possuem mais de 1500 mísseis estratégicos instalados quer em silos de cimento armado, quer nos submarinos. Para ser preciso, é necessário dizer que a União Soviética detém uma vantagem numérica, mas este pormenor apresenta apenas um interesse isotérmico, pois, para cada um dos dois Estados, seria matemàticamente impossível, quer hoje, quer num futuro previsível, entregar-se a um ataque total por meio da sua contraforça, porque isto seria, simplesmente, expor-se a uma operação de réplica que o esmagaria.

Há uma dúzia de anos aproximadamente, era crença largamente difundida nos Estados Unidos, especialmente entre os democratas que o fim iminente da supremacia nuclear americana encorajaria os russos a considerar com mais audácia acções locais de prova de força. Foi esta a tese defendida pelo general Maxwell Taylor num livro que causou grande impressão sobre o presidente John F. Kennedy.

Porém, hoje, é uma visão completamente diferente que se esforçam por compartilhar alguns destes mesmos liberais que haviam defendido com tanto fervor a ideia de um represamento global do comunismo soviético implìcitamente contida no discurso inaugural do presidente Kennedy. Consideram agora, de uma maneira descontraída relações futuras com o mundo comunista no seu conjunto, e com a União Soviética em particular. A confrontação, acredita-se, está em vias de se diluir na *calma.*

Talvez que esta mudança de opinião diga muito mais sobre as atitudes novas que estão a aparecer na América do que sobre a União Soviética. Evidentemente que a U. R. S. S. encontra na melhoria da sua posição estratégica a confiança necessária para forçar a negociação com o Ocidente sobre os problemas capitais, como o do controlo dos armamentos. Mas, ao mesmo tempo, poderia sentir-se menos inibida para fazer a demonstração da sua força militar se se apresentasse ocasião. Para parafrasear Theodore Roosevelt, poderia acontecer que ela aprendesse, simultâneamente, a falar suavemente e a brandir um varapau.

MAIÚSCULA

Fabricantes de mobílias todos os estilos. Estofos, decorações tapeçarias e electrodomésticos

PRAÇA PAIVA COUCEIRO, 1
TELEFONE 84 63 39